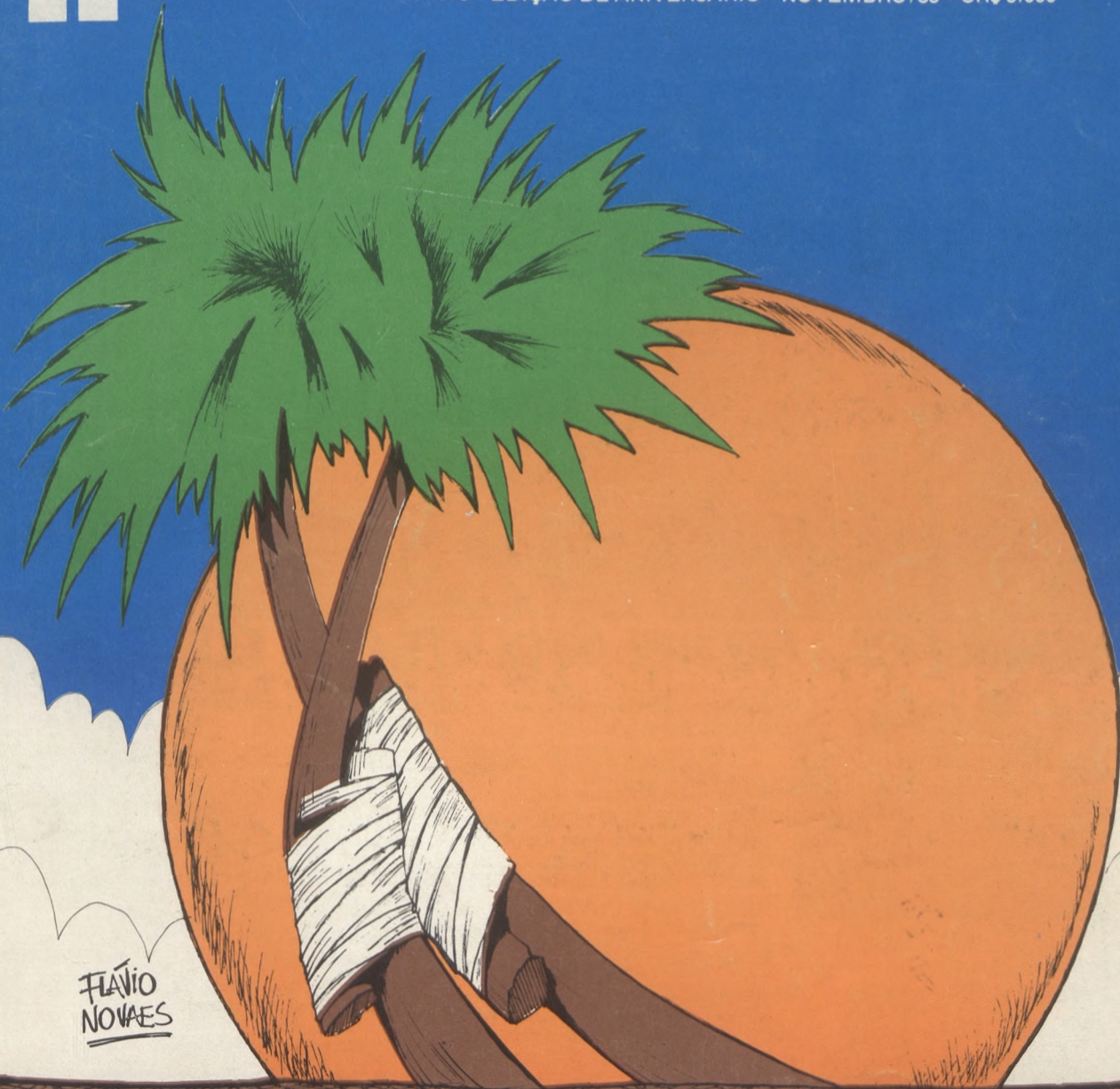


REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

ANO XVI • N.º 170 • EDIÇÃO DE ANIVERSÁRIO • NOVEMBRO/85 • CR\$ 5.000



FLAVIO
NOVAES

NOSSA CIDADE NATAL

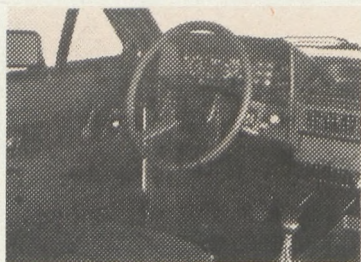
UM DESAFIO PARA O PREFEITO ELEITO

416

OS NOVOS GOL ESTÃO NA FRENTE.



VENHA FICAR FRENTE A FRENTE COM ELES.



MUDOU A CARA: OS GOL TÊM NOVA FRENTE, HARMONIOSA, AERODINÂMICA.

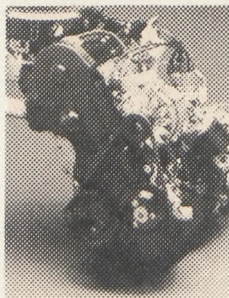
E MUDOU O CORAÇÃO: ELES TÊM NOVO MOTOR 1.6 MD-270 COM MAIOR POTÊNCIA, MAIS ACELERAÇÃO, AGILIDADE, ELASTICIDADE, E MUITA ECONOMIA.

ALÉM DISSO, OS NOVOS GOL TÊM INTERIOR COMPLETAMENTE NOVO. BANCOS ANATÔMICOS, QUE DÃO MAIS CONFORTO AO MOTORISTA, E MAIS

ESPAÇO PARA QUEM SENTA ATRÁS.

ACABAMENTO INTERNO MONOCROMÁTICO COM NOVOS PADRÕES E CORES. CINTOS DE 3 PONTOS AUTOMÁTICOS, DE SÉRIE. ILUMINAÇÃO CENTRAL. CONSOLE, MARCADOR DE TEMPERATURA, E NOVOS DETALHES QUE OS ATUALIZAM AINDA MAIS.

NOS NOVOS GOL SÓ O MELHOR CONTINUA COMO ANTES: A EXTRAOR-



DINÁRIA ESTABILIDADE. A DIREÇÃO LEVE E PRECISA, OS FREIOS

EXCELENTES E PRECISOS.

OS NOVOS GOL JUNTAM A MELHOR TECNOLOGIA A TUDO DE BOM QUE O GOL JÁ TINHA.

AGORA SOME TUDO ISSO COM NOSSOS PLANOS DE FINANCIAMENTO COM TODAS AS FACILIDADES, E UMA AVALIAÇÃO INCRÍVEL DO SEU CARRO USADO, QUE VOCÊ VIRÁ HOJE MESMO CONHECER OS NOVOS GOL S/LS.

OS CARROS QUE ESTÃO NA FRENTE.



GOL S/LS

CONCESSIONÁRIOS AUTORIZADOS

MARPAS S.A.

TAVARES DE LIRA, 159 - PTE. SARMENTO, 592



DIST. SERIDÓ S.A.

AV. NASCIMENTO DE CASTRO, 1597

ESTADO

Especial: Natal, segundo Marcos Formiga	11
População critica sistema de habitação	17
As falhas na educação do município	18
Política cultural não satisfaz artistas	20
O desprezo do meio-ambiente	22
Falta de infra-estrutura prejudica turismo	23
O protesto das federações de esporte amador	25
Uma cidade ainda insegura	28
O rescaldo da eleição municipal	30
A vez de um vice	31
Os empresários da noite	34
Uma central para reclamações sobre transporte	35
Natal despreza os idosos	37
O império de "Roque Santeiro"	38
O peso da política no esporte	40
Marinho: do futebol à política	42
Um museu em nova fase	43

ARTIGOS

Raimundo Soares	9
Eduardo Pinto	32
Economia	46
Esporte	50

SEÇÕES

Homens & Empresas	4
Cartas & Opiniões	6
Agenda do Empresário	47
Cultura	51

FOTOGRAFIA

João Maria Alves

CAPA

Flávio Novaes



A capital e a política

Eleito o novo prefeito de Natal, é o momento de analisar a amplitude da tarefa de Garibaldi Filho e sua equipe à frente do Executivo Municipal, tornada ainda mais difícil pela consagração do voto popular, obtido em parte pela formalização de muitos compromissos. Natal é uma cidade com muitos problemas e poucos recursos, como coloca o atual prefeito, Marcos Formiga, em entrevista à pág. 10. A comunidade, por sua vez, aponta outros problemas, e mostra-se insatisfeita com a atuação da Prefeitura em diversas áreas (matérias a partir da

pág. 17). Do ponto de vista político, a eleição trouxe perspectivas que vão influir decisivamente nos resultados eleitorais de 1986. De novo, apenas o desempenho de um pequeno partido — o PDT, que começa a germinar junto ao eleitorado, responsável por algumas surpresas reservadas para políticos mais experientes na disputa pelo voto. Os perdedores e ganhadores das eleições municipais, as variáveis que contribuiram para a vitória dos Alves — tudo isso pode ser encontrado a partir da pág. 13.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XVI • N.º 170 • NOVEMBRO/85 • CR\$ 5.000

DIREÇÃO

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira

DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira

REDAÇÃO

DIRETORA DE REDAÇÃO: Josimey Costa

PRODUÇÃO

Carlos José Soares

ARTE

Carlos José Soares
João Silva

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO

Moacir de Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO

Antônio José Damasceno Barbalho

REVISÃO

Beth Karakanian

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA.

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio-econômicos do Rio Grande do Norte, é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 3.000. Preço da assinatura anual: Cr\$ 30.000. Preço do exemplar atrasado: Cr\$ 5.000. Consulta ao arquivo-memória: Cr\$ 20.000.

ÉPOCA PROPÍCIA —

Se as eleições municipais não foram terreno suficientemente fértil para o surgimento de novos veículos de comunicação, o mesmo não se poderá dizer de 1986. Nos murmúrios que correm do “Grande Ponto” ao “Café São Luiz”, dos bares às mesas de terça e quinta da “Bella Napoli”, estão para nascer diversos veículos. Dentre estes, no mínimo dois são jornais. Inclusive, o diagramador Moacir de Oliveira está fazendo a programação visual de um deles.

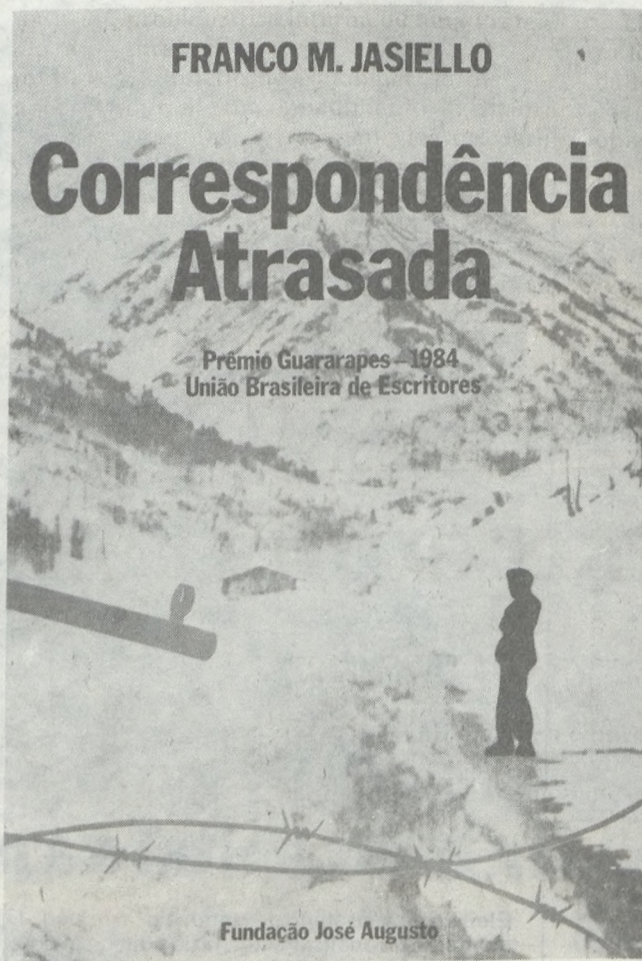
...

BOTIJÕES À SOLTA

— O Seridó sempre teve algumas peculiaridades curiosas. As duas mais novas referem-se a carros. A cotação de veículos usados anda muito alta — uma Panorama/81 pode ser vendida fácil, fácil, por 20 milhões de cruzeiros. A outra peculiaridade anda preocupando muito a Polícia Rodoviária Federal, quase impotente diante da ocorrência: o uso de botijões de gás como combustível. A proporção, em Caicó, é de um carro com botijão para cada cinco veículos.

...

EXPANSÃO DE CONSUMO — As vendas do comércio varejista em Natal cresceram consideravelmente este ano. É o que indica a última “Carta do Comércio”, publicada recentemente, que registra uma expansão real de 24,3 por cento até agosto de 1985. Os ramos que mais cresce-



O livro premiado



Comércio em ascensão

ram foram os de concessionárias de veículos, autopeças, utilidades domésticas, cine/foto/som, óticas e jóias e lojas de departamentos. O período natalino deve reservar, ao comércio, agradáveis surpresas.

...

BOA PUBLICAÇÃO

— Tanto o autor do premiado “Correspondência Atrasada”, Franco Jasiello, como as editoras — RN/Econômico e Fundação José Augusto — conseguiram elogios pela qualidade do livro. Alguns dos mais entusiasmados elogios chegam a colocar que a publicação faz jus a qualquer edição de âmbito nacional. Ponto para o mercado editorial potiguar.

...

SEMPRE O BICUDO

— O Banco do Nordeste — BNB — decidiu prorrogar as dívidas de operação de custeio e investimento para os produtores de algodão que tiveram lavouras prejudicadas pelo bicudo. Os danos das lavouras do Rio Grande do Norte e Paraíba chegam a atingir 84 e 86 por cento da área financiada pelo Banco.

...

FINANCIAMENTO DUVIDOSO — Os empresários estão bastante insatisfeitos com o financiamento dado pelo BDRN às micro. Não bastasse o prazo de carência inadequado — segundo reclamam al-

guns — a burocracia para recebimento do empréstimo está deixando muita gente de fora.

...

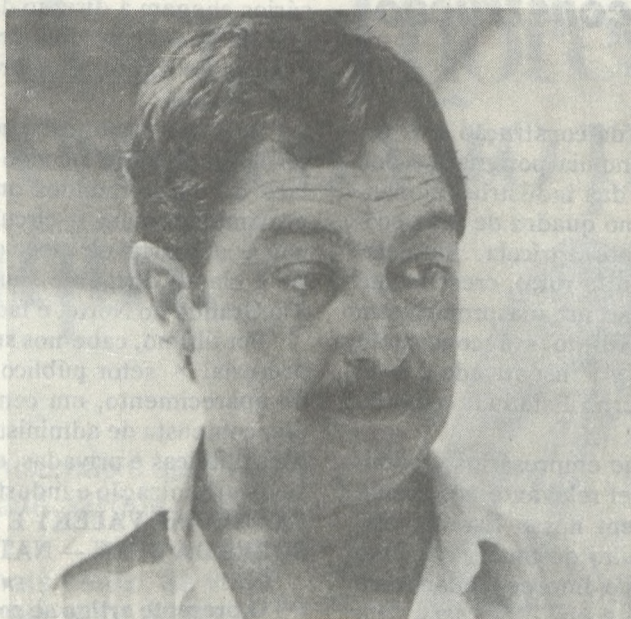
“SÃO BRAZ” CRESCE — Continua crescendo e em muito boa forma a empresa nordestina “São Braz S. A. Indústria e Comércio de Alimentos”. Tem nova razão social, está entre as grandes empresas de capital aberto, e promove uma campanha de lançamento nacional de mais um de seus produtos: O Vitangu. Produzido de milhos selecionados, é próprio para o preparo de angu ou canjica, denominação mais conhecida para o prato aqui no Nordeste.

...

ESCÂNDALOS FAMOSOS — Infelizmente, o Rio Grande do Norte tem uma tendência compulsiva de ser manchete nacional apenas em casos de escândalos. Na política, excetuando-se este ano, foi manchete pela última vez quando do atentado “produzido” contra Jessé Freire em 1978. Ao longo de 85, os escândalos domésticos se sucedem e não perdoam nem final de ano: nestes últimos dois meses, o futebol e a Polícia encarregam-se de apimentar as festas.

...

REPRESENTANTE ESTADUAL — O arquiteto Ari Rocha foi escolhido como porta-voz da comunidade científica nordestina — apesar de ser paulista — no I Plano



Ari Rocha

de Desenvolvimento do Nordeste. No início de dezembro, o arquiteto participa da formulação do Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

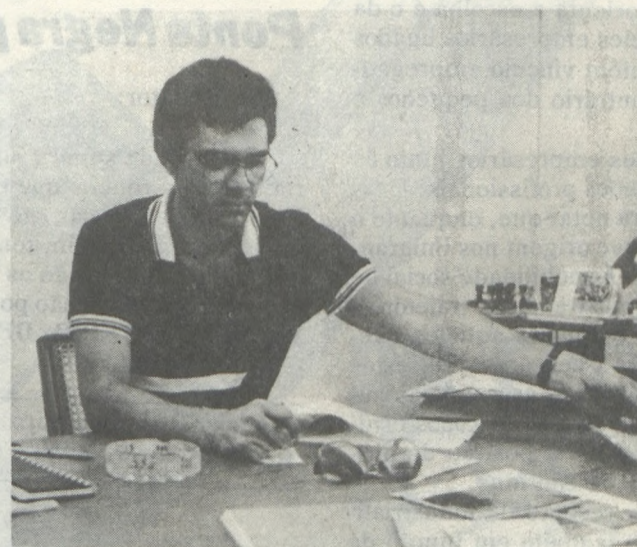
...

PAPEL FANTASIA — Natal agora conta com uma empresa especializada em confecção de papéis de embrulho decorados e com timbre de

firmas. É a “Embalagens Paulista”, que fica na R. Pres. Quaresma, 493. Ao que tudo indica, esse tipo de serviço antes era feito apenas fora do Estado.

...

“TONY” E O CALÇADÃO — O empresário Antônio Gentil encontrou uma boa solução para o calçadão de sua loja da Av. Rio Branco. Colocou tubulões de concreto



Antônio Gentil

e botou algumas plantas para compor o visual. Mas o importante mesmo é que, com essa medida, conseguiu afastar os ambulantes da frente de sua loja.

...

ALTA ROTATIVIDADE — As indefinições e tropeços da Alcalis/Alcanorte refletem-se fielmente na alta rotatividade que caracteriza a sua presidência. Criada em 1975, teve cinco presidentes até agora, sendo que o primeiro, Vasco Nunes Leal, ocupou o cargo por apenas dois meses; o segundo, José Edilson de Melo Távora, conseguiu permanecer quase quatro anos; o terceiro, Tarcísio Maia, renunciou antes do término da sua administração; Otomar Lopes Cardoso foi presidente durante 7 meses; e Reginaldo Teófilo, empossado em junho deste ano, tem se segurado a duras penas.

...

CASO DE POLÍCIA — Ponta Negra está realmente um caso sério. Segundo os próprios policiais que servem àquela área, a média de arrombamento de casas por final-de-semana chega a três. A preferência dos assaltantes vai para as casas maiores, fora do conjunto, e muitos professores universitários que residem por lá já tiveram oportunidade de chegar em casa e dar de cara com vazios onde antes existiam calculadoras, aparelhos de videocassete, televisores. E sem direito ao retorno dos mesmos.

Empresários da construção civil

A emergência da indústria da construção civil como estêio fundamental da economia potiguar se deu paralelamente ao crescimento das indústrias alimentares e têxteis, notadamente, no quadro de uma economia até então essencialmente agrícola. Paralelamente, os fenômenos de migração rural, crescimento urbano e aumento da população urbana propiciaram a emergência de empresas dedicadas à construção civil, até porque essa atividade era incentivada a nível de programas, não só do Governo Estadual como do Governo Federal (BNH).

Partindo do pressuposto que empresários e administradores podem ter um papel relevante no recente processo de industrialização em nosso Estado, elaboramos uma pesquisa no intuito de desvendar esse "ator social". Pois, assumimos o empreendedor como "ação e resultado da dinâmica social". Ou seja: sem discutir quais forças sociais que deram origem à industrialização, acreditamos que o encaminhamento dessa questão passa, dentre outras, pela questão do empreendedor, vez que citado processo se deu sob bases capitalistas.

Nesse sentido, cabe-nos indagar: quem é o empresário da construção civil do Rio Grande do Norte?

Nossa pesquisa de campo mostrou que é um empresário local; quando alienígena, está radicado em Natal há mais de vinte anos. Profissionalmente falando, é um engenheiro civil que tinha em média trinta anos quando entrou na empresa e galgou a direção desta num prazo de tempo relativamente curto. Enquanto fundador da empresa, se valeu de recursos próprios, para compor seu capital inicial, originado que foi do trabalho pessoal. Via de regra, não emprega membros de sua família, e quando o faz, o total de empregos oferecidos é pequeno e junto a cargos diretamente ligados à estrutura de poder. Ao recrutar pessoal, o motivo mais forte que orienta a escolha é o da experiência profissional. Aqueles empresários ligados às empresas maiores não mantêm vínculo empregatício com o setor público, ao contrário dos pequenos e médios.

É notável a participação dos empresários junto às entidades de classe ou associações profissionais.

Em face do exposto, dá para notar que, enquanto o nosso empresariado paulista teve origem nos imigrantes italianos, tem origem local. A mobilidade social de ambos, quando comparada, mostra duas trajetórias totalmente opostas, ou seja, enquanto aqueles tiveram maiores oportunidades de ascensão social, estes têm maiores dificuldades de acesso às camadas superiores. Vale ressaltar que, dentre os 31 casos estudados, apenas um deles ascendeu à posição de dirigente a partir da posição inicial de contínuo.

Em face não só do caráter recente da industrialização em nosso Estado, como também em função da baixa idade com a qual o pequeno ou o médio empre-

sários chegam à direção das empresas, dá para supor que há quase que uma pré-destinação do indivíduo à posição de diretoria: sobretudo, se ele tiver predica-dos técnicos.

De outra parte, cabe acrescentar que existe um tipo de empresário surgido em conjuntura recente, em face de oportunidades que se viabilizaram graças à proximidade com o círculo dirigente. Esta hipótese não é descartável, pois essa proximidade empresário e classe dirigente, num Estado pequeno como o Rio Grande do Norte, é factível.

Por último, cabe-nos supor que a ligação setor empresarial x setor público se constitui num indicativo do aparecimento, em cena, de uma nova classe média, composta de administradores ligados às organizações públicas e privadas, e que vem no bojo do processo de urbanização e industrialização recentes.

FRANÇOISE VALEKY E ROGÉRIO CRUZ, PROFESSORES DA UFRN — NATAL/RN.

(* O presente artigo se constitui num resumo de parte da pesquisa, apresentada no 8.º Congresso da ANPAD — Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração, realizada em São Paulo de 3 a 5 de setembro de 1984, sob o título **Empresários e empresas da construção civil do Rio Grande do Norte.**

Congratulações

Sr. Diretor,

Gostaria de registrar minhas sinceras congratulações por ocasião da passagem do 16.º aniversário de fundação deste veículo de comunicação, augurando continuado êxito e sucesso.

Cordialmente,

**CARLOS MARCHI DIRETOR-PRESIDENTE
EMPRESA BRASILEIRA DE NOTÍCIAS — EBN
BRASÍLIA/DF**

Ponta Negra pede socorro

Sr. Redator:

Gostaria de sugerir ao senhor que faça uma matéria sobre os roubos que estão acontecendo em Ponta Negra. Muitas casas são arrombadas durante o final-de-semana. Ninguém tem mais segurança nem tranquilidade. Onde estão as autoridades que não tomam providências? Isso não pode continuar assim. — **GERVÁSIA MONTEIRO DE SOUZA — PONTA NEGRA — NATAL/RN.**

**Cartas e opiniões para: Redator RN/Econômico,
Rua São Tomé, 421 — Cidade Alta — Natal-RN.**

As melhores impressões vão passar por aqui.

O RN/Econômico não é apenas o mais bem equipado parque gráfico do Estado

É também o mais veloz. Se você duvida, faça um teste: ligue para 222-4722 e diga qual é o seu problema.

A partir daí, toda uma equipe fica à disposição de sua empresa. Para serviços de off-set, policromia, tipografia, fotocomposição, fotolito, plastificação, composição de livros, jornais e revistas, impressão de notas fiscais, duplicatas, faturas e promissórias.

Vamos, telefone. Sua empresa vai ter uma excelente impressão do nosso parque gráfico.



RN/ECONÔMICO
Serviços gráficos de qualidade

222.4722

**Unificar a indústria, comércio,
órgãos federal, estadual e municipal
é o nosso objetivo desde 1943**



... Participe, divulgando a sua empresa e seus produtos em todo o território nacional e em mais de 100 países anunciando no CADASTRO DELTA.

Mais de 560.000 informações de empresas de todo território nacional, classificadas por Estados, firmas e produtos.

ALBEISA DO BRASIL EDITORES LTDA.

Rua Barão de Itapetininga, 255 — 7.º e 8.º andares — CEP 01042
Fones: (011) 255-3373 e 255-3638 — São Paulo-SP

Política radical

RAIMUNDO SOARES

Nestes dias quentes de campanha eleitoral, um vocabulário muito usado por gregos e troianos é radicalismo a que se acrescenta o qualificativo político. Seu emprego indica quase uma increpação e nesta acepção é utilizado pela imprensa inclusive.

Mas radicalismo não é isto, pelo contrário constitui procedimento salutar, se encarada a atitude radical em sua exata significação. O que sucede talvez se explique por uma variação semasiológica que tem origem na própria distorção do debate político que no Brasil, terra de tantos contrastes e contradições, não se situa no plano das idéias, mas decai para o das pessoas. Em qualquer nível de disputa, desde a eleição de vereador até a de Presidente da República, a discussão é rebaixada de uma controvérsia doutrinária para as questões de natureza estritamente pessoal.

É claro que o homem público está sujeito ao exame de suas virtudes e defeitos, que envolvem a análise de sua personalidade e de seu comportamento social e familiar. Isto é feito em qualquer parte do mundo, todavia o estudo servirá para aferição de seu senso de responsabilidade, e, principalmente, das condições de sua credibilidade perante a opinião pública, tendo em vista a compatibilização de suas idéias com os programas partidários que se propõem a realizar o bem comum.

A distorção que acarreta a variação semântica assinalada entre nós, emana de fato da inexistência de partidos políticos como o exige o exercício das democracias.

Mestre Aurélio define o radicalismo como a doutrina ou comportamento dos que visam a combater pela raiz (radici) as anomalias sociais mediante a implantação de reformas absolutas. Por extensão, significa qualquer doutrina ou comportamento que, sendo politicamente inflexível, provoca antagonismo. Ainda, comportamento ou opinião inflexível.

Quando o debate se limita ao plano das idéias, o que acontece nas democracias permanentes e estáveis, a posição radical é saudável. Nas democracias in-

cientes, a discussão é de pessoas e grupos e aí o vocabulário adquire essa colocação semântica, substituindo o que na verdade é amoralismo e aeticismo.

Rui Barbosa, patrono dos advogados brasileiros e o maior de todos os liberais, se considerava um radical em política. São suas estas palavras: "em semelhante acepção o radicalismo não assusta; é, pelo contrário, um elemento de ordem, um princípio de paz, um ponto permanente de apoio ao gênio do progresso moderado contra os empuxões opostos da reação retrógrada e das exaltações revolucionárias, distinguindo-se apenas caracteristicamente em que, ao mesmo tempo que representa esse papel de regularizador, equilibrando o desenvolvimento político do Estado entre essas exagerações externas, é, por outro lado, a mola continuamente impulsora, que, nos períodos de fadiga subsequentes a cada luta reformista, reage contra a inércia geral, estimula no campo social a atividade circulatória, e, mostrando a deficiência do triunfo realizado, ergue novamente a voz em nome do ideal, fixa outra vez as atenções no alvo definitivo, recomeça a agitação progressista. Essa escola, conclui Rui, é a nossa.

O que chamamos aqui radicalismo é, na verdade, o confronto de pessoas que aspiram ao poder pelo poder, não pelo bem comum. A política radical pretende a conquista absoluta de seus objetivos, expressos em seu ideário, e faz tudo para obtê-los em sua integridade. Não prega a reforma total numa hora, mas aceita as reformas parciais como etapas da reforma definitiva.

Nesta linha de raciocínio, sejamos radicais: o exercício do voto por si só não nos devolve o estado de direito. É preciso expurgá-lo da influência do poder econômico principalmente, porque é essa influência nefasta que dá ao voto o mau cheiro de mercadoria exposta à venda, como peixe na pedra do mercado. Essa mudança é que se impõe, de mentalidade e de colocação política, porque sem ela teremos sempre uma democracia frágil que se dobra e quebra a uma rajada mais forte de vento.

Lua-de-mel no Tahiti.

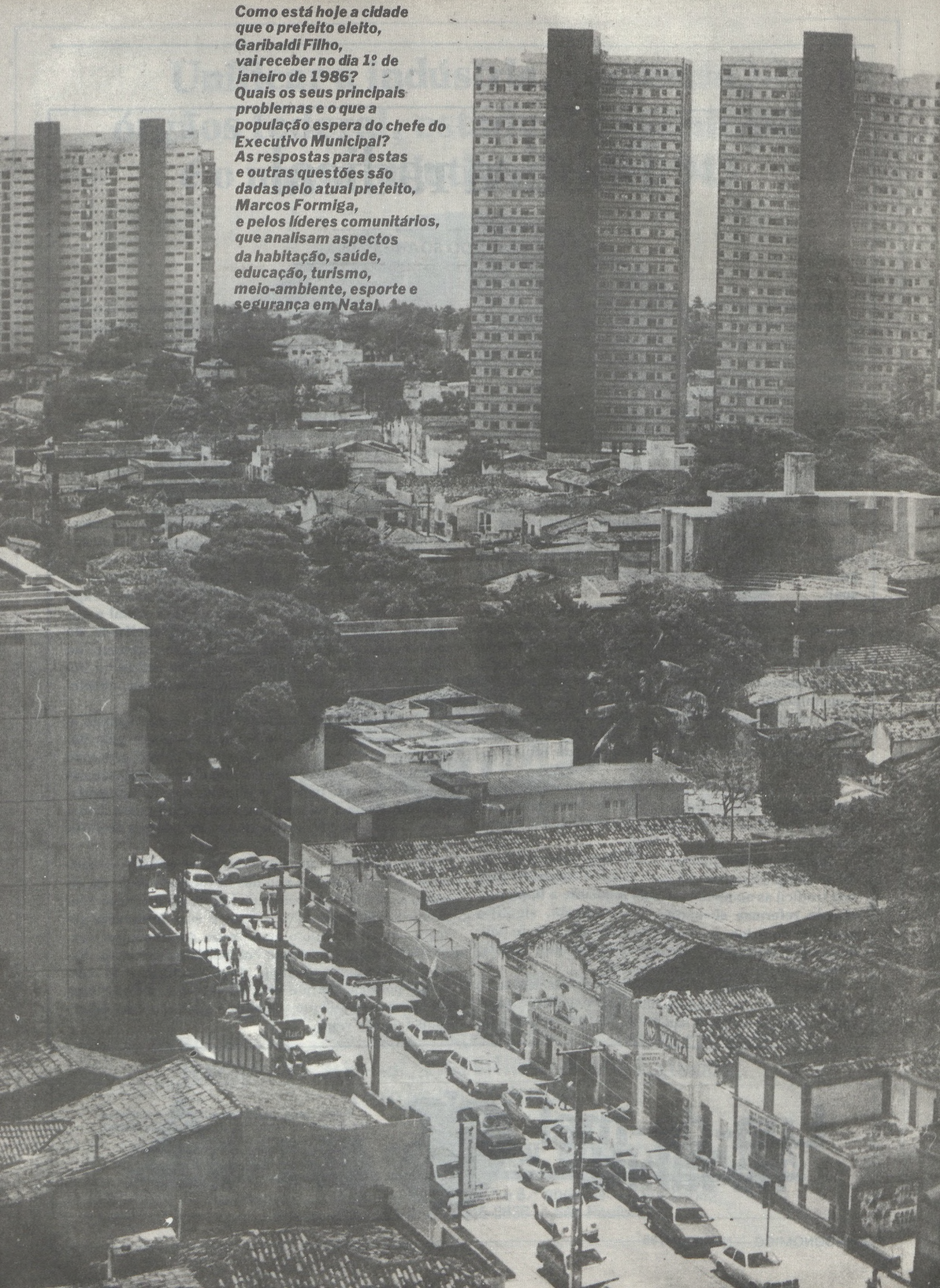


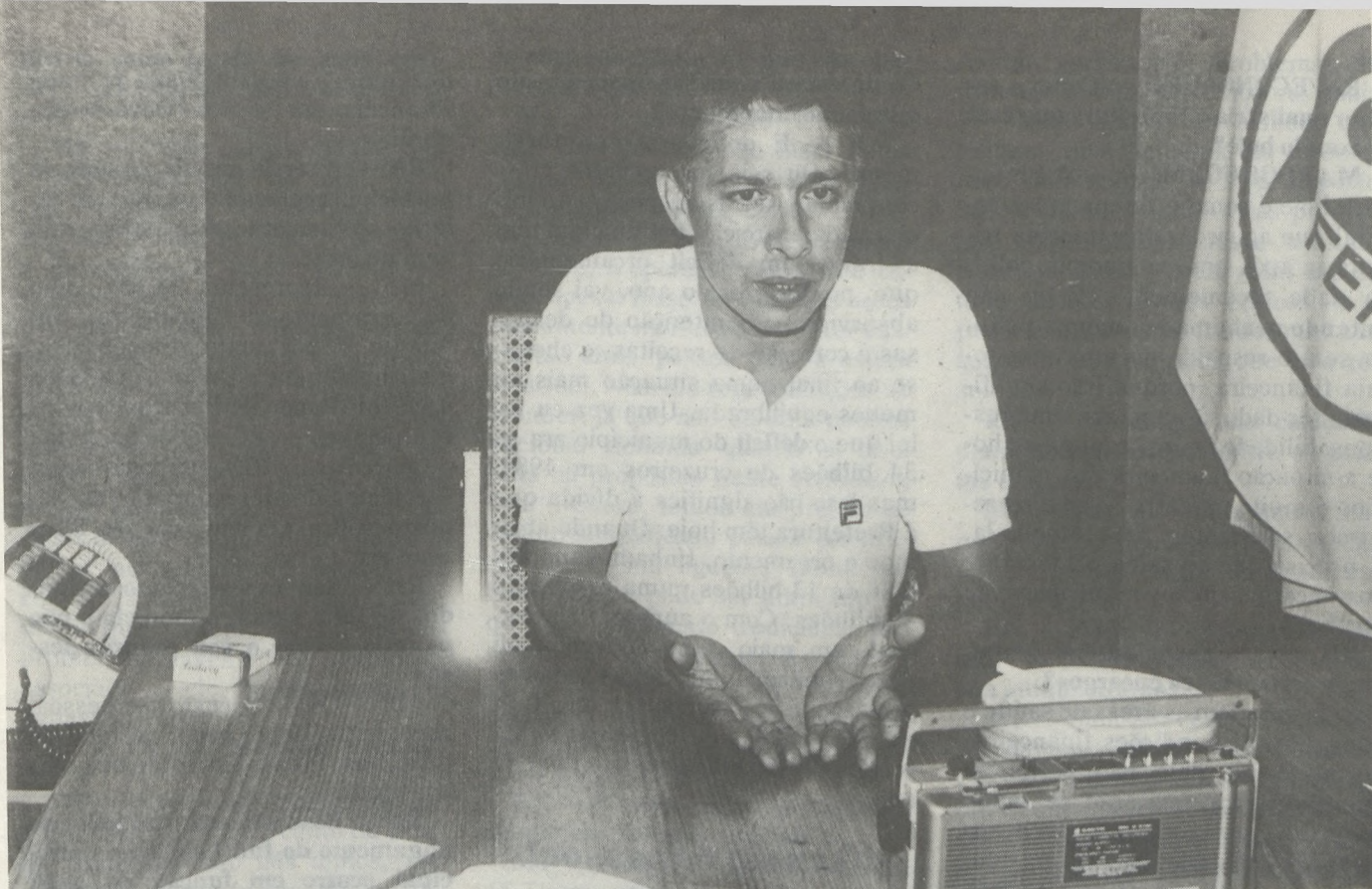
Vale a pena passar uma rápida e deliciosa lua-de-mel no Tahiti. Se você ainda não passou, não sabe o que está perdendo.

Vamos, experimente. Mesmo que você esteja perto de comemorar as bodas de prata.

MOTEL TAHITI®
O paraíso é aqui.

Como está hoje a cidade que o prefeito eleito, Garibaldi Filho, vai receber no dia 1º de janeiro de 1986? Quais os seus principais problemas e o que a população espera do chefe do Executivo Municipal? As respostas para estas e outras questões são dadas pelo atual prefeito, Marcos Formiga, e pelos líderes comunitários, que analisam aspectos da habitação, saúde, educação, turismo, meio-ambiente, esporte e segurança em Natal.





Formiga espera autonomia financeira

ESPECIAL

Para Formiga, não é fácil ser prefeito da capital



Após uma gestão um tanto quanto tumultuada, em que se mesclavam adjetivos tipo "tecnocrata", "alcaide" e marchinhas pregando a ascensão do "tamanduá", além de rumores dando

conta da falência do relacionamento entre Prefeitura, Governo e Câmara Municipal, o prefeito Marcos César Formiga está deixando o Palácio Felipe Camarão para o primeiro prefeito eleito em 16 anos. A sua administração, marcada pelos reveses que nem mesmo a utilização de todo um armamento publicitário conseguiu diluir, obteve alguns sucessos — como a ordenação dos transportes públicos através de um órgão que tem funcionado, a Secretaria de Transportes Urbanos — e vários tropeços políticos para o titular. O que não impediu a continuidade do projeto que transforma Marcos Formiga em candidato à Assembléia Constituinte. Nesta entrevista para RN/ECONOMICO, o atual Prefeito diz como está deixando Natal para seu sucessor, explica seus planos e mostra a verdadeira "prova de fogo" que é gerir uma capital em tempo de eleição.



"Sanear é muito caro"

RN/ECONÔMICO — Como o senhor analisaria a Prefeitura que está deixando hoje?

MARCOS FORMIGA — A Prefeitura hoje é como a de qualquer capital que aguarda uma reforma tributária após uma autonomia política dada recentemente. E eu não entendo nenhuma autonomia política sem o respaldo de uma autonomia financeira, porque isso significaria ter dado, às capitais, uma responsabilidade muito grande — e hoje a situação financeira dos municípios é muito precária — sem os recursos suficientes para atendê-la. É preciso que se saiba o montante dos encargos que os municípios vão receber.

RN — No seu entendimento, quais seriam esses encargos?

MF — Seriam as áreas de saúde e educação. As condições financeiras do município hoje não permitem que ele exerça uma ação de saúde como deve ser exercida. Daí a busca ao apoio do Estado. Na área de educação, o município atende ao primeiro grau, particularmente da primeira à quarta séries. Se, mesmo numa escala menor, vai atender da quinta até a oitava séries, isso significaria uma responsabilidade muito grande. Atualmente, a federação brasileira não define muito bem o papel do município, que não chega a ser uma unidade federativa. É um ente administrativo e, nesse sentido, tem responsabilidades constitucionais.

RN — O problema crucial parece ser mesmo a questão de recursos.

Como está a situação financeira do município atualmente?

MF — É deficitária estruturalmente. Ou seja: os recursos crescem menos que as despesas. Ao iniciar cada exercício, o município tem à frente um **déficit** orçamentário que, no decorrer do ano, vai sendo absorvido por contenção de despesas e correção de receitas, e chega-se ao final numa situação mais ou menos equilibrada. Uma vez eu falei que o **déficit** do município era de 34 bilhões de cruzeiros em 1985, mas isso não significa a dívida que a Prefeitura tem hoje. Quando abrimos o orçamento, tínhamos um **déficit** de 13 bilhões numa receita de 47 bilhões. Com o aumento de pessoal, em maio, esse **déficit** pulou para 34 bilhões, mas feitas todas as previsões, nós vamos ter um **déficit** de 7 bilhões de cruzeiros numa receita de 100 bilhões neste final de ano.

“O custo de pessoal representa 70 por cento das despesas”

RN — O senhor acredita mesmo que vai ser possível equilibrar a situação?

MF — Possivelmente, se forem tomadas medidas quanto à dispensa de IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) na antecipação facilitada do pagamento, além do que há a reforma tributária a partir de

dezembro e a possibilidade de ajuda financeira por parte do Governo Federal.

RN — A renda gerada no próprio município representa quanto em relação ao montante de recursos que vem de fora?

MF — Representa 30 por cento do orçamento do município, enquanto 70 por cento vêm de fora, distribuídos entre União — parcelas do FPM (Fundo de Participação dos Municípios) — e Estado, na forma de parcelas do ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) e do Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis.

RN — Sem esses recursos oriundos de fora, então, o município não pagaria sequer o seu próprio pessoal.

MF — Não. O custo de pessoal representa 70 por cento do total de despesas. Essa é a situação de todas as capitais.

RN — Esse alto custo da folha de pagamento do funcionalismo municipal ocorre em função de quê? Empreguismo?

MF — A Prefeitura tem hoje 5 mil e 300 servidores de administração direta e indireta. Quando iniciei a minha gestão, havia 4 mil e 700 servidores. Aumentei o número de funcionários porque os serviços aumentaram: criei a STU, o Iplanat, reordenei a Sumov... E há uma coisa interessante: a Prefeitura absorve tradicionalmente 1 por cento da população total. Esse é o parâmetro.

RN — Que áreas o senhor identi-



Município tem poucos recursos para executar obras

ficaria como sendo as mais críticas e que ficariam para o seu sucessor?

MF — Natal é uma cidade que cresce fortemente, em torno de 6 por cento ao ano. O que significa dizer que, a cada dez anos, ela dobra a população. A cidade recebe um volume muito grande de gente que precisa de casa, energia, água, transporte, calçamento, iluminação, e por aí vai. E Natal hoje praticamente não tem áreas disponíveis para serem construídos novos conjuntos habitacionais. Então, a primeira preocupação é utilizar as áreas disponíveis da cidade e preservá-las no sentido de estabelecer condições adequadas para o crescimento que ela tem. Porém, um dos problemas graves é o de esgotos e, associado a ele, a drenagem de águas pluviais.

RN — Quanto da cidade é saneado?

MF — São 14 mil ligações de esgotos, cerca de 10 por cento da cidade. Isso enquanto nós temos, por exemplo, 98 por cento de atendimento na área de energia elétrica.

RN — Sanear uma cidade é realmente tão caro assim, ou esse tipo

de obra não é feita por que não aparece, não dá voto?

MF — É muito caro. É a coisa mais cara que se pode fazer numa cidade. Não é somente abrir galerias, colocar tubos e calçar. É operar. Além do investimento inicial ser caro, a operação também é cara e, apesar disso ser uma das ações tipicamente municipais, por ter custos tão altos, passou para a esfera estadual. Nem ela tem condições de atender, já que não há uma política nacional definida quanto a isso. Mas há propostas nesse sentido e, com a Caern, temos um projeto de esgoto simplificado para a construção de 45 mil ligações sanitárias. Esse projeto pode ser ampliado, já que o esgotamento tradicional tornou-se inviável do ponto de vista financeiro. Natal vive hoje em cima de áreas de fossas, e os esgotos existentes datam de 1939. De lá para cá, quase nada foi feito.

RN — O senhor falou também em drenagem de águas pluviais...

MF — Natal foi ocupada, calçada, as águas correram para os pontos baixos, as áreas de lagoas — como é o caso de São Conrado, Jiquí, Lagoa do Preá — não foram preservadas.

Assim, surgiram os problemas de drenagem. Nós identificamos mais 29 pontos críticos na cidade, que exigem investimentos da ordem, hoje, de 5 milhões de UPC's, e não há recursos. Mas há várias propostas encaminhadas nesse sentido. Esses (esgotos e drenagem) são os dois maiores pontos críticos, e é preciso atacá-los de frente, mas não serão poucos recursos que irão resolver.

RN — O senhor não colocaria planejamento urbano entre os pontos críticos?

MF — Não, porque tendo o Plano Diretor e um órgão para cuidar dele, isso não ocorre. O problema agora é operar.

RN — E não foi exatamente isso que lhe causou problemas durante sua administração?

MF — Sim, por conta da falta de regulamentação do Plano Diretor. Ele não é um instrumento completo, é uma diretriz precisando de regulamentações específicas. Estou, há quase um ano, com uma proposta de regulamentação na Câmara Municipal para a área de Areia Preta até a Praia do Forte, até agora não aprovada. Com isso, aquela

FIQUE COM UM BEM DA TERRA.

Ser cliente do Bandern é vestir a camisa do RN. É valorizar o RN. É colaborar para que os bens da terra fiquem aqui mesmo.

Para que isso aconteça, fique com o Bandern. Nada mais justo.



bandern
um bem da terra.

área da cidade está parada, e eu tenho 15 pedidos de alvarás de construção para lá. Passou a ser uma questão política. O Conplan aprovou uma regulamentação para a área de Ponta Negra, dando-lhe um uso de solo definido. O Código de Posturas da cidade é outro que precisa ser atualizado, já que é difícil evitar que a cidade venha a se verticalizar porque falta espaço para conjuntos horizontais. O outro lado do Rio Potengi, que tem a população da terceira maior cidade do Estado (130 mil habitantes), não dispõe de infraestrutura urbana.

RN — E qual seria a razão desse problema?

MF — É que os conjuntos habitacionais já instalados só receberam financiamento para construção de casas, água e energia. Não havia recursos para calçamento, áreas de lazer, equipamentos comunitários. Então, a nossa política foi de só aprovar a construção de conjuntos quando todos os recursos para infraestrutura estivessem assegurados. E assim foi feito: o único conjunto construído na nossa administração, foi o Pajuçara, que tem todas as suas ruas calçadas. Os anteriores, não.

RN — Como está a cidade em termos de saúde?

MF — Natal hoje tem uma situação de saúde razoável em termos do que é feito pelo Estado. A Prefeitura não tem uma ação específica do ponto de vista de estrutura (postos de saúde, hospitais, etc.), mas tem uma ação complementar através do

que é feito nas escolas do município e em diversos programas.

“Não tivemos recursos para construir salas de aula”

RN — Existe algum plano definido nessa área, ou as ações municipais são meramente circunstanciais, políticas?

MF — Há uma certa sistemática de definição de saúde para as áreas mais críticas. Há o programa “Periurbano”, que atende à periferia e tem certa ação regionalizada através de 7 distritos com centros de saúde existentes em Natal. Cada distrito abrange de 5 a 7 bairros. O Walfredo Gurgel teve que ser recuperado, e se partiu para a construção de um hospital (Santa Catarina) para atender à população do outro lado do Rio. Essa ação é complementada pelo “médico da família”, fixado num bairro e visitando os pacientes. Coube ao Estado mobilizar os recursos, implantar e operar essa ação, complementada agora com o “Circo da Saúde”. O município entra com o “Proden”, através do Iprevinat, atendendo nas escolas, clubes de mães, creches, além do atendimento a 33 mil atletas amadores.

RN — E com relação à área de educação?

MF — Nessa área, a nossa ação também é muito interligada com a

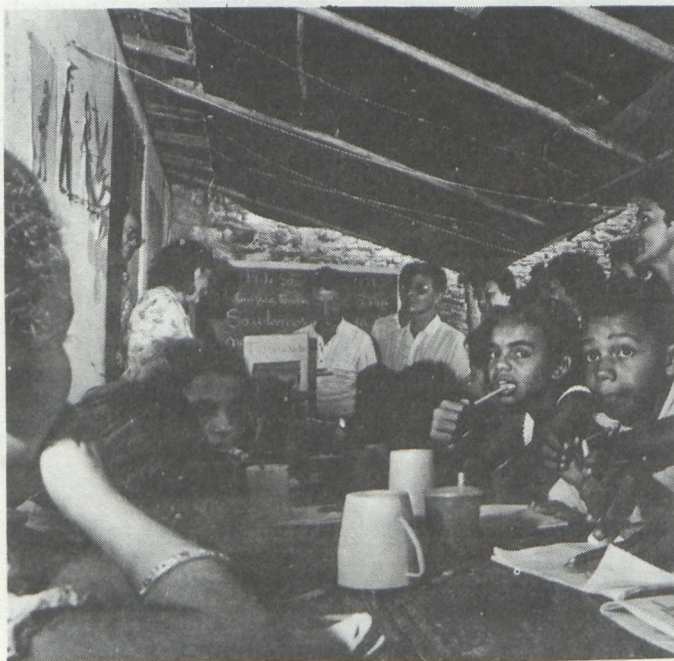
do Estado. Não construímos escolas onde existe uma do Estado, além do que não tivemos recursos para construir salas de aula. Então, partimos para um projeto simples, aproveitando uma experiência de Djalma Maranhão, que foi atualizada no sentido do “Em Casa Também se Aprende a Ler”. Com ele, se pôde colocar salas de aula onde não existia nenhuma.

RN — O Programa “Em Casa Também se Aprende a Ler” oferece cursos regulamentares?

MF — Ele equivaleria ao pré-escolar, onde a criança aprende a ler e escrever, ingressando depois na rede normal. Em alguns casos, o programa tem até a segunda série do primeiro grau e, para o próximo ano, já é prevista até a terceira série.

RN — Quando a criança sair do “Em Casa Também se Aprende a Ler”, haverá escola para ela?

MF — As escolas normais do município. O programa tem professoras formadas (com pedagógico), treinadas e recebendo bolsas da Prefeitura. É a professora que identifica as crianças da comunidade a que pertence, e pede a essa comunidade um local. Uma Igreja, uma casa que tenha um espaço ocioso. Ali, se coloca a professora e o aluno, que recebe merenda e material escolar, que não tem restrições de ir à sala de aula descalça. E a professora, por ser da comunidade, tem mais ligações com a criança. Os resultados da experiência foram mais expressivos que os do sistema tradicional,



“Em Casa Também se Aprende a Ler”



“Sem espaço para conjuntos horizontais”

e nós passamos de 203 salas de aula para 908, somando com a rede normal. Hoje, atendemos a 56 mil crianças em Natal, o que corresponde a mais de 10 por cento da população da cidade.

RN — Nessa situação, como fica o déficit escolar?

MF — Há dois anos, era de 40 mil crianças. De lá para cá, como instituímos também a merenda noturna, foram absorvidas 7 mil crianças. O "Em Casa Também se Aprende a Ler" absorveu outras 23 mil, e a minha estimativa hoje é que existam cerca de 10 mil crianças sem escola, e todas elas têm a garantia de escola em 1986.

RN — Que providências foram tomadas para isso?

MF — O MEC já aprovou o projeto e já alocou os recursos para termos 1 mil novas salas de aula e cerca de 30 mil alunos no "Em Casa Também se Aprende a Ler".

RN — O que o senhor diria a respeito do transporte urbano?

MF — Natal tem hoje um sistema de transportes que hoje eu considero um dos melhores do país. Está zoneado e regulamentado, 90 por cento dos itinerários de ônibus estão asfaltados, existem relógios de

ponto nos terminais para comprovar frequência e um órgão (STU) para gerenciar. Além de alternativas para baratear os custos, como o ônibus a gás e elétrico, que aguardam apenas definição de recursos para o último, e políticas de financiamento e abastecimento para o primeiro. Outra alternativa é o trem urbano, que hoje atende a cerca de 10 mil passageiros/dia, podendo ser ampliada a frequência desde que haja uma integração com ônibus, para o que não existem recursos. O projeto Natal/Eduardo Gomes deve entrar em operação no próximo ano, o que dá uma redução de tarifa de 850 para 300 cruzeiros.

RN — Tarifa é um problema sério.

MF — É o mais crítico e, apesar de fixada pela Prefeitura, depende do preço das peças, combustível, etc. Nós temos feito um controle para não haver elevação de tarifa maior que os aumentos dados ao salário, e agora estabelecemos a semestralidade do aumento.

RN — Analisando, agora, a questão da segurança, o senhor diria que Natal é uma cidade perigosa?

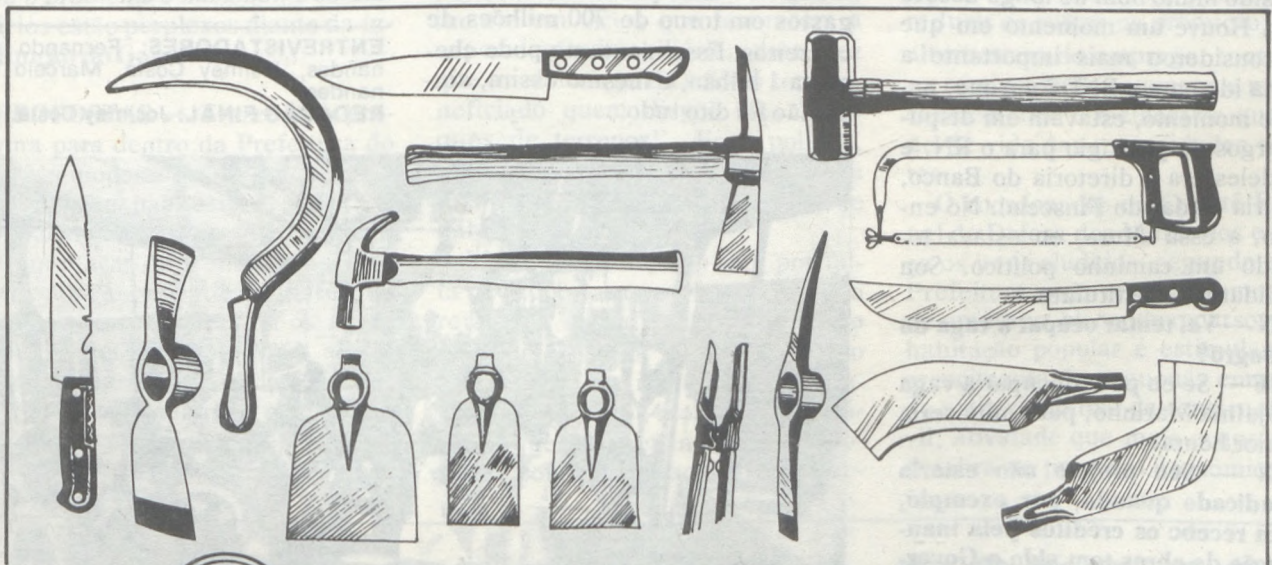
MF — Segurança é uma ação que cabe ao Estado. A Prefeitura entra

aí com recomendações à Secretaria de Segurança Pública sobre os pontos de maior necessidade de instalação de PM/box. A iluminação pública é algo que também reflete na segurança, e nós pagamos cerca de 120 milhões de cruzeiros por mês para isso, fora as necessidades de manutenção e expansão. No ano, nós repomos cerca de 40 mil lâmpadas. Mas Natal ainda é pacata, tranquila, onde se pode ter uma circulação sem maiores cuidados, a não ser em áreas específicas. O próprio efetivo da Polícia Militar foi recentemente ampliado para dar mais segurança ao natalense. É bem verdade que ainda não é o ideal, mas pode ser melhorado.

RN — E com relação à promoção social?

MF — A ação social da Prefeitura é muito ampla: ela mantém 42 creches, que atendem 5 mil crianças; o "Projeto Juventude" atende 2 mil e 500 jovens; há as colônias de férias, e um projeto de apoio às comunidades através de clubes de mães e conselhos comunitários. Com uma ação ordenada agora por uma Secretaria, acreditamos que isso possa resultar num trabalho bem mais eficaz. Reconheço que poderia ser

53 Anos atendendo o produtor rural e industrial



CESAR COMERCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.

FUNDADA EM 1932 A CASA DO PRODUTOR.

MATRIZ: RUA DR. BARATA, 207 E 209 — FONES: (084) 222-8489 — 222-8490 — TELEX: (084) 2220 — NATAL-RN
CGC 08.397.333/0001-08 — INSC. EST. 20.010.517-5.

FILIAL: AV. PRUDENTE DE MORAIS, 2022 — LAGOA NOVA — NATAL-RN — FONE: (084) 222-8494

maior, mas não há recursos.

RN — Vamos agora a uma mudança radical de enfoque. O senhor sempre foi conhecido como técnico. As suas investidas políticas sempre são seguidas de um recuo, o que dá margem as especulações sobre o seu respaldo político. Como o senhor colocaria essa questão?

MF — Ser prefeito de Natal não pressupõe sempre que a pessoa seja candidato a governador. Aconteceu com José Agripino...

RN — Mas convenhamos que a Prefeitura dá um esteio considerável.

MF — Sim, pelo fato de você administrar uma cidade que representa 25 por cento dos eleitores. A administração de Natal é fato que repercute pelo resto do Estado. No meu caso, eu parti de uma posição técnica para uma função essencialmente política. Não é fácil ser prefeito de Natal. Primeiro, é a Câmara dos Vereadores, com quem é preciso dividir a administração da cidade; segundo, Natal tem uma vida comunitária muito expressiva, que precisa ser ouvida e, para atendê-la, é preciso estabelecer uma ação política que, em virtude das deficiências do próprio município, sofre influência decisiva do relacionamento com o Governador.

RN — Relacionamento que parece ter sido bastante tumultuado na sua gestão?

MF — O meu relacionamento com o Governador José Agripino tem sido muito bom ao longo desses anos. Houve um momento em que ele considerou mais importante a minha ida para o BNDS porque, naquele momento, estavam em disputa cargos de prestígio para o RN, e um deles era a diretoria do Banco, que iria cuidar do Finsocial. No entanto, a essa altura, eu estava tomando um caminho político. Sou candidato à Constituinte.

RN — Vai tentar ocupar a vaga do seu sogro?

MF — Se eu puder ocupar a vaga de Djalma Marinho, para mim seria a maior honra.

RN — Seu projeto não estaria prejudicado quando, por exemplo, quem recebe os créditos pela inauguração de obras tem sido o Governador José Agripino?

MF — Não, o crédito vai para o Governador do meu partido sem o menor constrangimento. Estou ampliando o meu projeto político, embora este esteja sendo um pouco ne-



“Meu relacionamento com JA é bom”

glenciado em função do próprio término da administração. Eu vou prestar contas ao público.

RN — Inclusive do dinheiro gasto em publicidade?

“Natal representa 25 por cento dos eleitores”

MF — Em publicidade, foram gastos em torno de 700 milhões de cruzeiros. Esse montante pode chegar a 1 bilhão, e mesmo assim, ainda não foi dito tudo.

RN — Uma última pergunta: como é ser prefeito de Natal em tempo de eleição?

MF — É ser o caranguejo entre o mar e o rochedo. Você é pressionado por todos os lados: a oposição o critica; do nosso lado, recebe-se pressão para que as coisas sejam feitas; e eu estou em final de administração, com várias coisas para concluir. Mas aprendi muito sendo prefeito de Natal e, apesar de todas as dificuldades, foi muito gratificante. □

ENTREVISTADORES: Fernando Fernandes, Josimey Costa, Marcelo Fernandes.

REDAÇÃO FINAL: Josimey Costa.



STU para cuidar de transportes

Moradia, um problema que rouba sono do natalense

O que os mutuários de Natal podem esperar em termos de política habitacional do futuro prefeito? A pergunta permanece no ar enquanto o número de inadimplentes cresce verticalmente. Perdidos no labirinto cuja saída exige a opção entre gastar com alimento ou pagar a prestação da casa própria, os mutuários — há muito organizados em um Movimento de Direito à Moradia — reconhecem que a solução do problema passa por uma reformulação radical no Sistema Financeiro de Habitação (SFH), através da aplicação de prioridade e tratamento diferenciado à área de habitação popular.

O certo, porém, é que o discurso de mudanças da Nova República ainda não foi colocado em prática no âmbito do Banco Nacional de Habitação (BNH), apesar da formação da Comissão Nacional de Estudos sobre Habitação Popular, atuando a nível do Congresso. "A definição para uma saída vai ser cozinhada por muito tempo", considerou Manuel Duarte, coordenador do Comitê Regional de Defesa dos Mutuários. Segundo ele, o descaso para com o problema é nacional, e os mutuários estão perplexos diante da indefinição do Governo.

PROPOSTAS — Trazendo o problema para dentro da Prefeitura do Natal, a inoperância na execução de uma política habitacional reflete a incapacidade do Executivo municipal em atacar de frente o pesadelo que rouba o sono de milhares de mutuários em débito com os agentes financeiros. Conforme atesta Manuel Duarte, a ação da Prefeitura tem se caracterizado em "atitudes isoladas" de cunho eleitoreiro, a exemplo do Projeto Crescer, efeti-

vado pela Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social — STBS.

De acordo com o líder comunitário, a Prefeitura tem poder de decisão sobre o solo urbano, através das diretrizes do Plano Diretor e do Projeto Cura. No entanto, analisa, o



Casas ruins e preços altos

Projeto Cura, que propõe recursos para saneamento e desfavelamento, incorre em vícios que favorecem a especulação imobiliária, uma vez que a valorização do solo só tem beneficiado quem dispõe de "estoques de terrenos". Essa política, disse Manuel Duarte, descarta qualquer tecnologia alternativa de habitação.

Mas certamente não será por falta de propostas que o futuro prefeito retardará ainda mais a discussão sobre o assunto. Formulada pelo movimento dos mutuários que defendem o direito à moradia, uma série de questões pertinentes à melhoria da política habitacional já foi de-

vidamente esboçada e posta em alance do interesse do próximo governante da capital. Os mutuários segundo ainda Manuel Duarte, sugerem principalmente a criação de uma Companhia de Habitação do Município (instaurado já em algumas cidades do país), cujas características democráticas aloquem recursos à produção habitacional, de forma agilizada e exclusiva.

FINALIDADE — A finalidade da Companhia de Habitação do Município, a rigor, seria, conforme enumera Manuel Duarte, ampliar ofertas de habitação à população de bai-

xa renda (até três salários mínimos), com qualidade assegurada; reduzir os custos na produção; criar alternativas de emprego; contribuir na reativação de pequenas e médias construtoras; e melhorar a qualidade de vida das comunidades carentes.

O coordenador do Comitê Regional de Defesa dos Mutuários esmiuça os itens aludidos: segundo ele, a Prefeitura pode reativar o mercado de emprego, alocando recursos para habitação popular e estimulando o crescimento de pequenas empresas do setor produtivo da construção civil, atividade que mais ocupa mão-de-obra no processo econômico. As

Ah, eu adoro os coroas!



No Tahiti não tem essa história de discriminação. Jovens ou coroas, todos são recebidos com muito prazer. E com uma mordomia capaz de matar de inveja os ministros da Velha República.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui

pequenas empresas, argumenta, têm tecnologia menos sofisticada e utilizam um contingente maior de trabalhadores.

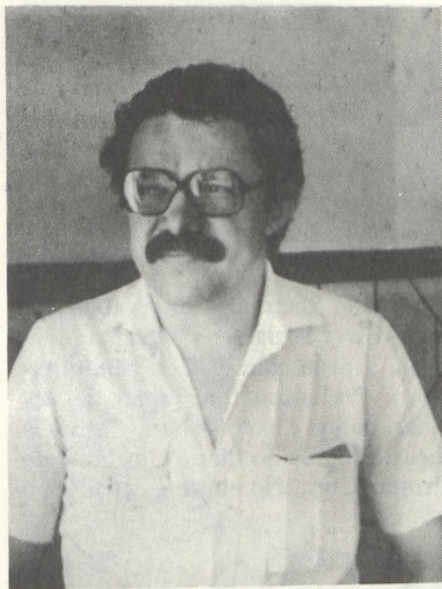
Manuel Duarte explica também que a escassez de grandes obras contribuiu para que as construtoras de porte ocupassem o espaço das pequenas empresas e favoreceu a intermediação através da sub-empregada, medida que alarga os custos da habitação. Ele coloca, ainda, a importância do futuro dirigente de Natal travar discussões diretas com associações de moradores, sindicatos e cooperativas de trabalhadores, objetivando colher uma visão mais nítida da carência da comunidade e incorporá-la a um processo de consciência política. Outro ponto que arrebatou preocupação dos líderes comunitários diz respeito ao compromisso de se "assegurar a qualidade da habitação". Manuel Duarte revela que os parâmetros técnicos nem sempre são obedecidos, e os itens de composições na construção de uma moradia são desvirtuados, por exemplo, nas dosagens de cimento e alvenaria, no revestimento do alicerce e na arenosidade do terreno.

"O Promorar é uma degradação e institucionalização das favelas", conceitua Manuel Duarte. E acrescenta adiante: "É o reconhecimento público oficial da perversidade da política salarial imposta ao país". Ele sustenta que, na medida que os salários são reduzidos e o consumo de uma família fica retido a gastos estritamente necessários, não existe possibilidade de se assumir compromissos com prestações de casa.

REAJUSTES EQUIVALENTES

— De acordo com sua opinião, o Governo deveria "reduzir um ponto percentual na taxa de juros e canalizar recursos aplicados produtivamente para o Fundo de Compensação de Variações Salariais (FCVS), a fim de encontrar condições de bancar os reajustes nas prestações das casas próprias nas mesmas proporções dos reajustes salariais. A sugestão, porém, foi repelida pelos agentes financeiros, que, dos 150 trilhões de cruzeiros manipulados pelo SFH, dispõem de apenas 1,5 por cento do valor total do capital (o resto é proveniente do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço — FGTS, e da Poupança).

Os mutuários reconhecem que o



Manuel Duarte: descaso

BNH está em falência e vem servindo para cobrir estouros e sustentar mordomias. Para discutir a situação atual e a ampliação da política habitacional na Nova República, o Movimento de Direito à Moradia realizará em Natal, nos dias 29 e 30 de novembro e 1.º de dezembro, um encontro nacional. Na oportunidade, serão discutidas idéias para resgatar "o BNH ao seu objetivo de função social", através de meios que suprimam a intermediação financeira e burocrática das linhas de ação do Banco e coloquem, no seu conselho, uma representação de trabalhadores, associações de moradores e representantes dos engenheiros e arquitetos. Eleitos diretamente, é claro, pelas entidades às quais pertencem. □

Professor critica sistema de educação do município

Definidos os resultados das urnas, o prefeito eleito de Natal herda um problema que, mesmo sendo comum à todas as regiões do país, nem por isso é menos importante. Talvez, por isso mesmo, seja bem mais premente. E é, exatamente, a questão da Educação de primeiro e segundo graus que apresenta, hoje, um déficit de 10 mil alunos sem escola na cidade do Natal, e projeções nada animadoras para os próximos anos.

Visto como um problema crônico em todo o país, a Educação pública consegue o máximo de inoperância, fazendo com que, de cada cem crianças que iniciam os primeiros estudos, apenas quatro concluem o primeiro grau. E, para isso, contribuem inúmeros fatores, desde a falta de salas de aula — em oposição ao número sempre crescente de alunos que precisam estudar — até o despreparo dos professores que atendem à rede pública de ensino. Existem, atualmente no Brasil, 11% de professores que não concluíram, eles próprios, o primeiro grau. Percentual que, em algumas regiões do Nordeste, atinge a espantosa cifra de 42%. Some-se a tudo isso um ensino "capenga", com deficiência de material didático, defasagem curricular, e uma população extremamente carente, que faz com que a

merenda escolar seja o responsável mais forte pelo comparecimento dos alunos aos bancos escolares.

TRISTE HERANÇA — Em Natal, existem 38 escolas municipais que, juntamente com 26 outras escolas conveniadas — para as quais o município fornece livros, professores e merenda escolar — atendem à 33 mil alunos matriculados. Além disso, o município atende a mais 23 mil alunos dentro do programa "Em Casa Também se Aprende a Ler".

Entretanto, como ponta de um problema muito mais amplo, a Educação de primeiro e segundo graus tem falhas a serem corrigidas, sobre as quais concordam tanto o Secretário de Educação e Cultura do Município, Lúcio Teixeira, como o presidente da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte, José Antenor. Uma delas é a extrema penúria em que se encontram as escolas existentes, em sua grande maioria, "caindo aos pedaços".

Além da recuperação dos prédios escolares, o próximo prefeito vai ter que encontrar fórmulas para, além da construção de novas salas de aula, providenciar a contratação de mais 600 professores e treinamento para estes e para os já existentes.

DIVERGÊNCIAS — Se existe se-

Aprende a Ler”, parecem ficar apenas na semelhança dos nomes. Ao programa desenvolvido pela Secretaria de Educação e Cultura falta a visão crítica com que se procurava alfabetizar os alunos no tempo de Djalma Maranhão. Taxado de Alienante”, o programa sofre outras críticas que não especificamente a da falta de conscientização dos alunos da realidade a sua volta.

ELEITOREIRO — Visto pela Associação de Professores como um projeto puramente “eleitoreiro”, o “Em Casa Também se Aprende a Ler” tem sua base na ajuda dada pela comunidade, que participa com professores e salas para as aulas. À Prefeitura, cabe ceder a merenda, livros, carteiras, treinamento e bolsas para os professores.

Mas essa atuação da Prefeitura também é criticada pelos professores. “O pessoal tem treinamento precário”, diz José Antenor. “Afim, como pode, com apenas três meses de treinamento, em média, um professor leigo ter condições de dissecar o próprio instrumento de trabalho? Além do mais, essa é uma forma do Município escamotear um problema que não quer resolver. Ele explora mão-de-obra, pois paga menos do que o salário mínimo aos professores engajados no programa. E quando o aluno sai deste programa, não encontra vagas na rede tradicional de ensino para continuar os estudos”, conclui.

PROVIDÊNCIAS — Porém, mesmo se encontrando num estado crítico, os problemas da Educação do Município têm alguma perspectiva de solução nas providências que se estabelecem para os próximos anos. A primeira, a curto prazo, seria a municipalização da merenda escolar, reconhecida como fator de importância para evitar a evasão dos alunos das salas de aula. A municipalização da merenda possibilitará uma maior agilização nas compras, que poderiam, pelo pequeno volume, serem efetuadas no comércio local, além da possibilidade de uma regionalização no cardápio.

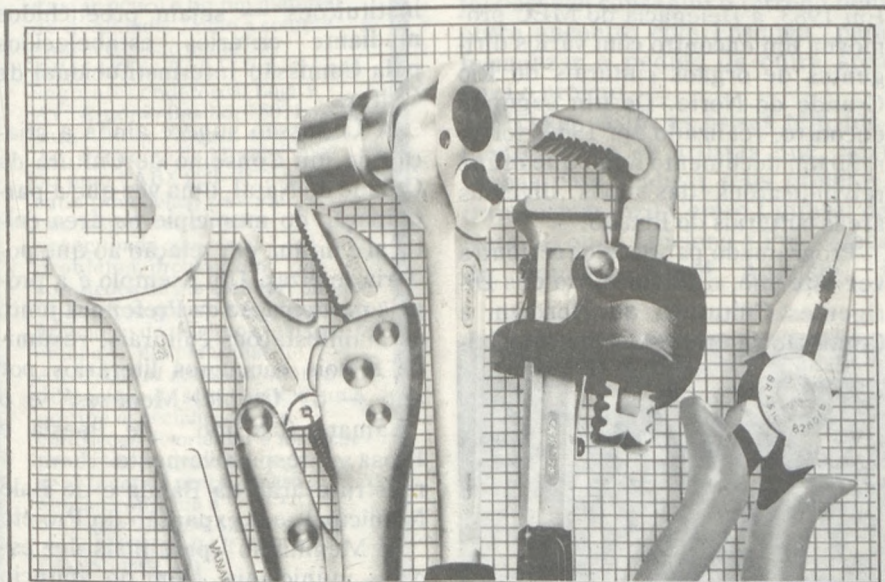
Outro ponto, em fase de implantação, é a criação do projeto/experiência das Escolas Produtivas. Através de recursos da Organização dos Estados Americanos e gerência da Secretaria de Assuntos Internacionais do MEC, este projeto — a ser implantado em Brasília,



Antenor: “Em Casa...” também erra

melhança na avaliação dos problemas mais genéricos que o próximo prefeito vai ter que enfrentar, em poucos outros pontos parecem concordar o Secretário de Educação e Cultura e o presidente da APRN. Principalmente se analisam os programas desenvolvidos pela Secretaria na área de Educação.

As maiores críticas vão para o programa “Em Casa Também se Aprende a Ler”, cópia do programa de alfabetização adotado por Djalma Maranhão quando prefeito de Natal. Os pontos em comum entre o “De pé no chão também se aprende a ler” e o programa da gestão Marcos Formiga, “Em Casa Também se



Quem conhece a diversificação de material para montagem e manutenção industrial de Queiroz Oliveira, topa qualquer parada.



QUEIROZ OLIVEIRA
MATERIAL PARA MANUTENÇÃO
E MONTAGEM INDUSTRIAL

NATAL — SALVADOR — FORTALEZA.

Recife, Natal e nos Estados de Alagoas e Maranhão — procura fazer com que os alunos produzam artigos de marcenaria e culinária para serem comercializados na própria comunidade. O lucro é dividido entre os alunos e uma parcela revertida em capital para a aquisição de mais material. Este programa será implantado entre os alunos das sétimas e oitavas séries.

CENTRO DE FORMAÇÃO —

Uma outra questão a ser enfrentada pelo futuro prefeito, também de grande importância para melhorar a situação do ensino primário, é a criação de um centro de formação pedagógica para valorização dos professores. “Sabemos que é principalmente na fase de alfabetização que devemos oferecer o melhor em qualidade de ensino para os alu-

nos”, diz Antenor. “É de extrema importância que os professores, que vão lidar com alunos neste estágio, tenham um melhor preparo”.

Apesar de serem identificadas as falhas no ensino regular, não existem propostas concretas formuladas por entidades aos candidatos a prefeito. “Durante os debates com os candidatos, não houve uma discussão mais aprofundada sobre os problemas encontrados, mas a Associação vai cobrar os compromissos assumidos durante a campanha”, afirma José Antenor pela APRN. “Oferecemos também a nossa ajuda para um trabalho em conjunto, mas exigimos ser ouvidos nos assuntos referentes à categoria e, inclusive, desejamos participar na escolha do secretário de Educação e eleger, diretamente os diretores de escolas”, completou. □

tura do Estado do Rio Grande do Norte, não foi realizado. A divisão do MEC em dois Ministérios, a substituição do Delegado local, a falta de recursos, entre outros motivos, impossibilitaram o evento. Entretanto, o documento tirado no II Encontro está para ser formalizado e encaminhado ao Governador com todas as proposições que oficializariam a Comissão Interinstitucional de Cultura.

Cinema, Teatro, Artes Plásticas, em todas as áreas, uma reivindicação comum: a participação dos artistas e suas associações na programação e realização de eventos culturais da cidade.

PARTICIPAÇÃO — Um outro ponto apresentado no documento diz respeito à formação do Conselho Estadual de Cultura, para que este passe a ser formado também por um representante das entidades dirigentes da cultura do Estado, um representante das entidades de produtores culturais e um representante da Comissão Interinstitucional de Cultura. O documento pretende, também, que os dirigentes de espaços culturais — tais como teatros, bibliotecas, escolas de arte e outras instituições — sejam preenchidos mediante critérios estabelecidos pela Comissão Interinstitucional de Cultura.

A Comissão sugere ainda a criação de um Conselho de Cultura da Cidade do Natal, uma vez que a participação do município na área cultural é ínfima em relação ao que poderia realizar. Um exemplo é a própria participação da Prefeitura junto às manifestações culturais, resumida a dois concursos literários por ano — o “Otoniel Menezes” e o “Câmara Cascudo”, de Poesia e Prosa, respectivamente — à reestruturação da Banda e do Balé Municipal, e a expansão do Projeto “Zé Menininho” para mais dez escolas municipais, além do anúncio da construção da Praça da Cultura, dentre as inúmeras pretensões do Prefeito Marcos Formiga.

Se as realizações não são muitas, muito falta ao Município neste setor: a recuperação da Biblioteca Pública Municipal, por exemplo, ou a criação do Museu da Cidade, pois, como afirma o Secretário da Educação e Cultura do Município, Lúcio Teixeira, “somos uma cidade sem memória”. Além disso, é consenso que deveria se estimular mais os

Artistas protestam contra tratamento dado à cultura

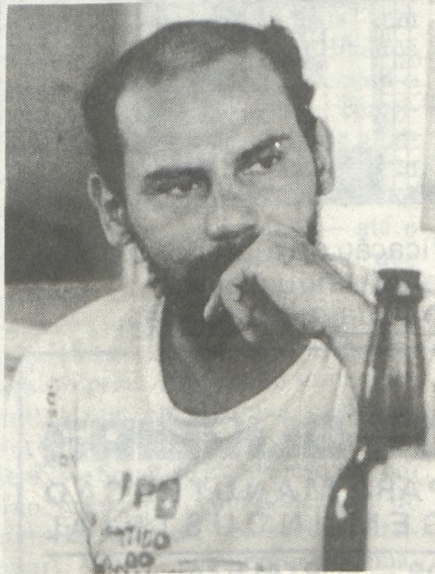
Quem já viu, na novela de maior audiência da televisão brasileira, o presidente do Centro Cultural Asabranquense, Professor Astromar, poeta e orador oficial, pedir uma cachaca com broa de milho, não se engane: ali está uma das mais fiéis representações da política cultural da Funarte, presidida pelo humorista Ziraldo Alves Pinto, ideólogo da Cultura da Broa de Milho, implantada na Nova República.

Se os arroubos poéticos de Ziraldo geram gozações na imprensa e entre os artistas do país, não se pode negar que, após a campanha pelas diretas — quando artistas de todo o país se juntaram ao povo e subiram aos palanques exigindo o direito de escolher seus próprios dirigentes — nunca a cultura despertou tanto interesse sério e discussões bem intencionadas. Até um Ministério próprio foi criado para ela, que durante tanto tempo foi obrigada a dividir com a educação a menor verba de todos os Ministérios. E ainda é exatamente do descaso dado às iniciativas culturais que reclamam os artistas natalenses, que nunca tiveram seus pleitos atendidos a contento ou foram chamados para opinar sobre as iniciativas do poder público.

ENCONTRO DE DIRIGENTES —

Em 1983, a Delegacia do MEC promoveu um encontro com vários dirigentes de órgãos culturais do Rio Grande do Norte. De um segundo encontro, realizado em 1984, foi tirado um documento final, que reúne reivindicações das mais diversas áreas culturais do Estado.

Programado para acontecer outra vez este ano, o III Encontro dos Dirigentes Culturais, que formam a Comissão Interinstitucional de Cul-



Eduardo Alexandre: desinteresse

**ECONOMIZE
COMPRANDO
NO ARMAZÉM
PARÁ**



Hoje, você quando pensa em construir, reformar, ampliar, a primeira idéia que ocorre é como gastar pouco e ter um material de qualidade. Então a solução aparece com o nome do **ARMAZÉM PARÁ**. Procure nos seguintes endereços: Loja 1, Av. Antônio Basílio, 180; Loja 2, Rua Almino Afonso, 40 e Loja 3, Av. Prudente de Moraes, 2007 ou pelo PABX 223-4977. Em cada uma delas, você vai encontrar uma empresa preocupada com o seu problema, pronta e em condições de lhe atender, dando orientação quanto a aquisição e aplicação do produto ideal para o seu caso, em particular. **ARMAZÉM PARÁ** mantém à disposição de seus clientes, uma equipe especializada, em condições de orientar e fornecer produtos de qualidade a preços *sem igual* na praça. Nosso slogan confirma a tradição — **ARMAZÉM PARÁ — O MUNDO BARATO DA CONSTRUÇÃO.**

**ARMAZÉM
PARÁ**

**IMPORTADORA
COMERCIAL
DE MADEIRAS LTDA**

Rua Antônio Basílio, 180
PABX (084) 223-4977

grupos culturais e fazer a reforma do Teatro Municipal Sandoval Wanderley. Estes são alguns pontos com que vai se deparar o futuro prefeito de Natal.

ARTISTAS EM MOVIMENTO —

Se muito se reclama do poder público no apoio à cultura local, isso não impede que a categoria artística da cidade deixe de ir à luta. Promovendo Festivais no Forte dos Reis Magos, realizando passeatas no dia da poesia, reunindo-se em Cooperativas e Associações, eles têm ampliado seus espaços, mesmo por cima de brigas internas e da má vontade de quem poderia ajudá-los.

“Eu acho que o município deveria participar mais na ajuda à cultura local, que só conta com um certo apoio da Fundação José Augusto”, diz Eduardo Alexandre Garcia, idealizador da “Galeria do Povo”, hoje realizada através da Fundação José Augusto.

Eduardo cita como exemplo desta falta de interesse a própria “Galeria do Povo”, um projeto bastante conhecido na cidade. Tendo procurado a Prefeitura para ver a possibilidade da utilização da Ponta do Morcego para abrigar a Galeria, não foi possível conseguir o terreno nem outro encontro com Formiga, para formalizar o pedido de outra área para o projeto.

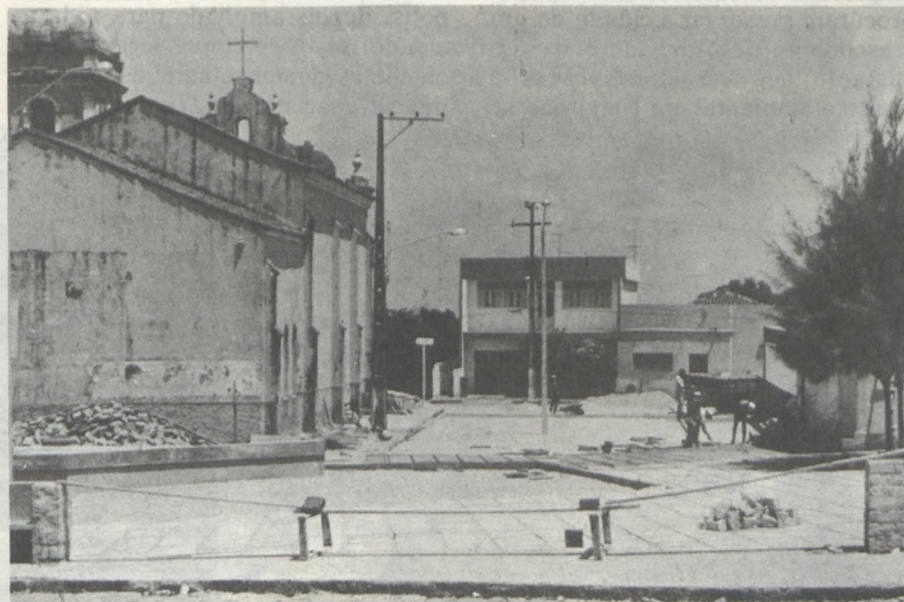
Mesmo assim as coisas têm melhorado para os artistas que, sem verbas para realizar seus projetos, transformaram o Centro Cultural de Natal — onde funciona a Pinacoteca da Fundação José Augusto, a

Cooperativa dos Artistas, a Associação dos Artistas Plásticos e um museu que não se sabe bem do que se trata — num centro de debates e de encontro dos vários artistas que procuram movimentar a cultura natalense.

Neste passo nem sempre rápido, já conseguiram o apoio da Funarte para o próximo Festival do Forte materializado em 30 milhões de cruzeiros e a garantia pessoal de Ziraldo de total apoio aos movimentos culturais da cidade. Além disso, o antigo projeto de um Centro de Produção, que daria condições ao artista de desenvolver seus trabalhos, está sendo enviado à apreciação da Funarte e tem, entre várias proposições, uma oficina de serigrafia, aparelhos de VT e TV, projetor de slides, cavaletes, palco móvel e serviço de som.

A MESMA PRAÇA — Mas se tem um assunto sobre o qual os artistas natalenses gostam de falar, é a chamada “Praça da Cultura”, a ser construída pela Prefeitura nas imediações da Igreja do Rosário.

Levando a discussão aos jornais, os artistas — através de suas associações e cooperativas — reivindicaram a participação de seus representantes na elaboração da praça e cobraram, do Prefeito, acordo estabelecido neste sentido. “A Praça da Cultura foi feita sem a participação dos principais interessados, ou seja, os artistas”, diz Eduardo Alexandre, integrante de uma comissão de três pessoas (os outros dois são Plínio Sanderson e Venâncio Pi-



Praça da Cultura: mal aceita

neiro), que assumiram a diretoria da Associação dos Artistas Plásticos até a próxima eleição, dentro de cerca de trinta dias. "Como se admite uma "Praça da Cultura" sem um anfiteatro, por exemplo?", critica Plínio, que aproveita para pedir que apareçam alguns dos 2 mil e 500 jovens artistas que a Prefeitura afirma ter formado para participar de outra chapa concorrente na eleição da Associação dos Artistas Plásticos.

Nos registros da Coart, aparece uma faixa de 100 artistas que participam das manifestações promovidas pela entidade. "Este ano, espero que muitos outros participem conosco, e o Festival do Forte será

uma ocasião para isto", acredita Eduardo.

Obrigados a procurarem seus próprios espaços, os artistas natalenses dão prova de rara criatividade, como é o caso do pintor Alamilton que, cansado de encontrar as portas fechadas para as suas exposições, desde 1983 aproveita o Dia dos Finados para realizar uma mostra dos seus trabalhos no Cemitério do Alecrim, e que, segundo ele, conta com grande aceitação do público que normalmente se dirige para lá todo o dia 2 de novembro. Este ano, sua exposição contou com mais de vinte trabalhos intitulada "Eles Vivem". O que deixa a dúvida se são os mortos ou os artistas locais. □

contra mais em quintais de casas, ficando a cidade com uma resumida área verde pública, tais como parques e praças.

Talvez seja este apego da população ao verde o que faz com que as lutas ligadas à preservação do patrimônio natural da cidade tenham tanto respaldo, e são várias as campanhas do gênero. Em 1979, por exemplo, a cidade foi invadida por uma campanha contra a construção da Via Costeira e, mais recentemente, os moradores da rua Pinto Martins se levantaram contra a construção de edifícios nas encostas do local.

Ponta Negra também tem sido alvo de movimentos de preservação, e a batalha tem sido concentrada no sentido de proibir a construção de edifícios com mais de três pavimentos, e a devastação do Morro do Careca. Quanto às construções, proibição obtida e já incorporada ao Plano Diretor da Cidade, aprovado como Lei de número 3.175.

Cuidado com meio-ambiente não figura nas prioridades

Exaltada por suas belezas naturais, clima ameno e a presença do sol durante grande parte do ano, Natal esconde, por trás deste retrato bucólico, vários problemas comuns a grande maioria das cidades brasileiras, obrigadas a lidarem com uma população sempre crescente, o aumento desenfreado de áreas construídas e a preocupação com uma possível descaracterização da cidade.

Despertando a tempo para estas questões, nos últimos anos tem se visto em Natal movimentos ligados à questão do meio-ambiente, que procuram preservar a cidade de um crescimento desordenado e da devastação de suas dunas. Mas a questão ambiental em Natal não se

resume apenas à visão puramente ecológica, preservacionista. O grande problema para as próximas administrações será o aproveitamento adequado dos recursos naturais, encampados dentro de uma política preventiva.

LUTAS ECOLÓGICAS — Ainda na década de 20, Natal teve a sorte de receber um plano de expansão elaborado por um arquiteto italiano, Giacomo Palumbo, feito a pedido do prefeito na época, Omar O'Grayde. Este plano é responsável pelo clima de avenidas largas do Tirol e Petrópolis, depois ampliado para toda a cidade. Vista de cima, Natal é uma cidade verde; entretanto, esta abundância aparente de árvores se en-

POTENGI — Se o caso da Pinto Martins caminha para um desfecho desfavorável, pois, efetivamente, continuam as obras de um hotel em suas encostas. Já os moradores de Ponta Negra agora preparam um documento, com laudos técnicos da Associação dos Geólogos do Rio Grande do Norte, do IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) e do Sindicato dos Engenheiros, versando sobre as mais diversas áreas relacionadas com o meio-ambiente da região. Este documento, segundo afirmou Eduardo Assis Duarte, da Associação dos Moradores da Vila de Ponta Negra, foi entregue aos candidatos a prefeito, como forma de comprometimento com as idéias ali colocadas.



A devastação das dunas...



... junto à poluição do rio

Porém, Natal tem outros problemas que passam despercebidos da maioria da população, e que tem importância vital para o futuro da cidade. Um desses pontos cruciais diz respeito ao estuário do Potengi que, apesar de cantado em prosa e verso pelos poetas locais, nunca teve nenhum cuidado efetivo do poder público.

Apenas 10% de Natal é saneada, e mesmo este pequeno percentual é lançado "in natura" nas águas do Potengi, isso sem falar na poluição causada pelas indústrias que situam-se próximas às suas margens, como os curtumes, de reconhecida capacidade poluente. Através de uma pesquisa, realizada através do Instituto de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi constatada a presença nas águas daquele rio, de bactérias nocivas à saúde, o que pode vir a afetar a população que habita às suas margens e que tem no Potengi o responsável direto pela sua sobrevivência.

LENÇOL D'ÁGUA — Segundo Eugênio Cunha, presidente da Associação dos Geólogos do Rio Grande do Norte, é preciso se ter cuidado com uma possível contaminação dos lençóis subterrâneos d'água existentes sob Natal, uma vez que a maioria das casas utilizam fossas sépticas. Outro cuidado a se ter, diz respeito às fontes de água de superfície que abastecem a cidade, as lagoas de Jiquí e de Extremoz.

A lagoa do Jiquí já enfrenta problemas devido a instalação do Distrito Industrial de Eduardo Gomes, que a médio prazo podem ser comprometedores para o abastecimento d'água da cidade. Ainda sobre este aspecto do abastecimento d'água, esclarece Eugênio que as dunas são responsáveis por grande quantidade de absorção de água e do seu armazenamento, que alimentam o lençol freático da cidade. Com o corte destas dunas para a construção de conjuntos habitacionais, reduz-se em muito a capacidade natural de alimentação destes lençóis que, por sua vez, mantêm as lagoas que abastecem a população.

Além de tudo isso, as construções de inúmeros conjuntos parecem não ter tido nenhum estudo prévio quanto à sua localização, chegando ao cúmulo de terem sido construídos, alguns, sobre antigas lagoas, que devido a escassez de chuvas haviam secado.

CARECA — Encabeçando a lista das opções mais procuradas pelos turistas, famosa pelo enorme morro que se derrama sobre sua praia, Ponta Negra corre o risco de ter, num futuro próximo, toda a área do "Careca" devastada, tal é o ritmo crescente do seu desmatamento. Para o presidente da Associação dos Geólogos, este problema deveria ser resolvido, com uma solução que tanto preservasse o morro quanto o antigo hábito dos banhistas de subirem em suas encostas.

"A Prefeitura deveria exercer um papel coordenador dos diversos órgãos que lidam com atividades relacionadas ao meio-ambiente, sejam nas escalas federais ou estaduais", sugere Eugênio, acreditando que um órgão "com autonomia financeira, técnica e administrativa, assessorado por um conselho técnico, com efetiva participação da comunidade, facilitaria os trabalhos nesta área".

O Vereador Sérgio Dieb, do PCB, envolvido, juntamente com o faleci-

do Vereador Érico Hackradt, nas primeiras campanhas de inspiração ecológica, acha que é necessário se fazer cumprir a Lei 3.175, que inclusive considera mais da metade da área de Natal como Zona Especial. Esta Lei, já sancionada pelo Prefeito Marcos Formiga, é considerada por Dieb como extremamente avançada para os nossos padrões, o que fere interesses de grupos contrários à sua implantação efetiva.

Um outro projeto que não está se desenvolvendo a contento é o chamado "Parque das Dunas", responsável pelos trabalhos de manutenção da área da Via Costeira e arredores, o que aumenta a possibilidade de, por falta de fixação, haver a migração de parte daquelas dunas em direção à cidade. "É necessário que as pessoas se conscientizem de que só um trabalho sério vai permitir a vocação natural para o turismo encontrada em Natal, e a manutenção desta qualidade de vida que se tem por aqui", conclui Eugênio. □

A falta de infra-estrutura urbana prejudica o turismo

Ruas largas e arborizadas, praias consideradas das mais bonitas do Nordeste, povo hospitaleiro, sol de inverno a inverno, quase nenhum patrimônio histórico-cultural e poucas festas populares. Isso é o que caracteriza a turística Natal, capital

do Rio Grande do Norte, onde o Governo do Estado está implantando uma respeitável estrutura hoteleira e todo o aparato necessário, mas que ainda deixa muito a desejar para se comparar a cidades que se dedicam mais fortemente ao turismo



Limpeza é essencial

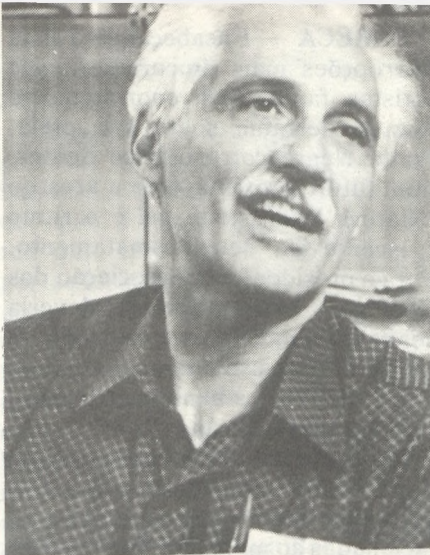
como Fortaleza ou Maceió e que, pela proximidade geográfica, poderiam ter características semelhantes.

Apesar de toda infra-estrutura hoteleira — até maio próximo, prevê-se o funcionamento de um total de 18 hotéis na Via Costeira — e a preocupação do Governo em preparar mão-de-obra para atender a demanda de turistas com a inauguração, agora em dezembro, do Hotel-Escola, Natal ainda não está preparada para receber os visitantes desejados por aqueles que lidam diretamente com o turismo no Estado. Apesar de todo potencial, a capital continua esperando ações concretas por parte da Prefeitura que, apesar dos dividendos que tal indústria poderia render ao município, ainda não foi capaz de criar as infra-estruturas necessárias para respaldar o turismo.

Peri Lamartine, agente de viagem (proprietário da **Aerotur**) acha também que a rede de agências de viagem é bem desenvolvida, e citou o caso da existência de algumas agências especializadas em turismo receptivo, mas embora o Governo esteja motivado, “falta dinamização para fazer funcionar toda estrutura existente”. Peri acredita que uma injeção de publicidade sobre Natal — com **folders**, **posters** e informações gerais sobre todos os eventos que acontecem aqui — redundaria numa maior quantidade de visitantes.

Não há mistério, confessa Peri Lamartine. O que está faltando é um trabalho mais intenso do Governo, “o que não pode é haver recuo do que já existe, porque a inércia já foi vencida”. Trabalhando com turismo há alguns anos, ele afirma também que há falta de preparo das pessoas que trabalham nos órgãos do Governo que estão ligados diretamente ao turismo.

“Tem que haver uma política do Governo voltada para o turismo”, diz Peri, que observa o quanto Natal cresceu no sentido turístico, citando inclusive o número de eventos que aqui acontecem, principalmente de-



Peri Lamartine: eventos

pois que foi inaugurado o Centro de Convenções, por ele considerado “muito bom”. Peri, no entanto, não acredita que o Prefeito eleito possa fazer algo para incrementar o turismo natalense, até porque sua função se restringe à promoção de eventos, o que significa dizer festas natalinas, juninas e carnaval. Nada mais a acrescentar.

Segundo Giovanni Rodrigues, Secretário Especial do Município e coordenador desses eventos, a Prefeitura também dá seu apoio às diversas promoções que, de uma forma ou de outra, contribuam para a divulgação fora do Estado. A Emprotur é quem promove o Estado e quem se responsabiliza, também, por outros programas que porventura chamem a atenção do turista, como a vaquejada, por exemplo. No entanto, a vaquejada, que poderia ser uma atração típica do Rio Grande do Norte — onde há, inclusive, o Parque 13 de Maio todo equipado para acontecimentos dessa natureza — não está incluída no calendário turístico do Estado.

APARÊNCIA — Mas à Prefeitura também é responsável pela aparência da cidade, pela sua limpeza, preservação do patrimônio público, iluminação e policiamento. Esses são alguns itens que, vez ou outra, são criticados severamente, seja por turistas ou, principalmente, pela po-

pulação, que é obrigada a conviver dia-a-dia com a sujeira predominante em alguns trechos de Natal. Ou mesmo com a insegurança, que já faz parte da rotina de uma cidade que pretende ser desenvolvida.

É aí onde se concentra a crítica do Gerente do Hotel Residence, José Guerreiro, que acha necessário uma maior preocupação com a limpeza, especialmente nas áreas próximas aos hotéis. A diretora da China's Turismo, Vera China, não considera Natal uma cidade suja, mas ressalva que a preservação de sua limpeza depende principalmente da população que, na sua opinião, não está preparada para conviver com a boa aparência da cidade.

Nesse sentido, ela sugere uma campanha de conscientização da população para que as ruas sejam conservadas — “educar o povo para não jogar lixo na rua”. Segundo Vera, isso valeria até a título de sugestão para a nova administração municipal, que deve assumir em janeiro próximo.

Na sua opinião, Natal hoje alcançou um lugar no calendário turístico nacional, e isso em função da Via Costeira e do complexo hoteleiro que ali está sendo implantado, além do Centro de Convenções. Vera China acha, também, que o grande mérito do que está acontecendo se deve ao Governo Estadual, que conseguiu meios para a construção dos hotéis.

VENDER — Eliton Bezerra, diretor do Hotel Residence, afirma que Natal tem tudo para ser um pólo turístico, diz que, “há um péssimo serviço e é preciso investimento na área de recursos humanos”. Vender a imagem de Natal é a necessidade mais urgente para que se incremente o turismo da cidade, continua Eliton Bezerra, acrescentando que falta transporte (táxis especiais), segurança, restaurantes com características regionais e pessoas. Cita ainda a necessidade de se criar eventos como a Vaquejada, promover “Natal em Natal”, conclui Eliton Bezerra. □

Cinco Estrelas pelo preço de Duas
Hotel Residence

AV. SALGADO FILHO, 1773
LAGOA NOVA — NATAL-RN — CEP 59.000
TELEFONE: (084) 221-2266 — TELEX: (084) 2393
CGC 09.110.354/0001-63 — INSC. EST. 20.023.838-8



Esporte amador está em apuros

As Federações querem mais apoio ao esporte Amador

As Federações de esporte amador do Rio Grande do Norte, ao longo dos últimos anos, vêm enfrentando sérias dificuldades técnicas e financeiras, sobrevivendo apenas pela teimosia dos dirigentes, que normalmente precisam desembolsar benefícios para que as competições sejam realizadas. Das viagens de avião com hotel 4 estrelas nas competições nacionais, noutros tempos, as delegações passaram para ônibus e alojamentos, e hoje não conseguem mais sequer participar de campeonatos noutros Estados por falta de condições. Mas essa crise teve um ponto positivo: depois de muitos anos de intrigas e desunião, as Federações se reuniram e formaram uma Associação para ganhar força política e mais poder de reivindicação.

A primeira conquista, este ano, foi uma verba do Governo do Estado no valor de 60 milhões de cruzeiros que, rateada entre as 16 Federa-

ções, rendeu 3 milhões e 750 mil cruzeiros para cada, quantia considerada insignificante. Mesmo assim, esta conquista serviu para provar que, unidas, elas são fortes e o presidente da Associação, Fernando Nési — que também dirige a Federação de Basquete — tem planos ousados e cobranças para o próximo prefeito de Natal. Ele, em nome das Federações, vai cobrar mais uma vez, a construção do “Castelinho”, um projeto antigo que nunca foi efetivado por falta de verbas, segundo informações do atual prefeito Marcos Formiga. O “Castelinho” seria um ginásio de esportes com toda infraestrutura para grandes eventos, e deveria atender às necessidades atuais da cidade, uma vez que o ginásio mais importante no momento ainda é o Palácio dos Esportes, totalmente superado.

Mas as reivindicações não param por aí: as Federações querem um centro olímpico para treinamentos e

mais apoio por parte da Prefeitura, que até o momento só se preocupou em difundir o esporte comunitário nos bairros. Fernando Nési considera isso uma estratégia política, e explica porque as Federações também merecem apoio:

“A Prefeitura, através da Fenat, tem se preocupado muito com o esporte comunitário, esquecendo a importância das Federações, pois são elas que divulgam o nosso esporte lá fora e participam de competições mais importantes. Mas esperamos uma nova mentalidade do prefeito eleito”.

As reclamações de Nési são fundamentadas: enquanto as Federações passam sérias dificuldades, a Fenat distribui material esportivo em todas as ligas, beneficiando 33 mil “peladeiros” pela periferia. Apesar de não discordar desse trabalho, o dirigente pretende unir ainda mais as Federações para que elas, como as ligas, ganhem força e tenham mais acesso aos políticos nas suas reivindicações. “Nós precisamos mostrar que as Federações são fortes e podem ajudar ou prejudicar uma campanha política. São centenas de atletas, pais e técnicos interessados no progresso do esporte, e quem ajudar, por estar ganhando alguns votos”, afirma.

NATAL PRETERIDA — A importância das Federações, segundo o dirigente, pode ser dividida em três componentes fundamentais: a divulgação do Estado lá fora com as competições nacionais, uma nova força política com a agregação de todas e a melhoria do potencial técnico caso as reivindicações sejam atendidas. Nési reconhece que o Estado ainda tem muitos defeitos, mas acredita no êxito dessa investida.

“Nós ainda enfrentamos uma série de obstáculos exatamente porque não há uma mentalidade formada sobre o esporte nem dos homens do Governo, nem dos empresários. Isso dificulta a expansão das Federações, que ficam sem subsídios para armarem as equipes e organizarem competições”.

Toda mãe merece o paraíso.



Neste Dia das Mães, com todo o respeito, pegue a mamãe dos seus filhos e venha com ela ao Tahiti.

Essa história de ser mãe é padecer no paraíso não tem graça nenhuma. Bom mesmo é usufruir das delícias do paraíso.

MOTEL TAHITI
O paraíso é aqui.

SEU CARRO FAZ PARTE DO SEU DIA-A-DIA

Em Carlos Auto Peças você encontra tudo que ele precisa: som, acessórios, peças originais, tintas automotivas e um tratamento todo especial.

- Loja 1 — Alecrim — Tel.: 223-2608
- Loja 2 — Hiper Bompreço — Tel.: 221-2831
- Loja 3 — Shopping Cidade Jardim — Tel.: 231-1119

CARLOS AUTO PEÇAS

A CASA QUE TEM TUDO

Restaurante Xique-Xique

COZINHA INTERNACIONAL

Almoço
das 11:00 às 15:00 horas
Jantar
das 18:00 às 24:00 horas
2.ª a sábado

Rua Afonso Pena, 444
Petrópolis — Fone: 222-4426
Natal-RN — 59.000



FOMART

COMÉRCIO, IMPORTAÇÕES
E REPRESENTAÇÕES LTDA.

MATERIAL PARA:

- Fotografias;
- Pintura;
- Desenho;
- Gravuras;
- Arquitetura;
- Engenharia.

Shopping Center Cidade Jardim - Loja 17
Estrada de Ponta Negra, s/n - Tel.: 231-6751
CEP 59.000 — Natal-RN



**CONCESSIONÁRIO DO
CENTRO DE CULTURA
ANGLO AMERICANA**

INGLÊS AUDIOVISUAL

O C. C. A. A. abre matrículas para o 2.º semestre-85. CURSOS: Regular, de Viagem, Intérprete, Inglês Comercial. O C. C. A. A. veio para servir. Venha ficar com a gente.

AV. RIO BRANCO, 767 — TEL.: 221-1468
CIDADE ALTA — NATAL-RN



EMSERV

EMPRESA DE SERVIÇOS
E VIGILÂNCIA LTDA.

VIGILÂNCIA BANCÁRIA,
INDUSTRIAL, RESIDENCIAL
E ÓRGÃOS PÚBLICOS.
TRANSPORTE DE VALORES
EM VIATURAS BLINDADAS.

Av. Campos Sales, 682
Fones: 222-1810 — 222-1360
Natal-RN — 59.000



OACOS

COMPUTAÇÃO

TREINAMENTO
PROFISSIONAL E
ASSESSORIA LTDA.

AV. DEODORO, 751 — FONE: 222-8571
NATAL-RN — CEP 59.000

COMÉRCIO OS MELHORES END



EMBRASEL

EMPRESA BRASILEIRA
DE LOCAÇÃO E
SERVIÇOS LTDA.

Limpeza, Conservação,
Office-Boy, Ascensorista,
Contínuos, Lavagem de
Carpetes

AV. FLORIANO PEIXOTO, 422
NATAL-RN — FONE: * 222-9132

**Café
SÃO
BRAZ**

O CAFÉ DA FAMÍLIA

Rua dos Paianazes, 1545
PABX 223-2379
Natal-RN — 59.000

SERVIÇOS GRÁFICOS DE QUALIDADE

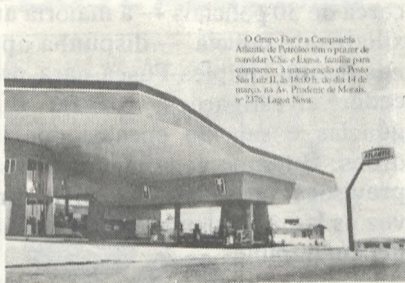
Do lay-out a impressão,
RN/ECONÔMICO tem a solução.
Formulários, notas fiscais,
cartazes, material de expediente,
tipográfico ou off-set, procure
RN/ECONÔMICO. Faça do seu
material sua apresentação.



FAÇA COMO MAIS DE
200 EMPRESAS, PROCURE
RN/ECONÔMICO!

RN/ECONÔMICO
Rua São Tomé, 421 - Tel. 222-4722 - Centro

Vamos alcançar um novo posto.



O Grupo Eter e a Companhia Atlântica de Petróleo têm o prazer de anunciar que a Estação de Serviço para completar a infraestrutura do Posto São Luiz II, às 18:00h, do dia 14 de março, na Av. Prudente de Moraes, nº 2376, Lagoa Nova.

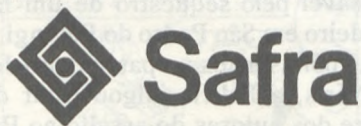
Rapidez no atendimento, ambiente amplo e agradável — check-up.

6 lojas de produtos e serviços, ilhas geladas (sorvetes e refrigerantes), loja Use e super-troca, possui 2 pavimentos que permitem abastecimentos de 17 carros simultaneamente.

AV. PRUDENTE DE MORAIS, N.º 2376, LAGOA NOVA — NATAL-RN

& SERVIÇO

EREÇOS DE NATAL



BANCO SAFRA S/A
Rua João Pessoa, 270
Telefone: 221-2421
Natal-RN — 59.000

videofoto mania
é pra sempre

HIPER CENTER BOMPREGO
TELEFONE: (084) 222-7607

Nick DOCES E FLORES

BUFFET

ALMOÇO AOS DOMINGOS
C/MESA DE FRIOS — CHÁ DAS 5.

MATRIZ: AV. PRUDENTE DE MORAIS, 618
FONE: 222-3318
FILIAL: CCAB — LOJA 6 — FONE: 222-4833-
NATAL-RN

As melhores marcas em material de expediente e escritório.

WALTER PEREIRA
LIVRARIA E PAPELARIA LTDA.

LIVRARIAS:
• ISMAEL PEREIRA (Ribeira)
• UNIVERSITÁRIA (C. Alta)
• WALDUPE (C. Alta)
• MODERNA (Alecrim)



CHINA'S
TURISMO

EMBRATUR 03467-00-42-4

Passagens, excursões aéreas, marítimas, rodoviárias nacionais e internacionais. Diário — Conta-Corrente — Aluguéis de carros — Traslados e passeios pela cidade.

PASSEIO MARÍTIMO EM VELEIRO — Saída diariamente às 09:00 horas do late Clube, indo até a Praia de Ponta Negra. Preço por pessoa: USD 10.00.

FERNANDO DE NORONHA — Cruzeiro inesquecível em veleiro — Duração 7 dias, incluindo um dia em Atol das Rocas, estadia e refeição à bordo. Preço por pessoa: USD 160.00.

Rua Jundiá, 340 — Tirol
Tel.: (084) 222-4685 — 222-0180
CEP 59.000 — Natal-RN

ALUGUE UM CARRO



Av. Rio Branco, 420 — Centro
Fones: (084) 222-4144 — 223-1106
Telex: 084-2544 — DUDU-BR
Aeroporto Int. Augusto Severo
Fone: 272-2446 — Natal-RN

Siga a estrela



Riachuelo
ONDE VOCÊ COMPRA MELHOR

Para fazer uma boa compra, tudo pelo Jet-Cred ou Cartão de Crédito Riachuelo.

R. JOÃO PESSOA, 254 — FONE: 221-3727
NATAL-RN



Cooperativa dos Produtores Artesanais do Rio Grande do Norte
FUNDADA EM 30 DE OUTUBRO DE 1963

Comercializa artigos de artesanato em palha de carnaúba e sisal, bolsas, sandálias, tapetes, serviços americanos e outros.

Rua Jundiá, 353 — Tel.: (084) 222-3802 — 222-0662
Endereço Telegráfico: "COPALA"
59.000 — NATAL — RIO GRANDE DO NORTE

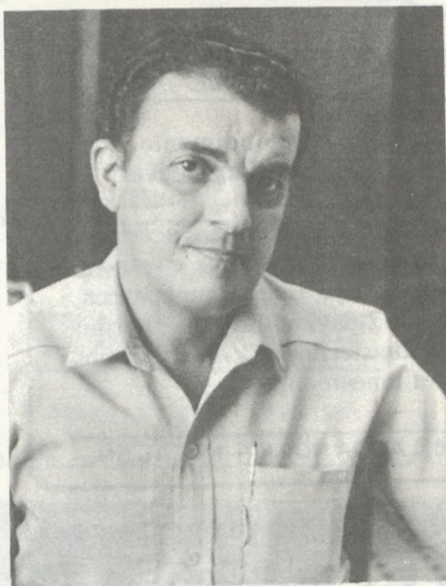
SPORT Master

Agasalhos esportivos, fardamentos colegiais, fabricação própria, serviço completo em silck-screm, material para natação, balé e ginástica, camisa, colchões, colantes, tênis, etc.

RUA MOSSORÓ, 324 — FONE: 222-5429
NATAL-RN

O presidente da Federação de Futebol de Salão, Hélio Câmara, confirma as palavras de Fernando Nézi e espera mais apoio do prefeito eleito, principalmente porque o salão do RN sempre teve lugar de destaque no Nordeste e precisa de mais apoio. "O prefeito eleito tem que olhar para as Federações, pois as dificuldades são muitas, e sem ajuda, não vamos suportar".

Se boa vontade ganhasse jogo, todos os anos o Rio Grande do Norte conseguiria a maioria dos títulos brasileiros. Mas não é bem assim. O presidente da Federação de Voleibol, Carlos Eduardo, tem travado uma luta violenta em busca de apoio tanto junto as empresas como ao Governo, mas sempre recebe respostas negativas. Tendo promovido as competições mais importantes do ano, a FNV mostrou que, com grandes jogos, a torcida comparece e o negócio termina sendo rentável. Mas difícil é convencer os patrocinadores. Recentemente, a Seleção Brasileira Masculina de Vôlei, nos preparativos para o Mundial, realizou uma série de amistosos pelo Nordeste contra a Seleção Tchecoslováquia. Jogou em João Pessoa,



Fernando Nézi: força política

Fortaleza, São Luís e Teresina, tendo sobrevoado Natal sem que houvesse um apoio financeiro para que a torcida potiguar pudesse prestigiar esse importante evento. E Carlos Eduardo afirma que, enquanto Natal não tiver um ginásio à altura, que comporte no mínimo 15 mil pessoas, dificilmente será possível realizar grandes jogos. □

Uma cidade em que polícia não significa segurança

Uma cidade insegura, às voltas com assaltos e arrombamentos cada vez mais freqüentes e uma Polícia em renovação, com novos valores humanos, mas enfrentando uma situação de deficiência material cada vez maior, o que torna uma cidade aberta a ousadas incursões de ladrões e criminosos de outros Estados. Esse o retrato da nossa Capital e dos órgãos de segurança, a menos de dois meses do final do ano. Uma retrospectiva constrangedora, embora marcada pela ascensão dos novos valores na Polícia e da figura da mulher no papel de mantenedora da segurança da sociedade.

Nos últimos meses, Natal viu e sofreu tudo. Desde as já comuns execuções de marginais, debitadas ao mistério dos esquadrões de extermínios — sobre os quais a Polícia nunca conseguiu apresentar uma pista sequer — até o anúncio da criação da Delegacia Especial de

Defesa da Mulher, um sonho antigo e sinal de que os órgãos de segurança despertaram para a situação da mulher como vítima de agressões e preconceitos no momento de denunciar um crime. Em meio a tudo isso, a população assistiu e sofreu na pele o recrutamento dos assaltos a mão armada, sempre realizados por pequenas quadrilhas. Veio também o aumento dos arrombamentos de residências, fruto de ações isoladas por parte de marginais locais e habituais freqüentadores de xadrez da Delegacia de Furtos e Roubos.

Às voltas com deficiências de toda a sorte, a Polícia é que passou a assistir, a partir do final do primeiro semestre, aos desmandos de grupos oriundos de outros Estados, principalmente da Paraíba. Em pouco menos de dois meses, vários estabelecimentos comerciais — desde lojas a supermercados — foram arrombados e os autores levaram

jóias, dinheiro e confecções no montante superior a 150 milhões de cruzeiros. Enquanto isso, a Delegacia de Furtos e Roubos, contando com cerca de 30 policiais — a maioria auxiliares de Polícia — dispunha apenas de um simples Fusca para proceder investigações, realizar diligências e sair no encalço dos ladrões. O tempo veio a confirmar as previsões: nessa batalha, mais uma vez os ladrões ganharam. E permanecem impunes.

PARAIBANOS — A Polícia Civil, que terminara 1984 com um saldo extremamente positivo de várias quadrilhas de ladrões de carros totalmente desbaratadas, descobriu que havia muito marginal estranho em atividade na Capital. A constatação veio depois com a prisão de uma dupla de paraibanos responsável pelo roubo de cerca de 70 toca-fitas de automóveis e, em seguida, com a prisão de um patrolheiro da Polícia Rodoviária Federal da Paraíba e outros três conterrâneos, um deles soldado do Corpo de Bombeiros, responsável pelo seqüestro de um fazendeiro em São Pedro do Potengi.

Ao pôr as mãos no patrolheiro José Néris, a Polícia julgou estar de posse dos autores do assalto ao Paraíba — Banco do Estado da Paraíba, ocorrido em julho passado e que resultou na morte de um vigilante. As suspeitas não se transformaram em provas, e a Polícia continua sem pistas dos assaltantes assassinos. O crime permanece na lista dos ainda insolúveis, cuja maioria ocorreu na zona além-Potengi, repleta de conjuntos habitacionais e onde mora cerca de um terço da população da Capital. Naquela área, a população conta apenas com um único distrito policial, onde um delegado e alguns auxiliares de Polícia dispõem de um único carro.

RENOVAÇÃO E MUTIRÃO — Mas nem tudo é deficiência e insegurança no meio policial do Estado. Em fase de renovação do efetivo policial, a Secretaria de Segurança Pública adquiriu, através de concurso público, quase 100 novos agentes e 22 delegados civis. Dentre estes, portadores de diploma de Direito e diplomados na Escola de Polícia Civil, estão 10 mulheres que, no final de setembro, passaram a trabalhar em Delegacias movimentadas da Capital, como a de Furtos e Roubos, de Menores e a de Furtos e Roubos

SUPER FEIRÃO DE PISOS E AZULEJOS

JOCA, QUE HÁ MUITO TEMPO PRECISAVA REFORMAR SUA CASA, CONTOU A SACI E...

QUE LEGAL, VAMOS JÁ P/ O FEIRÃO DA SACI! TUDO PELOS MELHORES PREÇOS... E QUE ATENDIMENTO!

NÃO SEI NÃO ESSE NEGÓCIO DE FEIRÃO TEM MUITA LOJA POR AQUI. EU VOU E PRO ARMÁZEM LÁ DA ESQUINA.



DEPOIS DE ESPERAR UM TEMPAO P/SER ATENDIDO... UM TEMPAO P/EXPLICAR...

MOÇO, JÁ EXPLIQUEI CEM VEZES, PRÁ COZINHA, CERÂMICA VITRIFICADA, NO CHÃO, E AZULEJOS NA PAREDE.



NÃO MOÇO, O MELHOR É MADEIRA NO CHÃO. E O SR. TEM SORTE, ESTÁ EM PROMOÇÃO NA LOJA.

MUITAS HORAS DEPOIS, JÁ NA 20ª LOJA...

CLARO DOUTOR, NA NOSSA LOJA O CLIENTE MANDA, E O ORÇAMENTO É GRATIS, VEJAMOS: ÁREA DA COZINHA 3x4 = 11? OU 4x3 = 15?



JOCA ESTAVA MALUCO DE RAIVA... NOS LUGARES EM QUE FOI ENCONTRADO: MAU ATENDIMENTO, PREÇOS ALTOS, INCOMPETÊNCIA, BAGUNÇA, MATERIAIS DE BAIXA QUALIDADE...

ATÉ ODO, VOCÊ VAI SER CABEÇA DURA? O FEIRÃO DA 50% DE ABATIMENTO NO PREÇO DE PISOS E AZULEJOS. O ATENDIMENTO NA SACI É ESPECIALIZADO E O MATERIAL, DE ALTO NÍVEL E...



ENFIM, O FINAL FELIZ CHEGOU NESTA HISTÓRIA...

PUXA, POR QUE EU NÃO VIM ANTES NA SACI? É TUDO ORGANIZADO MESMO, E O LEGAL É QUE TEM OUTRAS PROMOÇÕES ALÉM DO FEIRÃO. VOU JÁ COMPRAR TUDINHO AQUI!



COLOQUE NA SUA CONSTRUÇÃO OU REFORMA UM FINAL FELIZ. COMPRA NA SACI!

SACI ONDE NATAL COMPRE!



Rua Pte. Bandeira, 828 - Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 - Ribeira
NATAL-RN



Natal sem defesas

de Veículos. Algumas delas deverão ser designadas para trabalhar na Delegacia de Defesa da Mulher, que poderá ser instalada nos próximos meses.

Mas para acompanhar o desenvolvimento da Capital e do interior do Estado, e barrar o conseqüente aumento de criminalidade, a Polícia Civil ainda precisa renovar e ampliar todo o seu efetivo e adquirir melhores condições materiais, sem as quais permanecerá na delicada posição dos impotentes. Foi com este pensamento que o secretário de Segurança, tenente-coronel José Fernandes Delgado compareceu em julho, em Brasília, ao Encontro de Secretários de Segurança e Justiça de todo o país, para a elaboração do mutirão contra a violência. Na segunda reunião, apresentou projetos

de construção de Delegacias, aquisição de equipamentos essenciais à atividade policial, o que baixa a casa dos 15 bilhões de cruzeiros.

A resposta do Ministério da Justiça parece vir em câmera lenta: dispondo de 400 bilhões de cruzeiros para distribuir entre os Estados, não havia oficiado, até o final de outubro à Secretaria de Segurança, sobre a fatia do bolo que vai caber ao Rio Grande do Norte. Já ciente da natural lentidão, mesmo num dos maiores projetos de Governo do Presidente José Sarney, o secretário Delgado assegura que estaria satisfeito se viessem, até o final do ano, pelo menos cinco bilhões de cruzeiros.

COLABORARAM NA REPORTAGEM: Moura Neto, Eugênio Pereira, Cione Cruz, Madson Fernandes e Victor Hugo.



Algumas novidades no efetivo

Os lances da campanha que elegeu o prefeito de Natal

Arrefecido o ardor da disputa à Prefeitura de Natal — inflamada pela polarização em torno dos dois mais fortes candidatos — o momento é propício para uma análise de todos os fatores envolvidos na condução das campanhas, que desembocaram na vitória do candidato do PMDB/PCB/PC do B, Garibaldi Alves Filho. O que se viu, na realidade, foi uma repetição fiel do campo de batalha vivenciado pelo Rio G. do Norte em 1982 — exceto pelo desfecho, que chegou a ultrapassar um pouco a previsão dos próprios correligionários de Garibaldi Filho.

A maioria de 15 mil e 784 votos causou uma espantosa agitação em Natal, muito mais surpreendente pelo número de "bacuraus" que, desentocados, saíram às ruas, que pelo ardor da comemoração. O que leva a crer que muita gente andou defendendo o direito ao segredo do voto com hábeis dissimulações, e que o escândalo do "rabo de palha" teve maiores efeitos do que os esperados. No final das contas, Natal acabou no rol das cidades onde as pesquisas de opinião deram certo, apesar das "viradas" ocorridas em outros eleitorados.

É evidente que as variáveis da eleição em Natal não podem ser reduzidas a apenas dois itens. Apesar da semelhança entre as situações



José Agripino: perda dupla

de quatro anos atrás e a de hoje, as diferenças foram consideráveis. Tanto que o cenário político estadual apresenta, agora, algumas incógnitas, embora uma coisa seja certa: o equilíbrio das forças políti-

cas que vão travar um duro combate para conduzir as eleições de 1986.

OS PESOS DA BALANÇA — Se, em 1982, Aluísio Alves vinha combatido pelos anos de suspensão dos



Passeatas insuflando os ânimos

ARQUIVO TN

direitos políticos, além do já histórico acordo com a situação em 1978 — quando apoiou a candidatura de Jessé Freire ao Senado, hostilizando o candidato de seu partido, Radir Pereira — neste ano, a sua atuação teve um peso diferente.

Ministro, emprestou considerável valor à candidatura de Garibaldi Filho, tanto do ponto de vista político como financeiro. Sem falar que o prefeito eleito, por si mesmo, já contribuiu com um bom trânsito junto ao eleitorado natalense, construído ao longo de quatro mandatos na Assembléia Legislativa. A isso some-se a natural tendência oposicionista do eleitorado das capitais. O achado do “rabo de palha”, mesmo sem ter logrado alterar posições mais radicais, comprometeu a imagem do Governador José Agripino a nível nacional, e diluiu a força do contra-ataque dos Maia junto ao eleitor indeciso.

Esse foi, ao que tudo indica, o saldo do erro político do Governador, hoje criticado por correligionários e opositores. Contra a campanha da candidata do PFL/PDS, havia também a sua experiência política, praticamente resumida a acompanhar de camarote a evolução dos homens da família — apesar de ter nas mãos a Secretaria de Trabalho e Bem-Estar Social. Vilma Maia custou a se habituar ao jogo pesado de uma eleição municipal, e mesmo o seu inegável fôlego nos instantes finais da campanha não foi capaz de poupar a estrutura sólida erguida pelos Maia ao longo de toda uma década.

Vilma Maia perdeu mesmo nos redutos onde sua atuação, como Primeira Dama e Secretária, foi mais intensa, como é o caso de Mãe Luíza. A eleição municipal, no entanto, teve mais de um perdedor, e o ferimento mais grave, com certeza, foi o do senador Carlos Alberto — que ousou desafiar as duas oligarquias, confiando no seu prestígio eleitoral, e viu sua força esvanecer-se na votação de Miriam, inferior à do candidato novato de um partido incipiente aqui no Rio Grande do Norte (vez BOX).

OS ECOS DA ELEIÇÃO — Ganhar a eleição municipal, para os Alves, era ponto de honra. Estavam em jogo o prestígio da família, derrotada em 82, o futuro do seu maior trunfo em termos eleitorais — Garibaldi Filho, e, obviamente, o peso das armas a serem usadas em 86.

Hoje, os Alves contam com a Prefeitura de Natal. Ponto para Garibaldi, que começa a ser indicado como um possível candidato a Governador, mesmo que Geraldo Melo, presidente regional do PMDB e uma das estrelas da eleição municipal, já foi lançado na disputa com bastante antecedência. Geraldo Melo, entretanto, não deve abrir mão com facilidade do cargo que vem disputando há algum tempo.

Agora, com Vilma Maia declarando que vai liderar a oposição à Garibaldi e com a disputa, mais ou menos equilibrada, ao Governo do Estado, muitos apostam que Natal sairá ganhando. Garibaldi Filho, se quiser contribuir para a vitória do seu partido em 86, terá que fazer uma boa administração — até porque ser prefeito eleito é uma responsabilidade significativa. A situação de confronto com os Maia, por seu lado, acaba estabelecendo uma espécie de competição — cujo objetivo final, certamente, são as urnas — e medição de forças pode redundar em obras de alguma repercussão.

A reboque da eleição, um outro resultado tanto benéfico quanto maior for sua duração: um respeito maior ao direito de voto do eleitor.

Do ponto de vista da população, se o escândalo do “rabo de palha” serviu para alguma coisa, foi para que a compra de voto, que vinha sendo feita escancaradamente por ambos os lados, acabasse sendo mais discreta. Levantar a lebre teve o efeito de dobrar a vigilância por parte dos partidos e das autoridades eleitorais.

Uma dúvida ainda paira: a situação dos partidos comunistas, configurada a vitória da coligação. O preconceito ainda é muito forte — e Jânio Quadros é o exemplo maior — e é difícil prever o quanto Garibaldi Filho poderá ceder aos comunistas sem se tornar alvo de oposição mais renitente. Os comunistas, por sua vez, não podem deixar barato: estão sequiosos de influir mais decisivamente no futuro de sua cidade e Estado.

A eleição, em síntese, foi um instrumento dos mais preciosos para medir a temperatura do eleitorado natalense, ainda oposicionista, e para ensinar a alguns políticos que ousadia demais pode, entre outras coisas, significar um tiro pela culatra. Aluizio Alves pode falar por 82; Agripino Maia, por 85; e Carlos Alberto, talvez passe muito tempo podendo falar de cátedra. □

POLÍTICA II

Os planos do vice-prefeito para valorizar o seu papel

“«Vice» não fala”. Contra essa sentença, popularizada pelo conhecido personagem do humorista Jô Soares, tentaram unir-se os candidatos a vice-prefeito de Natal, disputando tempo e espaço para aparecerem como mais que meros apêndices na eleição. Esforço inútil. Os vices — à exceção de Edson Gutemberg, do PDT, que figurou ombro a ombro com Waldson Pinheiro — ficaram no mais obscuro segundo plano e, se alguma vez tiveram voz, muito pouca gente chegou a ouvir. E também não foi nesta ocasião que o eleitorado pôde memorizar seus rostos, que não tiveram lugar nos **outdoor**, e pouco foram enfocados na televisão.

Sob essa ótica, Roberto Furtado, o vice eleito pela coligação PMDB/PCB/PC do B, para investir

seu papel terá que enfrentar o peso de uma tradição que destituiu os vices de qualquer poder. A não ser o que a legislação especifica: a substituição ao titular em casos de eventuais impedimentos ou, mais definitivamente, por renúncia ou morte. Sobre o que um vice deve fazer nos intervalos ou fora dessas situações, a lei não faz nenhuma referência.

VALORIZAÇÃO DO PAPEL — Mesmo assim, o vice-prefeito eleito de Natal, Roberto Furtado, 52 anos, acredita na valorização do seu cargo, ressaltando que, “na conjuntura atual, o vice-prefeito deverá ter um papel que não se resume aos aspectos administrativos no auxílio ao prefeito, mas que assuma uma função política”. Ele faz questão de fri-

sar que, dentro desse pensamento, não defende para o vice a destinação de cargos na administração municipal. Segundo coloca, "em conversas com o prefeito eleito", ficou claro que ele ocupará "o lugar de colaborador imediato e direto, assumindo atribuições que ajudarão a cumprir o programa proposto e, principalmente, fornecendo o apoio político necessário à implantação e continuidade de uma prática democrática na Prefeitura".

Advogado, Roberto Furtado estreou na vida pública como membro das duas gestões sucessivas do ex-prefeito Djalma Maranhão, onde ocupou a Procuradoria do Município e a Secretaria de Finanças. De suas atividades na Prefeitura com Djalma Maranhão é que Roberto

Furtado tira a maior parte dos seus argumentos para analisar a atual realidade de Natal, e defender as idéias que tem para a Prefeitura. Foram essas atividades que, segundo ele, "deram o conhecimento da problemática interna de uma Prefeitura".

Prefeito de Natal por 45 dias — durante um impedimento de Djalma Maranhão — o atual vice de Garibaldi Filho chegou a enfrentar uma greve de empresários de ônibus que queriam o reajuste das tarifas. Afastado da administração municipal pelo golpe militar de 64, candidatou-se e elegeu-se deputado estadual por quatro vezes consecutivas. Quando as eleições para prefeito da capital foram restabelecidas, o nome de Roberto Furtado apareceu

como o de um candidato natural dentro do PMDB, recebendo o apoio da chamada "ala autêntica" que via, na sua escolha, "a recompensa pelos serviços prestados".

LISTA DE PRIORIDADES — Para Roberto Furtado, Natal é uma cidade com muitos problemas e poucos recursos. Salientando que suas opiniões foram discutidas e são compartilhadas pelo prefeito eleito, analisa as origens dos problemas da capital, apontando a questão do desemprego — consequência do modelo econômico adotado pelo País nos últimos anos — como o fator principal. Sua proposta a esse respeito é o incentivo da indústria caseira, do artesanato. Ele defende também a necessidade de uma re-

O que pintou na tevê

EDUARDO PINTO

Ninguém poderá dizer que esteve a salvo diante da armadilha montada na programação diária da TV, com os horários destinados à propaganda eleitoral. Prenderam-nos, justamente, no momento de espera: entre os gols da rodada e algum lucro financeiro; entre "ceenas do próximo capítulo" e alguma manchete alvissareira; entre novelas e notícias locais — no instante exato de expectativa. Com certeza, esta estratégia foi articulada para não desligarmos o televisor, naquele horário. Mas, sem dúvida, teremos de convir: os Programas de Propaganda Política — eles mesmos — se encarregavam de tecer as malhas, em que nos envolviam. Neste sentido, consideramos alguns ASPECTOS SIGNIFICATIVOS, determinantes — sob o ponto de vista semiótico — dos TRAÇOS DISTINTIVOS entre os BLOCOS DE PROPAGANDA ELEITORAL pela tevê.

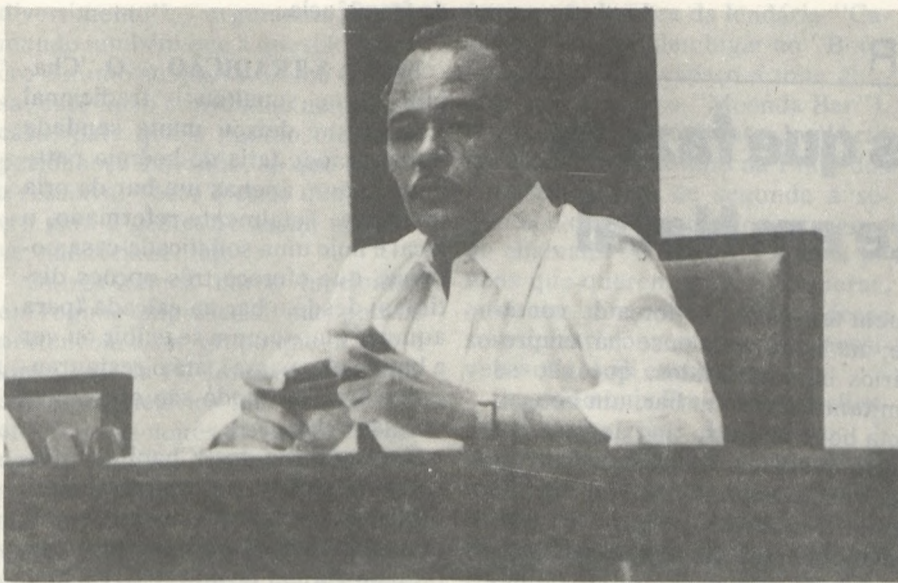
A rigor, vindo por esta perspectiva (semiótica), as aparentes inovações não foram nada inovadoras: apesar da liberdade de utilização do veículo pelos Partidos — como lhes conviesse e invenção tivessem — no horário estabelecido. Os que dispunham de maior tempo para propaganda (Frente Democrática e Aliança Comunitária) executavam os "recortes das mensagens" de maneira equivalente; e, sob este aspecto, detectam-se verdadeiras paráfrases, tanto no plano-da-expressão, que é correspondente ao modo de articulação das formas (imagens), como no plano-de-conteúdo, que corresponde ao sentido ou significado da mensagem.

Ambos padronizaram seu formato, à maneira de um pequeno noticioso. Mas, num exame paralelo, percebe-se, rapidamente, que a "edição-montagem" do material recortado foi melhor sucedida nos programas da Frente Democrática. Contribuiu para isto, re-

levantemente, o emprego ritmado da "vinheta", com o Slogan do candidato (ELE É UM DE NÓS), como código-de-continuidade entre as seqüências do "teipe". No plano-da-expressão, isto é, da estrutura formal, o programa da Frente Democrática (Garibaldi) era mais INFORMATIVO; enquanto que o programa da Aliança Comunitária era mais DOCUMENTAL. Conseqüência: o primeiro resultou mais em linguagem televisual; pois o CORTE era o fator condicionador da dinâmica do programa, dando, sempre, a deixa do verbal para o visual. Já o segundo (o da candidata Vilma) verbalizava demasiado o icônico ou a imagem. O comentário (código lingüístico) é que determinava a dinâmica do programa. Demonstra isto a utilização mais acentuada do discurso narrativo em OFF (imagem, com som da locução por trás), na propaganda da Aliança Comunitária; bem como o encaixe do Slogan (VAMOS COM VILMA — Ela sabe administrar) que, além da aliteração patente, recorria à verbalização do V (em V de você).

Do emprego das vinhetas (slogans) resultam duas situações: 1 — O TAPE de propaganda eleitoral da Aliança Comunitária girava sempre em torno do SLOGAN "Vamos com Vilma — Ela sabe Administrar"; 2 — Na propaganda da Frente Democrática, o SLOGAN é que tinha de girar em volta do TAPE de campanha de seu candidato. Registre-se: só nos últimos programas é que se conseguiu motivar o slogan (Ele é um de Nós), presente — então — no discurso de personalidades do PMDB. (De acordo com a terminologia de Olivier Reboul, pode-se adiantar que o primeiro é um "slogan completo"; o segundo, um "slogan incompleto").

Estes aspectos, por si sós, caracterizam e sintetizam os "traços distintivos", entre os dois formatos,



Roberto Furtado: função política

de que falamos acima; se bem que, no nosso entender, apesar de modelizadores, não promoveram novas formas de linguagem, na propaganda política local.

Se, nos filmetes (blocos) mencionados, não se encontra inovação formal significativa, por sua vez — nos programas do PTB — as velhas fórmulas se esgotam e, paradoxalmente, se revigoram. É que o apresentador-promotor da campanha petebista, recorrendo a estereótipos, já conhecidos, os articulou com formas retóricas glamourosas, cujos recursos aproximam-se do grotesco. Haja vista o uso do discurso trivial, reiterado por gestos enfáticos, quando fez desfilar, diante das câmeras de tevê, produtos (gêneros alimentícios; contas de água e luz) alvos de majoração de preço, no “apelo” contra os candidatos opositores. Assim, com economia de meios, organizou as mensagens numa espécie de miniseriado; culminando a série com a apresentação hiperbólica de um bujão-de-gás de cozinha, em cima de um bureau, transformado em “índice-motivador” para o suposto eleitor “QUEBRAR AS CORRENTES”.

Se por um lado, podemos afirmar que o propagandista do PTB efetuou, em âmbito local, uma verdadeira KITSCHIZAÇÃO da Propaganda Eleitoral na TV, por outro constata-se: foi o único, diante das câmeras, a saber das potencialidades e recursos expressivos do veículo; dando-se ao requinte de executar metalinguagens e até ensaiar a técnica do “distanciamento”. Ele passava, de contínuo, para o telespectador a idéia de estar falando ao vivo — sempre; (embora soubéssemos que o programa tinha sido gravado antecipadamente). Daí porque, mesmo querendo, era difícil desligar o televisor, naquele momento.

Uma peculiaridade referente à campanha do PTB, pela televisão: a aplicação sistemática da contrapropaganda, distinguindo-se da que fizeram os demais Partidos. Segundo um princípio semiótico, “cada signo eventualmente pode encontrar seu suporte no signo contrário”. Uma parte dos programas do PTB foi este “suporte” para os dois concorrentes principais. Motivo: fazia uso da contrapropaganda, favorecendo, demasiadamente, os signos icônicos da propaganda dos seus opositores.

formulação na política fiscal do município e, cauteloso, lembra que “não pode ser encarada como responsabilidade do município a criação de cem mil novos empregos”. Do Executivo municipal, diz ele, é a obrigação de colaborar na solução do problema.

“As soluções serão dadas dentro de uma ótica democrática, e dependerão, sobretudo, da equação dos recursos”, continua Roberto Furtado, enfocando os problemas de Natal, entre os quais situa transporte urbano e saneamento. Com relação à questão da Saúde, ele advoga a criação de uma Secretaria Municipal que cuide especificamente do assunto, e justifica: “Aqui em Natal, a Prefeitura não gasta um tostão com a saúde da população”. □

Acompanhem: nos programas em que foram rasgados os cartazes de Vilma e de Garibaldi, a “pertinência icônica” de ambos é mais forte que o discurso contestador, em cena: a imagem que perdura é a de cada cartaz: sobretudo porque cobre, na ocasião, o plano do apresentador (o da fala). Da mesma forma, aquele PAINEL (suposto muro), montado com material de propaganda — colagens de fotos — dos candidatos majoritários, neutralizava o recurso HULKIANO daquela contrapropaganda. Fatores que contribuíam para isto: a amplitude do papel, com predominância das cores contrárias; a fragilidade do HULK petebista (que quase não atravessa a parede de papel), não persuadindo ao slogan — estampado no peito; a permanência reiterativa das fotos de candidatos adversários, num tempo destinado à candidata do PTB; poor fim, o próprio “alinhamento” do TAKE: entrada/abertura e, também, encerramento do programa. Estas características agem, nos programas observados, com efeitos subliminares, certamente, não calculados pelos seus idealizadores, em benefício dos nomes opositores.

De um modo geral, os aspectos significativos levantados repercutiam, consideravelmente, no plano do conteúdo (mensagem) de cada programa. Enfim, enquanto articulações estruturais, funcionaram ora amenizando, ora resgatando o discurso desgastado. Este resgate é que possibilita a ocorrência de manifestação deste tipo de discurso, ante novas realidades. Pois, nesses embates signícos, as tramas dos códigos (principalmente os eletrônicos) revitalizam as velhas fórmulas a que nos referimos, em parágrafos anteriores.

TOMADA FINAL: no meio desta batalha eleitoral, um candidato em 3/4 — ou em plano-médio inalterável — resolve falar “ex-cathedra”, confundindo estúdio de TV com sala de aula tradicional. E, durante quatro minutos de estoicismo inadequado, ainda se vislumbrava uma ROSA RUBRA impassível, entrenchurada que estava — pela falta de inventividade do PDT/local — diante do universo estratégico de (contra) propaganda que foi a campanha política, veiculada pela televisão.

Os empresários que fazem a festa da noite em Natal

Há quem diga que Natal é muito festiva, que tem a noite movimentadíssima. Mas há também quem se indisponha com o que chama de "marasmo" e diga até que esta capital "é muito morgada", expressão usada pelos jovens para definir as poucas opções de divertimento. O fato é que Natal é uma cidade cheia de bares, uns inaugurados semanalmente, outros fechados por falta de fregueses ou porque não estão mais na moda.

quem tem talento e força de vontade, na noite natalense há empresários bem sucedidos, que não se limitam a abrir um bar, um boteco, uma boite ou outro tipo de casa noturna qualquer, e investem em vários empreendimentos do mesmo ramo. Um exemplo é o da PC Empreendimentos Ltda., que administra a boite "Royal Salute", o "Chaplin" (restaurante, bar e tratoria) e o "Rezinho Praia Chopp", todos com comprovado sucesso em termos

de frequência.

MODA X TRADIÇÃO — O "Chaplin", que sepultou o tradicional Tirraguso e deixou muita saudade numa grande fatia do boêmio natalense, não é apenas um bar da orla marítima. Totalmente reformado, o local é hoje uma sofisticada casa noturna, que oferece três opções distintas: desde o bar na calçada (para aqueles que querem se exhibir ou ver a banda que passa), até o restaurante e a tratoria (onde são oferecidas massas e petiscos).

A frequência do "Chaplin" é diversa — embora se origine sempre de classes sociais que dispõem de mais que simples trocados para gastar — e variam de empresários bem sucedidos a jovens funcionários públicos e profissionais liberais. Os serviços oferecidos não estimulam a



A orla atrai mais gente

E se Natal não oferece grandes opções em termos de variedade, não se pode negar que, na orla marítima, para onde os noctívagos são mais atraídos durante toda a semana, está havendo uma franca proliferação de bares, botecos e casas noturnas de uma forma geral. Alguns são reformados, mudam de dono e dão lugar a ambientes requintados e atraentes; outros são abertos por indecisos empresários da noite que, sem experiência suficiente, muitas vezes acabam naufragando no próprio imobilismo.

No entanto, se na vida vence



Murilo Carvalho: empresa

presença daqueles que costumam tomar apenas algumas "medidas" de aguardente e, segundo Murilo Felinto de Carvalho, gerente do "Chaplin", quem dá mais lucro mesmo é a classe empresarial, "que vem para o restaurante, come boas comidas e bebe boas bebidas".

São também bancários e políticos, emenda Murilo, sem esquecer os jovens, na faixa de 20 a 25 anos, que trabalha e tem responsabilidade.

O sucesso da empreitada, diz Murilo, se dá porque ali se trabalha duro: "Trata-se de uma empresa de

divertimento”, argumenta, afirmando também que a questão do lucro é muito subjetiva. Como empresa, esse lucro é investido na própria casa, para que o padrão oferecido permaneça o mesmo, só que ele faz a ressalva: “Mas é claro que dá lucro para a gente. Se assim não fosse, não teria sentido”.

Outros tantos bares funcionam em regime empresarial, mas poucos pertencem a um grupo que já tem o **know how** da PC Empreendimentos cujos proprietários têm experiência anterior nas noites de Recife e Olinda. No entanto, existem bares como o “Carinhoso”, que tem resistido aos modismos e tem casa lotada quase diariamente, principalmente nos finais de semana. Lá, a freguesia não é tão diversificada e, embora atraia um ou outro jovem, a predominância é de casais na faixa de 30 anos acima e mulheres, que lá se sentem à vontade para beber, paquerar e dançar, além de ouvir a fina flor da música popular brasileira pela voz do proprietário, Liz Nôga.

Liz Nôga, vale lembrar, antes de ser dono do bar foi animador das noites, cantando sempre como convidado. Depois de algumas experiências no Centro da Cidade, investiu no local que hoje é o “Carinhoso” e já transformou essa casa numa das mais populares de Natal.

“**TCHURMA**” — Com a mesma garra de empresários mais antigos e uma certa experiência com bar

(quem não lembra da lendária “Casa Velha”, que deu lugar ao “Boteco”, que cedeu espaço a uma danceteria e, hoje, é o “Moenda Bar”), Luiz Emílio está à frente do “Artimanha”, um barzinho na Praia dos Artistas, aberto de segunda a segunda e que tem atraído a presença da chamada “tchurma”. São os jovens que querem mais é paquerar, ouvir um som e, se o volume desse som deixar, conversar com os possíveis amigos ali encontrados.

Segundo Luiz Emílio, a sua clientela não faz parte de modismo. É bem verdade que há fases em que um bar é mais freqüentado, mas de uma maneira geral, existe a recompensa financeira, apesar de todo trabalho que dá, fazendo Luiz Emílio permanecer acordado a noite toda, atendendo os amigos e os clientes eventuais “até porque o local, a praia, atrai mais gente”.

Apesar dessa situação ser comum, no Centro da Cidade e até nos bairros existem bares que agradam e que têm sua clientela fixa. Em Ponta Negra, por exemplo, existe lá há alguns anos “O Bem”, o “Chalé” e na Vila, a “Bodega da Praça”, reduto dos intelectuais menos badalativos.

No centro, o legendário “Kazarão” continua firme, vencendo chuvas e trovoadas, ignorando os modismos e sempre atendendo a sua clientela tradicional, formada principalmente de políticos e empresários. □

TRANSPORTE

Uma central para atender às reclamações do usuário

O telefone 158, da STU — Superintendência de Transportes Urbanos, recebe de 15 a 20 ligações por dia e faz parte de uma iniciativa pioneira da equipe de Comunicação Social do órgão, que implantou a Central de Reclamações e Informação do usuário do transporte coletivo. Embora tradicionalmente ainda persista, na alma do povo, o receio de reclamar ou pedir em benefício próprio, aos poucos esse direito vai ganhando adeptos. O que tem a ver com a atenção que os jovens do setor dispensam ao reclamante. Ninguém fica sem resposta.

“Nós fomos sentindo essa neces-

sidade na prática e adaptando à nossa realidade”, explica Mônica Costa, da equipe de Comunicação Social da STU, referindo-se à criação da CRI pelo titular da Assessoria, Ciro Pedroza. O sucesso da inovação, ao que parece, vai se solidificando. A STU recebeu, do órgão correspondente de Fortaleza, o pedido de ajuda em **know how** para implantar um setor semelhante. E a providência já foi tomada.

De qualquer forma, a CRI parece corresponder aos objetivos mais pela confiança que vem adquirindo junto aos usuários de ônibus. Após a ligação, as denúncias, por ▶

TUDO EM FERRO E AÇO PELO MENOR PREÇO



Ampliando o seu atendimento em Natal, **COMERCIAL JOSE LUCENA** põe à disposição, no mês de agosto, mais uma loja, agora especializada em produtos de ferro e aço das melhores marcas. Com uma área de 800 metros quadrados, situada na Av. Presidente Bandeira, 882, Alecrim, a nova loja significa mais opções para a indústria de construção civil da cidade. Sendo a primeira em Natal a adotar o uso de *balança industrial com capacidade para pesagens de até 60 toneladas*, a nova loja dispõe de ferro redondo para construção civil, ferro quadrado e chato, barras e cantoneiras. Dispõe também de chapas pretas e galvanizadas **A PREÇOS DE FABRICA** e para atendimento em grosso e a varejo.

Melo século fornecendo qualidade



COMERCIAL JOSÉ LUCENA LTDA.

Agora também com a loja de ferro
Av. Presidente Bandeira, 882,
Alecrim — Fone: 223-4820

exemplo, contra a arrogância de um cobrador ou qualquer informação sobre horário e linha de ônibus, são catalogadas e as respostas ou retornam por telefone ou por cartas.

SOLICITAÇÕES — As solicitações mais frequentes dirigidas à CRI, conforme revelou Mônica Costa, correspondem aos pedidos de diminuição do horário de viagem dos ônibus, assim como de acréscimo dos transportes em linhas de grande movimento. São constantes também os pedidos de informações sobre o **trailer tickets** e o itinerário de determinado ônibus.

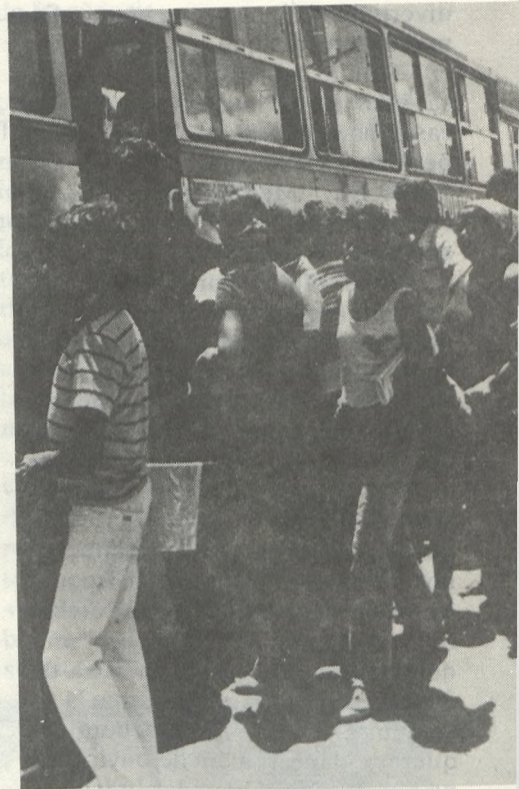
Quanto às ocorrências de reclamações, os plantonistas do setor recolhem, com mais frequência, as denúncias de atrito entre passageiros e motoristas ou cobradores. Trata-se, fundamentalmente, da questão da falta de troco ou da “queima de parada”. O procedimento, nestes casos, segundo ainda Mônica Costa, é o seguinte: o motorista ou o cobrador recebem a comunicação de se apresentarem à STU. Lá, são advertidos pelo pessoal de Recursos Humanos (psicólogo, assistente social, etc...) sobre a infração que cometeram. A reincidência já incorre em anotação na ficha pessoal. A repetição do erro, a partir da terceira vez, provoca multa.

Caso o motorista ou o cobrador se

achem prejudicados, podem entrar com um recurso de defesa, do qual uma comissão a nível de gerência julgará a validade. Enquanto isso, ressalta Mônica Costa, o desenrolar do caso invariavelmente é comunicado ao reclamante, que participa das advertências e das multas efetivadas a partir de sua ligação.

OPERACIONALIDADE — O problema maior para o bom andamento do sistema, porém, recai sobre falhas de operacionalidade. Ou seja: a demora no estudo em cima de algumas reivindicações dos passageiros. Mônica dá um exemplo: quando a solicitação visa a criação de uma linha nova, ocasionalmente o usuário de transportes coletivos que formulou o pedido exige uma definição a curto prazo. Não é possível, diz Mônica, pois depende de estudos e pesquisas da gerência. Além disso, outro problema técnico tem dificultado o ritmo de trabalho no setor: muitas ligações erradas.

É importante realçar, no entanto, que todo o procedimento mencionado depende de uma série de identificações que o reclamante terá de apontar. Se o passageiro se viu lesado pelo cobrador, terá de anotar número do carro, horário, linha, data. No boletim de ocorrência, o histórico relatará a controvérsia do episódio, a fim de que a gerência encon-



O direito de reclamar

tre subsídios para analisar o caso. Quando se trata de reclamações da falta de troco, porém, já se sabe, antecipadamente, que as empresas do ramo não coíbem o abuso para que os magros vencimentos dos seus funcionários encontrem uma fonte de complementação. □

E são muitos os problemas para quem anda de ônibus

José da Penha Rocha, 54 anos, empregado numa pequena firma de representações no Centro da Cidade, diariamente pega quatro ônibus na sua locomoção para o bairro de Nova Descoberta, onde reside com a família — mulher e dois filhos. No seu périplo, encontra motivos para não esconder insatisfação. Ele assegura que os horários de rush (meio-dia e seis da tarde) provocam inúmeros transtornos, principalmente pela lotação sobrecarregada dos transportes coletivos. Além disso, acrescenta, a fila de encontro à “borboleta” do cobrador é tão intensa que se “a gente não estiver com o dinheiro contado na mão, os 850

cruzeiros, facilmente ficamos sem troco certo”.

A estudante Isabel Maria, 19 anos, comunga suas reclamações com as do velho. A garota, que esperava, também na Parada Metropolitana, ônibus para Igapó, queixa-se da demora e do pequeno número de coletivos na linha: “As vezes, eu passo mais de meia hora esperando um ônibus”, disse, o que me deixa em complicações, pois saio da aula às 11:30 horas e já à uma da tarde, pego no trabalho”.

Com ar e semblante mais descompromissado do que os demais — com certeza por causa ainda da pouca idade — Aluísio Filho,

7 anos, que auxilia a família pedindo uma “ajudazinha” a uns e outros e que costuma viajar no ônibus para Felipe Camarão sem pagar passagem — ele pula a roleta — também encontra como descrever sua lamúria: “O que eu não gosto é que tem uns motoristas que correm muito, e com o carro cheio, a gente fica sem equilíbrio e caindo por cima dos homens. As vezes, eles pensam que a gente faz de propósito e brigam com a gente”.

Mas as reclamações não param nisso. De ponto em ponto, de bairro em bairro, de linha para linha, de hora em hora, há alguém insatisfeito com alguns critérios que regulam o sistema de transportes de Natal. Há quem critique, por exemplo, a ausência de paradas cobertas em alguns pontos da cidade. E enfrentar esses transtornos após dolorosa espera no sol, é dose “para elefante”.



No fim, o abandono

COMPORTAMENTO

Uma cidade onde os velhos não têm espaço para viver

“Ao ancião deve estar reservado, por respeito à sua contribuição de vida e experiência, uma gratidão por parte de todos os demais segmentos da população. Assim se comportam as sociedades mais desenvolvidas, sobretudo aquelas que se situam no Oriente, onde o ancião é sinônimo de sabedoria e respeito”. Este trecho faz parte de um pronunciamento feito pela deputada Mônica Dantas na Assembléia Legislativa, quando da comemoração do Dia do Ancião, em setembro último.

Mas a que estão relegados os velhos natalenses? Que espaços ocupam e quais os cuidados para com aqueles que são a origem de tudo? Quantos deles existem? É muito comum vê-los nas pracinhas, com seus cabelos brancos e rostos enrugados conversando sabe-se lá o quê. Mui-

tos ainda vivem com familiares, cercados de carinho. Muitos também moram com familiares, mas considerados estorvos. Que culpa têm eles de sua vida ter cumprido o ciclo genético e não “servirem mais para nada?” — reclamam aqueles que são obrigados a “aguentar a caduquice” dos velhos. Mas estes anciãos, pelo menos, ainda têm um restinho de lar, onde ficam acomodados em seu canto, servindo de brinquedo para os netos e de chateação para os filhos.

SEMPRE À MARGEM — Há aqueles que, mesmo tendo família, são exilados num asilo e lá permanecem com suas lembranças e com sua solidão, fechados num mutismo imperturbável. Com suas roupas simples e mãos crispadas, ficam a olhar o tempo. Alheios ao mundo lá

de fora, separados por paredes, portas, muros e a indiferença dos jovens, tudo que esperam é o descanso eterno, e enquanto o grande sono não vem, recebem raras visitas de poucos familiares.

Há também exilados em asilos, para quem a família passou a ser os médicos, enfermeiros, assistentes sociais e seus companheiros de senilidade. Como alguns “residentes” do abrigo Juvino Barreto. Segundo a Irmã Margarida, diretora da instituição, há velhinhos que lá estão há mais de 12 anos, sem que um parente sequer apareça para saber de sua vida. Quase todos com idade entre 60 e 120 anos, vivendo completamente ilhados do carinho dos netos. Vivem conformados e não perguntam por ninguém. Neste asilo, o corpo funcional procura suprir a carência humana e afetiva, e chega realmente a substituir os filhos ausentes, na medida em que os velhinhos sorriem, cantam, produzem, se pintam em dias de festa. Mas a lacuna nunca pode ser preenchida totalmente.

Mas há ainda aqueles velhos, roupas surradas, corpo maltratado, espalhados pelo Centro da Cidade com uma cumbuquinha dependendo de uma esmola ou de uma dona-de-

casa que lhe ofereça um prato de restos de comida. Muitas vezes, se livram de um chute acidental em suas pernas esticadas sobre as calçadas. Estes não têm direito sequer a andar de ônibus, porque não têm forças para subir os altos degraus e aguentar o arranco violento causado por motoristas impacientes: não têm direito sequer a merecer os **tickets** que a Prefeitura distribui aos velhos com idade superior a 65 anos (atualmente existem 9.896 cadastrados na Superintendência de Transportes Urbanos, com idade entre 65 e 75 anos), porque não têm um documento qualquer nem como pagar as fotografias. Vão pedir esmolas a pé e, muitas vezes, ainda têm netos marginais para explorá-los.

UMA NOVA FUNÇÃO — A deputada Mônica Dantas mostra preocupação com todo este quadro. Segundo ela, a questão do idoso em nosso país está restrita a medidas de uma assistência insuficiente por parte do poder público, quer na qualidade, quer na quantidade dos serviços disponíveis. Em seu pronunciamento, disse existirem, no Estado, cerca de 400 idosos assistidos pela LBA em três instituições conveniadas (como é o caso do Juvinho Barreto, que também mantém convênio com a FETAC), e cerca de 2 mil e 500 participam de uma programação de assistência sistemática, desenvolvendo atividades de recreação, terapia ocupacional e socialização, também pela LBA.

Diz a deputada que no entanto, o maior número dessas experiências concentra-se na iniciativa privada e de caráter filantrópico (o caso do Lar da Vovozinha, da religião espírita, que assiste 45 idosos), mas, em geral, são entidades que não têm condições de garantir sua sobrevivência ao menos em níveis razoáveis, e não recebem incentivos do poder público. Considerando que, numa sociedade como a norte-riograndense — onde a população economicamente ativa registra uma taxa aproximada de 50 por cento de desemprego ou subemprego — de fato os segmentos inativos passam a representar um ônus elevado. As prioridades recaem sempre em favor das crianças, considerando-se o valor produtivo de sua existência, raciocínio que, para a deputada, é economicamente correto, mas não cor-

responde a uma postura social humana e, sobretudo, justa.

Mônica Dantas analisa que a situação do país, caracterizado por uma nação de jovens, e com a mudança da idade média de vida do brasileiro, em breve o país terá alargado sua faixa populacional de velhos. Pesquisas dão conta que enquanto outros países levaram 42 anos para envelhecer sua população, no Brasil as estimativas apontam que, em apenas 23 anos, a população de idosos será preocupante. Há, pois, a necessidade da adequação das políticas de bem-estar social, e um grau maior de conscienci-

zação para com este problema, que não deve ser tratado apenas de forma caritativa, mas dentro de uma visão de aproveitamento do aprendizado e utilidades da sabedoria adquiridas durante toda uma vida. Afinal, valorizar a participação do idoso representa a busca de uma nova função para eles, numa sociedade que deve se preparar responsabilmente para acolher com carinho aqueles que contribuíram com o trabalho, inteligência e dedicação para a formação do patrimônio histórico e cultural à disposição das crianças de hoje e dos jovens de amanhã. □

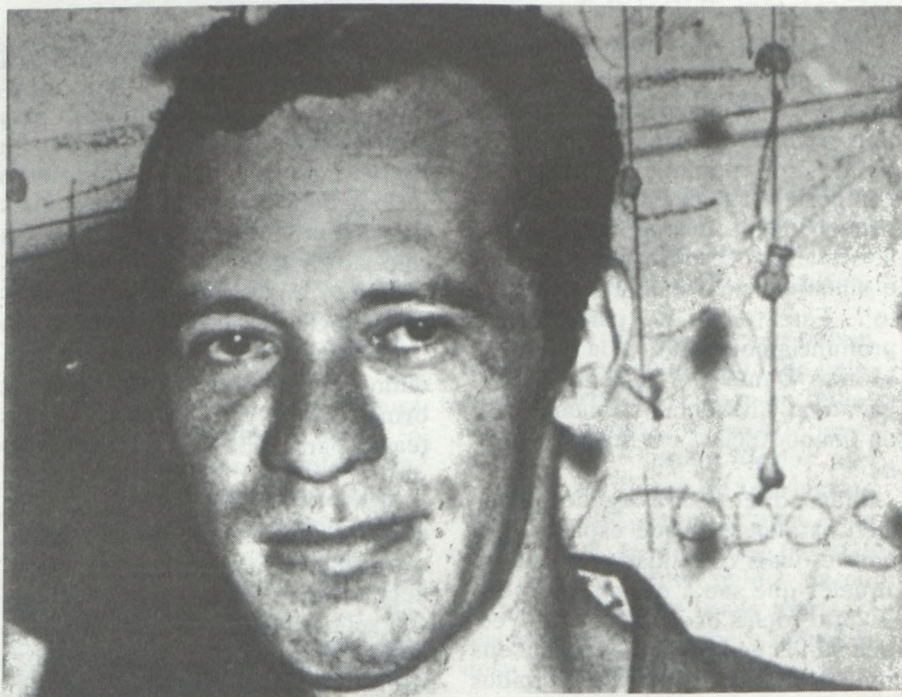
CONJUNTURA

O perfil da cidade dentro da novela "Roque Santeiro"

O tom grave da voz do locutor Cid Moreira encerra o Jornal Nacional, da Rede Globo, com um lacônico "Boa noite". A partir dali, não é preciso uma bola de cristal para saber que cerca de 70 milhões de telespectadores em todo o país estarão de olhos grudados na televisão. **Roque Santeiro**, a novela das oito, vem arrebatando um nível de audiência jamais igualado na história recente da TV brasileira. O fenômeno, devidamente constatado pelas pesquisas do IBOPE, tem gerado

discussões e polêmicas nos setores ligados aos meios de comunicação de massa, reeditando-se uma réplica do que ocorre nos pequenos círculos sociais e familiares ou entre amigos: a novela é assunto em voga quase tanto quanto as eleições municipais de 15 de novembro e os desdobramentos da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, no próximo ano.

De autoria do dramaturgo Dias Gomes, que a adaptou para o vídeo a partir do texto de sua peça **O Ber-**



Bosco Lopes: identificação com Fábio Jr.

ço do Herói, em 1975 — ocasião em que o então Ministro da Justiça, Armando Falcão, proibiu que a novela fosse ao ar — **Roque Santeiro** foi ressuscitado com a Nova República e entregue à responsabilidade de Agnaldo Silva, incumbido de escrever as partes central e final da história. E o modelo da farsa, que se encaixava no horário das 22 horas, anos atrás, cobriu de riso o horário nobre da TV nacional.

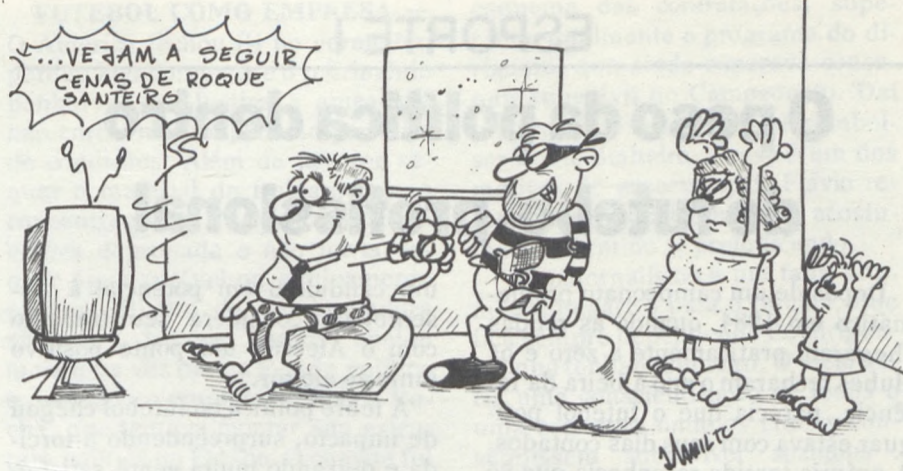
O mito. A camuflagem. A corrupção. O autoritarismo. A prostituição. O Poder. A traição. A temática, surpreendentemente, exclui os elementos comuns às abordagens cômicas. No entanto, em **Roque Santeiro** o riso substitui o incômodo de se encarar a falta de ética. Há quem acredite que o país nunca conheceu um entorpecente de tamanha eficácia como essa novela. Crianças, jovens, adultos, velhos, homens e mulheres de todas as faixas e condições sociais, estão presos ao labirinto dramaturgicamente confeccionado pela dupla Dias Gomes-Aguinaldo Silva, reforçado pela máquina de produção da Globo e um batalhão de assessores e assistentes, além, é claro, do excelente nível que qualifica o talento dos atores.

ASA BRANCA OU UIRAPURU

— Não é fácil traçar o perfil do telespectador de **Roque Santeiro**. Das donas-de-casa às empregadas domésticas, dos intelectuais aos estudantes universitários, o interesse é comum. Alguns assistem à novela munidos de visão crítica; outros, a maioria talvez, levados pela magia das situações engraçadas que divertem o espírito dos mais carentes de humor. O poeta Bosco Lopes, no entanto, se enquadra na seleção do primeiro tipo de público. Como explicar o fenômeno **Roque Santeiro**? Ele responde:

“A novela brasileira, geralmente, mostra mansões, piscinas, champagne e caviar, justo o que o povo adora. Em **Roque Santeiro**, todavia, há a caricatura do povo que causa riso. Prefeitos e padres corruptos. A Igreja, latifundiária, quer a reforma agrária longe de suas terras. Asa Branca, prá mim, é o retrato da fazenda Uirapuru, do “majó” Theodorico Bezerra”, diz ele. E conserta adiante: “Aliás, não sei se é o contrário, a Uirapuru é o retrato de Asa Branca”.

Seja como for, o poeta é admirador da novela. Ressalta o desempe-



nho de Ioná Magalhães, a Matilde — dona do cabaré. Repudia o personagem do professor Astromar (o lobisomem), por achá-lo “o próprio Enélio Petrovich”. Bosco Lopes não é um espectador assíduo, pois, segundo ele, “a gente pode perder três ou quatro capítulos sem perder o fio da meada”. Ainda assim, assegura que gosta de se transportar para a figura do Fábio Júnior — que interpreta Roberto Matias, motivado pela atração que sente por Lídia Brondi — na novela, a Tânia, filha do Sinhozinho Malta.

No Barro Vermelho, onde mora Francisca Monte Varela, dona-de-casa, a tentação se repete. Ninguém perde um capítulo da novela. Ela, o marido, Divanilton Varela, e os filhos, são presenças certas na sala, em frente ao aparelho de TV, logo que termina o Jornal Nacional. “**Mairha** só lava a louça depois de **Roque Santeiro**”, diz Mércia, 15 anos, filha de Francisca. “Ela vem correndo do treino de vôlei para assistir a novela”, rebate a mãe. As duas, porém, se unem para concordar que o sucesso da novela é atribuído ao elenco de qualidade. A garota prefere o desempenho de Roque (José Wilker) “porque ele é bonito”, enquanto a senhora, que diz não gostar de fanatismo, ressalta o trabalho de Porcina (Regina Duarte).

A REALIDADE IDENTIFICADA

— Das novelas que a Globo tem transmitido, **Roque Santeiro** é a que mais se identifica com a realidade brasileira. A consideração do jornalista José Aécio, veterano repórter da **Tribuna do Norte**, remete ao que foi exposto por Bosco Lopes.

O coronelismo, ainda vigente na região, o sentido religioso predominante no povo e a manipulação que sofre o prefeito por parte do poder econômico, segundo o jornalista, são os ingredientes da atividade que consomem a atenção do espectador.

José Aécio não desmarca encontros por causa da novela, conforme ele mesmo atesta. Ainda assim, faz tudo para chegar em casa dentro do horário. Considera Paulo Gracindo o ator mais fiel aos personagens representados, atribuindo-lhe a cópia exemplar do “padre do interior”. Opinião semelhante tem o advogado Heider Moura. “A novela é sensacional, e sua audiência advém das situações que traduzem a realidade brasileira”, analisa ele. Os defeitos e os problemas da sociedade, na sua opinião, são espelhados adequadamente. “Sempre que posso, assisto”, confessa Heider, admirador de Dias Gomes — “um homem atualizado na problemática do interior do Brasil”.

Psicóloga recém-formada, Kathya Leonila, 23 anos, convoca sua crítica para um aspecto até então despercebido pelos demais entrevistados. Ela acha que a mulher, na novela, não está sendo retratada conforme o papel que alcançou na sociedade atual. Ou seja: ela está sendo mostrada sob ângulos extremos: submissa (como a Lulu, do Zé da Medalha), e ingênua (como Mocinha) ou libertinas e interesseiras (como as meninas do cabaré). “A questão da mulher está colocada sem cuidado”, assegura Kathya, que, mesmo assim, reconhece a boa produção da novela e “a visão cômica” dos problemas que é oferecida ao telespectador. □

O peso da política dentro do futebol profissional

Depos de um campeonato problemático em 1984, quando as rendas chegaram praticamente a zero e os clubes fecharam o ano à beira da falência, parecia que o futebol potiguar estava com seus dias contados. A própria torcida reconhecia que só um milagre poderia reviver os velhos tempos, quando o Castelão ficava pequeno para comportar a multidão eufórica nos clássicos. Mas se o milagre não foi total, pelo menos aconteceu em parte e, enquanto o sonho vai conseguindo sobreviver, outra sombra obscura recai sobre esse esporte: até quando haverá gente disposta a tirar dinheiro do próprio bolso para subsidiar os clubes?

A recuperação do futebol potiguar, este ano, nasceu de um jogo de interesses políticos de três grupos distintos, todos ambicionando uma cadeira de deputado. No ABC, Rui Barbosa, que hoje é deputado estadual, já confirmou sua candidatura a Câmara Federal e acredita que seu prestígio no futebol pode ser decisivo na hora da eleição. O América recebeu o apoio direto de Flávio Rocha, outro candidato a deputado federal que resolveu unir o útil ao agradável: ajudou o clube a recuperar o prestígio e espera tirar proveito disso nas urnas. Por último, os irmãos Ribeiro, e Tarcísio,

um candidato em potencial à Assembléia, considera seu trabalho com o Alecrim um ponto positivo junto ao eleitor.

A febre política no futebol chegou de impacto, surpreendendo a torcida e deixando muita gente satisfeita. Afinal, sem ela, o Castelão talvez estivesse fechado, pois, no início da temporada, somente o alvinegro reunia condições suficientes para iniciar a competição. Hoje, os três grandes times vivem uma luta igual em busca do título. Mas, enquanto o campeonato entra na reta final, com uma promessa de rendas **records**, os mais realistas calculam que esse lucro imediato pode se transformar num grande prejuízo no futuro, pois, quando os atuais dirigentes deixarem seus cargos, talvez não apareça mais gente disposta a cumprir esse papel, e o torcedor não vai querer ver seu clube regredindo em busca da "prata da casa". Esse confronto pode apressar o óbito do futebol do Rio Grande do Norte e já é tema de discussão entre os atuais dirigentes, que continuam insistindo em afirmar que, independente dos interesses políticos, todos se identificam com o esporte e estão satisfeitos em poder dar uma contribuição importante.

O DEPUTADO E O DESPORTIS-

TA — O presidente do ABC, Rui Barbosa, faz questão de afirmar que sua função política e seu cargo no clube são duas coisas distintas, que ele prefere trabalhar em separado para evitar problemas. Mas não deixa de admitir que dirigir um clube de massa pode trazer benefícios junto a torcedor-eleitor.

A história de Rui sempre foi ligada ao esporte. No futebol profissional, sua primeira atuação foi em 1978, quando assumiu a vice-presidência da FNF. Daí pra frente, assumiu a presidência e, em 82, afastou-se para fazer sua campanha para deputado estadual, sendo o mais votado em Natal. Depois, aceitou o desafio do alvinegro, que na época estava quase falido.

Ao longo desse período, o torcedor não teve muitas reclamações contra o presidente, que foi acumulando títulos até com certa facilidade, já que não encontrava adversários à altura. Mas as conquistas custaram caro aos cofres do clube e do dirigente, que hoje faz questão de afirmar o montante da atual dívida: 450 milhões de cruzeiros, sem falar nos 760 milhões arrecadados no bingo que já foram gastos no futebol e nas melhorias da Vila Olímpica. Mas Rui Barbosa ainda considera o futebol um bom negócio político: "Eu poderia sair pra prefeito e ganhar, pois fui o deputado mais votado em 82 e tenho certeza que não só a torcida do ABC, mas muitos de outros clubes estariam comigo".

Em paralelo as vantagens, Rui Barbosa critica os dirigentes que entram no futebol apenas por interesse. Ele considera o amor ao clube fundamental, e teme que o inte-



Rui Barbosa: torcedor



Flávio Rocha: dois gumes

resse político acabe com tudo isso. Por outro lado, ele tem dúvidas sobre o benefício dessa investida política no Rio Grande do Norte, uma vez que só fez inflacionar o futebol sem garantias para o futuro. "Eu sou contra os clubes ficarem eternamente na dependência de presidentes com dinheiro. Acho que o presidente era para ser um torcedor qualquer, que amasse o clube. E o Conselho Deliberativo deveria dar mais apoio", coloca, surpreendentemente.

Como bi-campeão do Estado, o ABC teve uma participação negativa no Campeonato Nacional desse ano, fazendo muitas contratações que não deram certo aumentando a dívida do clube, que só foi coberta parcialmente pelo bingo. No Estadual, a situação não melhorou. Mas o presidente alvinegro considera que ser campeão esse ano não é tudo, e argumenta com sua folha de serviços prestados: "Eu dei o bi-campeonato ao clube, recuperei a Vila Olímpica e a concentração de Morro Branco. Tudo isso o torcedor há de considerar. Mas o campeonato não está perdido e vamos lutar até o fim".

FUTEBOL COMO EMPRESA — O América fechou 84 no vermelho: perdeu jogadores, teve o patrimônio penhorado na Justiça e ameaçava não entrar no Campeonato por falta de condições. Além de não ter sequer o material de treinamento, a concentração da Pousada do Atleta estava depredada e não havia sequer água potável ou equipamento médico. Diante da desesperadora situação, Jussier Santos apelou mais uma vez para a jogada política e convidou o empresário Flávio Rocha, que tentava montar sua estrutura política no Estado. O convite foi feito e aceito quase de imediato. Nascia o segundo esquema político do futebol, exatamente para medir forças com o ABC.

Flávio Rocha entrou no futebol tentando realizar um sonho antigo dos desportistas: transformar o América numa empresa para acabar com a imagem patriarcal dos dirigentes. Mas, apesar da boa vontade, a idéia não deu certo: do outro lado, os adversários contra-atacavam contratando jogadores aos montes, e o América foi ficando para trás. Depois de conquistar o primeiro turno, teve que entrar no

esquema das contratações, superando totalmente o programa do dirigente, que ainda esperava conseguir **superávit** no Campeonato. Daí pra frente foi necessário desembolsar muito dinheiro, e esse é um dos motivos de preocupação. Flávio teme que o futebol fique mal acostumado e termine se prejudicando.

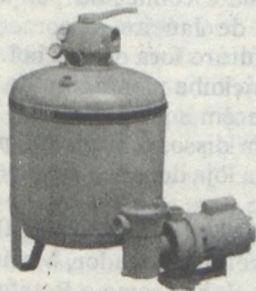
"O paternalismo é um fator altamente negativo para o futebol, que fica sempre dependendo de dirigentes que tenham dinheiro. O ideal seria uma conscientização de todos e uma estrutura onde os clubes conseguissem sobreviver sozinhos", argumenta.

Flávio Rocha admite que entrou no futebol com duplo objetivo: queria ajudar ao esporte, que estava à beira da falência, e encontrar uma boa maneira de se projetar perante a torcida. Mesmo assim, considera a jogada uma faca de dois gumes e afirma que muitos amigos foram contra a sua entrada no clube rubro: "O insucesso no campeonato pode ser prejudicial politicamente. Mas o torcedor já viu meu trabalho e sabe que estou fazendo o possível para conseguir esse título".

Pela previsão do dirigente, o

CODIF TEM.

As melhores marcas em ferramentas, material elétrico e motores elétricos. Equipamentos para piscinas e produtos químicos para tratamento d'água. Banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas, tintas e ferragens. Instrumentos de medição, máquinas de solda e abrasivos.



CIA. DISTRIBUIDORA DE FERRAGENS

NATAL — RUA DR. BARATA, 190 — TELS.: 222-3571/8033/8210 — TELEX: 2252.
RECIFE — SÃO LUIZ — SÃO PAULO — FORTALEZA — MACEIÓ — ARAPIRACA
PALMEIRA DOS ÍNDIOS.

América fecha o ano com uma despesa de 500 milhões de cruzeiros, “não só com jogadores, mas com todo o trabalho de recuperação da Pousada e material em geral”. Para o presidente, Amando Siqueira, “ele caiu do céu, pois, do contrário, não estaríamos nem no Campeonato”.

O DESAFIO DE TARCÍSIO — Para fechar o cerco e tentar recuperar o futebol, eram necessárias, no mínimo, três equipes com força para lutar pelo título. Mais uma vez, um grupo político aceitou o desafio, apostando no prestígio que o futebol pode dar a um dirigente. Apoiado por um grupo de empresas da família, Tarcísio Ribeiro, ao lado do seu irmão Flávio, foi se alojar no Alecrim Futebol Clube, que há 17 anos não conhece o sabor de uma conquista no Estado.

Mediante um contrato com o presidente Renato Cirilo, com validade até o final do ano, os Ribeiro assumiram por completo o Departamento de Futebol alviverde e formaram uma super-equipe para conquistar o Campeonato Estadual. As cifras das despesas acompanham ABC e América, em torno de 500 milhões, mas Tarcísio acha que vale a pena. “O futebol do Rio Grande do Norte precisava de um empurrão desses e, como alecrinense, resolvi aceitar o desafio. Hoje, o Alecrim é respeitado e sua torcida cresce a cada jogo”.

Com 27 anos, Tarcísio Ribeiro tem uma curta vida política, mas foi na Prefeitura de Ielmo Marinho que seu projeto de deputado nasceu, e ele espera concretizá-lo com o apoio do futebol. “Acredito que, independente da política, vamos deixar nossa marca no Estado. O esporte é importante e tem que sobreviver a todas as crises”, afirma.

As acusações de que o Alecrim contribuiu para inflacionar o futebol do Estado são desmentidas por Tarcísio Ribeiro, que fez questão de frisar que o Alecrim hoje tem a menor folha de pagamentos dos três grandes: “Nós apenas contratamos primeiro e conseguimos bons jogadores dentro de casa. No desespero, os adversários partiram para contratações milionárias e isso foi o termômetro da inflação”.

Flávio Ribeiro, tem uma visão parecida com a de Tarcísio. Ambos estão conscientes de que, com ou sem objetivo político, todos precisam se



Um lucro temporário?

unir para fortalecer o futebol. “Até o Governo do Estado poderia se sensibilizar e ajudar mais o futebol por-

que, apesar de tudo, ainda é o esporte predileto do desportista potiguar”, conclui Flávio. □

ESPORTE II

Marinho: longe do futebol e investindo na política

Em 1974, quando começava a decadência do futebol brasileiro, um garotão se destacava na Copa do Mundo vestindo a camisa da “Canarinha”. Era Marinho, um potiguar que surgiu no Riachuelo, passou pelo ABC e deu um salto gigantesco para a glória passando por grandes clubes do Brasil e sendo considerado o melhor lateral-esquerdo do mundo. Na sua trajetória esportiva — com passagem inclusive pelo **Cosmos** dos Estados Unidos — ele ganhou a fama de um jogador atrevido junto aos cartolas. Sempre rebelde nos bastidores, mas um gigante dentro de campo.

Agora, aos 34 anos, já no ostracismo, ele retorna à sua terra natal para realizar um sonho antigo e matar a saudade dos familiares. Mas o futuro desse ex-craque ainda é imprevisível e, enquanto se decide, ele aproveita os dias ensolarados do verão nas praias e entre amigos.

Marinho chegou para defender o América no Campeonato Estadual, mas estava desgastado depois da incansável maratona de dez anos de

clube em clube e um ano de inatividade: isso lhe custou caro, pois vestiu a camisa rubra como salvador da pátria e a torcida terminou frustrada com a terrível constatação: ele já não é o mesmo de 10 anos atrás. Esse conflito também abalou o jogador, que mais uma vez entrou em atrito com os dirigentes e terminou com um grande desentendimento com Pio Marinho e Jussier Santos, abandonando os treinamentos e deixando sua rescisão por conta de um advogado.

Enquanto a briga com o América não termina, Marinho Chagas, ou Marinho, ou até mesmo “a bruxa” — como é conhecido por amigos no Rio de Janeiro — começa a pensar no futuro fora do futebol. De início, já iniciou a montagem de um restaurante em sociedade com Jair Paiva. Além disso, tem planos para montar uma loja de vídeo-cassete.

MAIS FAMA QUE DINHEIRO — Na sua carreira de jogador, Marinho passou por clubes como o Botafogo, Fluminense, Bangu (São Paulo),

Cosmos e até mesmo Náutico, ABC e o América de Natal, o que faz o torcedor imaginar que hoje o ex-craque está milionário. Mas não é bem assim: quando chegou ao Rio, deslumbrado com a cidade maravilhosa, ele andou estourando muito dinheiro, a ponto de fechar só para si boates das noites cariocas. Por outro lado, sendo de origem humilde, nunca esqueceu os familiares, que tem ajudado constantemente. Tudo isso abalou bastante sua fortuna. Apesar de tudo, Marinho ainda conseguiu juntar o suficiente para viver razoavelmente bem e programar um futuro seguro noutro ramo profissional.

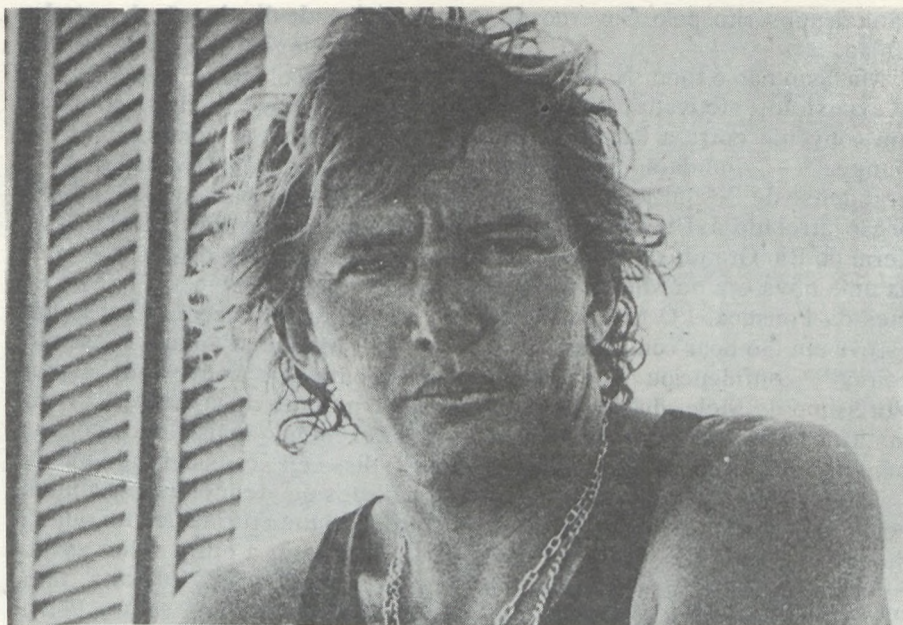
“Talvez hoje, com a mentalidade que tenho, não fizesse o que fiz quando cheguei ao Rio de Janeiro, mas se tivesse a mesma idade, faria a mesma coisa. Não me arrependo de nada e tenho certeza que gozei a vida melhor que muita gente cheia de dinheiro”, justifica.

Segundo o jogador, o futebol brasileiro só passou a ser realmente rentável a partir da investida dos italianos, que proporcionaram contratos milionários como o de Zico, Sócrates, Júnior e muitos outros. “No meu tempo, era diferente. Além de ter sido roubado por advogados e empresários, nunca tive sorte e sempre peguei clube “barca furada”, que nunca era campeão. Isso também prejudicou”.

Outra mágoa de Marinho, conhecida de todos, é com Pelé que, segundo ele, atrapalhou suas atividades no Cosmos, assim como Carlos Alberto. “Eles fizeram sujeira comigo, mas é assunto do passado. Prefiro não lembrar mais”. Só que, com relação aos dólares americanos, Marinho lembra que não são tão fáceis de ganhar. Lá o “leão” não perdoa, e o que restava do seu salário só dava praticamente para pagar as despesas de aluguel e com a família.

POLÍTICA, UMA OPÇÃO — Sempre insistindo em afirmar que voltou para Natal com saudade da família e que ainda tinha potencial para jogar em grandes clubes brasileiros, Marinho quer dar mais uma investida ousada: a política, mas só se for para ganhar. “Eu não gosto de entrar em nada para perder e, se me candidatar a deputado, é porque terei apoio”.

Até o momento, não existe nada de concreto, apenas a expectativa



Marinho: “Não me arrependo”

de conseguir um “padrinho” forte que facilite sua investida. Mesmo admitindo que não entende nada de política, o jogador acredita que tem planos de trabalho e conhecimento suficiente para ajudar o Estado, caso se candidate e seja eleito. “O futuro do Rio Grande do Norte está no turismo, tenho certeza disso. Só falta gente competente para levar esse trabalho adiante”, acrescenta.

Apesar do otimismo, Marinho cai em contradição ao afirmar que “política não levanta ninguém”. Com relação à opção política, ainda não há definição. Ele vai negociar com PDT ou PTB, explicando que pre-

tende entrar num partido que se identifique mais com o povo.

Enquanto não se decide, Marinho planeja sua festa de despedida do futebol, embora já tenha até recebido um convite para voltar ao Rio e envergar a camisa do Vasco da Gama. Acha difícil aceitar a proposta, mas promete a presença de Zico, Sócrates, Falcão e até ídolos do exterior no seu último jogo, que será no Castelão com homenagens aos clubes que o projetaram — Riachuelo e ABC — e uma dedicatória especial a Alberi, considerado por ele o maior jogador do Rio Grande do Norte. □

CULTURA

No Museu ‘Câmara Cascudo’ o início de uma nova fase

“O Antigo Testamento faz referência ao emprego do betume na arca de Noé e na construção da Torre de Babel, mas estudos de arqueólogos demonstram que o petróleo foi utilizado há quase seis mil anos. Povos do antigo Egito, da Mesopotâmia e da Pérsia aproveitaram o betume para pavimentar estradas, calafetar as grandes construções da época, aquecer e iluminar suas casas”.

A pequena lição está inserida na parte inicial da “História do Petróleo”, contada em exposição que ocupa três salas do andar superior

do Museu Câmara Cascudo, cuja duração está prevista para três anos. Em stands, painéis eletrônicos e vídeo-cassete, os visitantes podem tomar conhecimento, por exemplo, que os egípcios usavam o petróleo para unir as pedras das pirâmides e para embalsamar seus mortos. Ou que em 1953, após a acirrada campanha de “O Petróleo é Nosso”, o Governo Federal outorgou a Lei 2004, instituindo o monopólio estatal e criando a Petróleo Brasileiro S/A — Petrobrás, sociedade por ações, de economia mista, com predominância obrigatória de

capital subscrito pelo Governo da União.

Mas isto não é tudo. Na verdade, a exposição, efetivada através de um convênio entre a Petrobrás e a Funpec — Fundação Norte-riograndense de Pesquisa e Cultura — órgão atrelado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, marca uma nova era do Museu da Hermes da Fonseca. “O Museu nunca esteve em tão boas condições financeiras”, confidenciou o professor Veríssimo de Melo, diretor daquela instituição cultural, sem detalhar os benefícios do convênio nessa área.

Sabe-se, porém, que o corpo docente do Museu Câmara Cascudo mostrou-se, inicialmente, contrário à formalização do convênio com a Petrobrás, alegando que a exposição fugia dos critérios que compõem o acervo de amostras ali instalado. Veríssimo, apesar disso, finalizou o acordo, e hoje, todos reconhecem o mérito da decisão.

OS BENEFÍCIOS — Antes, nenhum sinal atraía atenções para o Museu. Atualmente, quem se locomove pela Avenida Hermes da Fonseca vislumbra uma atraente placa luminosa, cuja indicação realça os

propósitos de divulgação de estudos de Antropologia Cultural, Paleontologia, Malacologia e Geologia, estrategicamente situados pelas vastas salas do MCC. O suprimento de verbas do convênio contribuiu não só nisso, mas para que o próprio prédio recebesse uma pintura e aparelhos de refrigeração em seus compartimentos.

Rose Marie Barreto, recepcionista do Museu Câmara Cascudo, acrescenta que houve uma expansão do número de visitantes. “Estamos recebendo mais alunos por turno”, disse ela, considerando que há condições de atender até 90 alunos. Enquanto uma turma fica na sala do vídeo-cassete; a outra visita as demais dependências. Ressalta, também, que o convênio com a Petrobrás proporcionou mais recepcionistas para o atendimento aos visitantes, e “até um sistema de som” para harmonizar o ambiente.

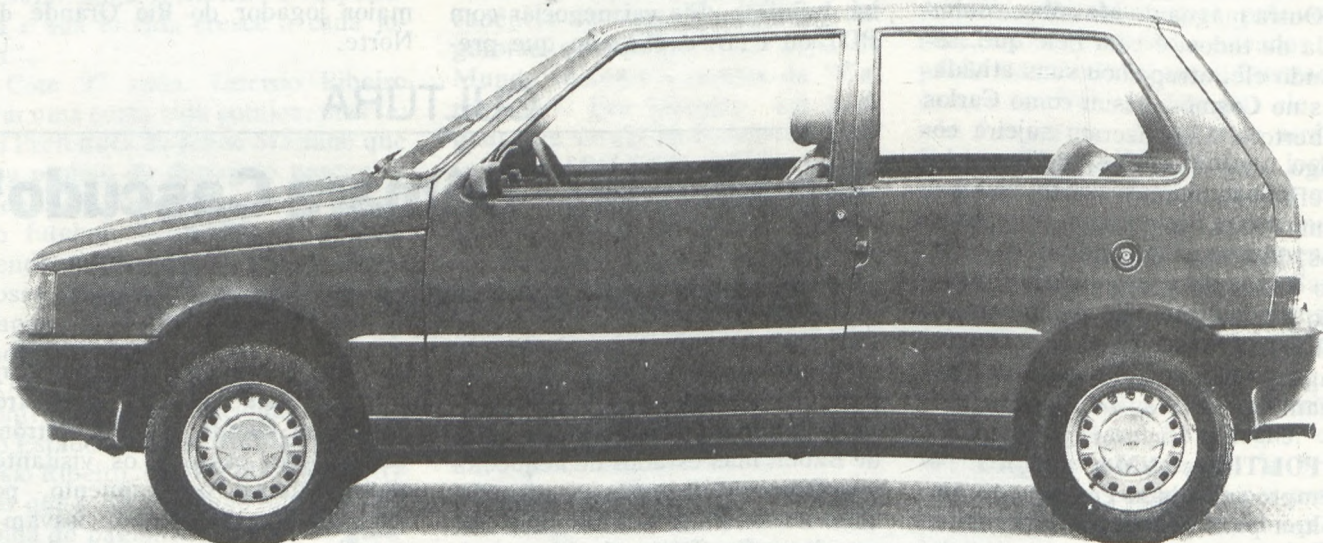
Nas três salas alugadas no andar superior do Museu para montar a exposição sobre a História do Petróleo, o fluxo de visitantes é considerável. Uma funcionária revelou que, em média, 50 pessoas comparecem ali diariamente, e reconhece que o convênio trouxe mais “divulgação e

conhecimento” para o MCC. Manoel Nunes, professor de Matemática, visitava o local numa calorosa tarde de quarta-feira, acompanhado de três alunos.

O professor e seus alunos percorriam o setor do acervo sobre Antropologia Cultural quando o repórter entrevistou. Abordado, Manoel Nunes considerou que “há muita coisa interessante no Museu; muitas novidades que ajudam no crescimento intelectual dos alunos”. Reclamou, entretanto, da ausência de um acompanhante “entendido” que pudesse explicar melhor as peças e as amostras ali expostas. “Está bom, mas não excelente; falta muita coisa”, disse ele, lembrando que um dos seus alunos — estudante do 1.º Grau — havia notado a falta do esqueleto humano entre as muitas coisas que havia visto.

ALOÍSIO MAGALHÃES — A movimentação cultural do Museu Câmara Cascudo, entretanto, não pára aqui. Veríssimo de Melo, entusiasmado, anuncia que outras exposições e eventos similares tomarão lugar na pauta de programação a ser elaborado sob sua direção. Mostrou empenho na exposição e

Um novo tempo, Fiat Piasa.



FIAT PIASA, agora mais perto de você. Mais perto por muitas razões. A primeira delas é para lhe atender melhor. A segunda, para dar

melhor assistência ao seu Fiat. A terceira, para lhe oferecer os melhores planos de negócios em todas as linhas de produtos, peças e

serviços. Mas, tem ainda outras razões e sobre elas conversaremos pessoalmente. Venha à FIAT PIASA e sinta-se à vontade.

Piasa

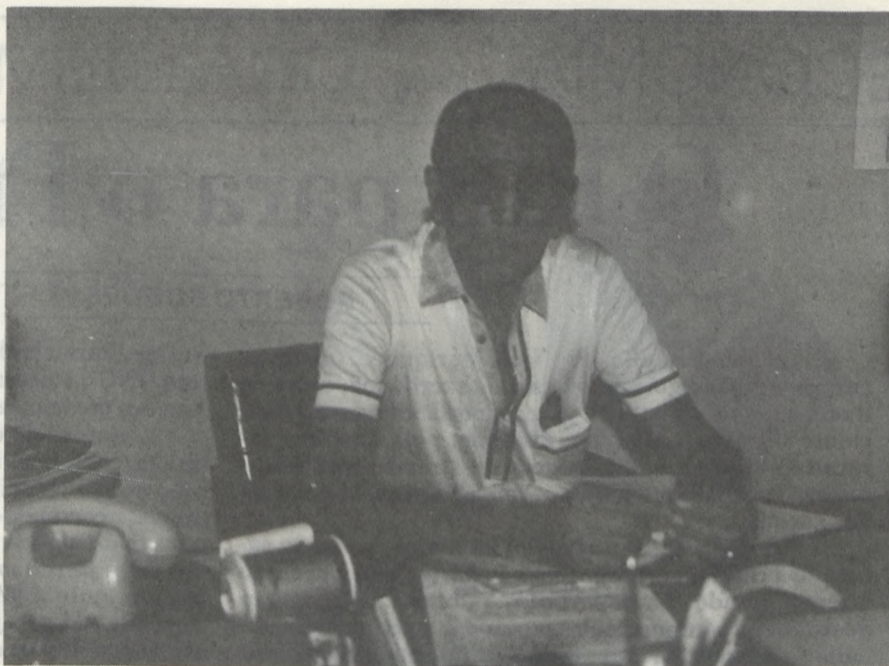
Av. Sen. Salgado Filho, 1669 — Lagoa Nova — Fone: (084) 222-1588
Telex: (0842) 350 PSAU — 59.000 — Natal-RN

CONCESSIONÁRIA
FIAT
Automóveis s.a.

“Aloísio Magalhães e o Desenho Industrial no Brasil”, que ocupou as salas do MCC a partir do dia 8 de novembro, depois de merecer elogios, entre setembro e outubro de 1983, em exposição realizada no Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand”.

“Designer e planejador cultural, Aloísio Magalhães representa a materialização da inventividade brasileira, configurada em seu trabalho como desenhista industrial (de 1960 a 1975-80, no Rio de Janeiro), com resultados que se desdobram por todo o país”, seria a resposta para quem perguntasse quem foi Aloísio Magalhães. Originariamente, a exposição inaugurou a nova Agência do Banco Boavista na Barra da Tijuca, no Rio, em 31 de maio de 1983.

Nascido em Recife, Pernambuco, em 1927, Aloísio Magalhães morreu em Pádua, Itália, em 1982, com 55 anos. Graduado pela Escola de Direito do Recife, onde concretizou sua formação humanista, foi levado por uma forte visualidade que sempre o fez desenhar. Inicialmente, interpretava paisagens de Recife e Olinda, apelando para o figurativo e



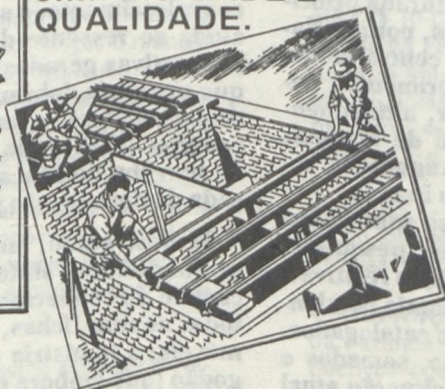
Veríssimo de Melo: exposições

o abstrato, com técnicas que variavam entre guache, lápis, carvão, aquarela, óleo e litografia. Atuou também como cenógrafo e figurinista para teatro. Em 1968, venceu o concurso do desenho das novas cédulas brasileiras, inovando neste

campo: trouxe para o Brasil a tecnologia de produção do dinheiro, permitindo que a nova série de bilhetes atuais fosse totalmente criada e produzida no país. Enfim, foi um artista digno de abrilhantar o Museu Câmara Cascudo. □

LAJES VOLTERRANA

**ECONOMIA,
SIMPLICIDADE E
QUALIDADE.**



Com Lajes Volterrana você ganha tempo e dinheiro na sua construção. E tem a garantia de uma qualidade mundialmente reconhecida. A SACI fabrica o produto e ensina, orienta e se responsabiliza em tudo sobre as Lajes Volterrana. E ainda lhe oferece muitos outros pré-moldados de cimento, para facilitar a sua construção.



Rua Pte. Bandeira, 828 — Tels.: 223-3626/3627/3628
Av. Rio Branco, 204 — Ribeira
NATAL-RN

As melhores impressões vão passar por aqui.

O RN/Econômico não é apenas o mais bem equipado parque gráfico do Estado

E também o mais veloz. Se você duvida, faça um teste: ligue para 222-4722 e diga qual é o seu problema.

A partir daí, toda uma equipe fica à disposição de sua empresa. Para serviços de off-set, policromia, tipografia, fotocomposição, fotolito, plastificação, composição de livros, jornais e revistas, impressão de notas fiscais, duplicatas, faturas e promissórias.

Vamos, telefone. Sua empresa vai ter uma excelente impressão do nosso parque gráfico.



RN/ECONÔMICO
Serviços gráficos de qualidade
222-4722

O PIB para o Prefeito

ROBERTO GUEDES

Eleger-se Prefeito de Natal enriquece qualquer currículo, mas agora impõe sérios sacrifícios, entre os quais o de administrar uma economia altamente deficiente — responsável, por exemplo, pelo fato de a arrecadação própria da Edilidade mostrar-se insuficiente para cobrir ao menos a sua folha de pessoal e encargos sociais.

O mal não é recém-nascido: há muito tempo se sabe que a capital potiguar tem boa parte de seu produto interno gerado em repartições públicas, e ninguém desconhece a importância que se dá, aqui, aos dias finais de cada mês, quando os militares aquartelados recebem o soldo e vencimentos.

A propósito, é sempre bom lembrar que Natal enfrentava dificuldades econômicas e a falta de perspectivas, quando estourou a Segunda Guerra Mundial, e adquiriu novo ânimo com a militarização de seu espaço, inicialmente com a presença dos aviões e soldados norte-americanos e, daí por diante, com a crescente participação de fardas nacionais na vida parauquiana. Só houve arremedos de fortalecimento da economia local, depois da Segunda Guerra, por volta dos anos 60, até mesmo como decorrência do novo estado de espírito relativo a investimentos, instaurado no Nordeste como um todo pela implementação da política desenvolvimentista idealizada por Celso Furtado, e na primeira fase dos 70, graças àquele entusiasmo construtor que o então Governador Cortez Pereira conseguiu injetar pelo menos nas elites da terra.

Forando isto, temos uma economia municipal altamente dependente dos barnabés e estruturada principalmente no setor de comércio e serviços, porque Natal, a despeito de ainda ser o principal centro industrial do Rio Grande do Norte, não experimentou nenhuma expansão respeitável nesse setor, ultimamente, e, pior, ainda amarga o fechamento de algumas unidades que dez anos atrás eram inauguradas como verdadeiras redensões da cidade e do Estado.

Como já é notável o avesso que setores administrativos locais devotam aos levantamentos, pesquisas, estatísticas e projeções, qualquer apreciação relativa à situação estrutural e conjuntural da economia natalense tem que passar ao largo de índices não catalogados. Assim, há poucos elementos capazes de, somados e cruzados, formarem um perfil nítido da situação atual da economia natalense. A exceção é a pesquisa sobre os indicadores conjunturais do comércio varejista, não somente de Natal, mas da chamada "Grande Natal" (ou seja, tornando ainda mais turvos os contornos da situação vivida nesta capital), que vem sendo tocada periodicamente pela equipe da economista Jaíra Bonifácio, da Secretaria de Indústria e Comércio.

Em sua segunda edição, lançada recentemente, ainda que datada de setembro, o "Perfil do Comércio", que reúne essas informações, garante que de janeiro a junho últimos o comércio varejista da micro-região experimentou "indícios de melhoria"; as vendas ganharam um novo ímpeto, segundo Jaíra, crescendo 32,3% em relação ao mesmo período do ano an-

terior. Paralelamente, o Indicador do Nível de Consumo (INC), calculado com dados acumulados, apresentou um crescimento real de 15,9%.

A síntese do quadro é esta, produzida pela economista: "Embora ainda não estejamos em fase de euforia, pois o crescimento não ocorreu de forma harmoniosa, ocorrendo queda persistente no ritmo do faturamento de alguns ramos mercantis, julga-se que o pior da crise já passou". Depoimentos colhidos informalmente junto a líderes empresariais de vários setores, ressaltando-se o jovem Airton Soares Costa, dão conta de que já depois de junho e mais notadamente a partir de outubro as vendas em Natal estão aumentando — em parte, naturalmente, trata-se de uma expansão cíclica, sazonal, face à proximidade do 25 de dezembro e do 13.º salário, mas não há como comparar a performance atual com as dos cinco anos imediatamente anteriores.

Em paralelo, entretanto, ainda há muitos ângulos permitindo melhorar a visão da questão. O segmento industrial de Natal ainda sofre, terrivelmente, as conseqüências da política econômica que levou o país a jogar no mercado aberto, em detrimento dos investimentos nos meios de produção. A verdade é que a iniciativa privada, aqui, só se expandiu no setor petrolífero, graças às atividades afins, que exigem a montagem de infraestrutura administrativa em lugares próximos às áreas de prospecção e exploração. Nem mesmo a indústria da construção civil, segmento mais dinâmico do setor secundário daqui, exibiu sintomas de convalescimento, e ao lado disto a economia natalense ainda se ressentida da frustração de algumas ótimas perspectivas geradas de cima para baixo, como aquela que prometia dobrar, pura e simplesmente, a arrecadação estadual do Imposto sobre a Circulação de Mercadorias (ICM) após o início das atividades da fábrica de barrilha de Macau, sempre adiada e agora ameaçada de desativação plena.

Temos, então, um mercado imobiliário em crise profundíssima, sintomatizada por gestos individuais, como o do conhecido corretor Arnon Sávio, de colocar todas as suas fichas, eventualmente, no ramo de automóveis; a indústria de óleos e descaroçamento de algodão (que embora espalhada pelo interior, refletia na economia da capital) à beira do colapso total e, tragédia das tragédias, o parque têxtil integrado, com suas modernas fábricas de confecções, em pleno estado de inércia.

É evidente que a estagnação de setores tão fortes na absorção de mão-de-obra, notadamente da não qualificada, teria que produzir um mal social gritante, daí porque os partidos políticos em disputa se engalfinharam na campanha eleitoral querendo definir quem tinha as estatísticas mais apropriadas para o exame da matéria. Vem daí, também, a inclusão de oferta de milhares de novos empregos, tanto na iniciativa privada como no serviço público, entre as metas de um dos candidatos quando em litígio.

AGENDA DO EMPRESÁRIO

ÍNDICE

ORTN	
Outubro	Cr\$ 58.300,20
Novembro	Cr\$ 63.547,22
CORREÇÃO MONETÁRIA (corrige ativos financeiros a partir de 1.º de novembro)	
	9,54%
CORREÇÃO MONETÁRIA ACUMULADA — 12 meses — (Esse índice reajusta os aluguéis industriais e comerciais que vencem em OUTUBRO e têm cláusula de reajuste anual)	
	215,80%
CORREÇÃO MONETÁRIA ACUMULADA — 6 meses — (Índice que reajusta os aluguéis industriais e comerciais com cláusula de reajuste semestral)	
	85,99%
CORREÇÃO MONETÁRIA — janeiro a outubro — (Índice que corrige os cheques de devoluções do Imposto de Renda sacados a partir de 1.º de novembro)	
	160,09%
POUPANÇA (RENDIMENTOS) — correção monetária mais 0,5% de juros	
	9,54%
SALÁRIO MÍNIMO	
	Cr\$ 600.000
ALUGUEL (RESIDENCIAL) — Outubro	
Anual	175,48%
Semestral	57,58%
INFLAÇÃO	
Mensal (outubro)	9,0%
Em doze meses	212,8%
Janeiro a outubro/85	157,5%
Índice de Preços por Atacado (outubro)	9,5%
Índice de Preços ao Consumidor (outubro)	8,4%
Índice Nacional de Custo da Construção Civil	6,7%

IMPORTANTE

- **MICRO** — O Conselho de Desenvolvimento das Micro, Pequena e Média Empresas, cumprindo orientação do Ministério da Indústria e Comércio, lançou o manual da microempresa (2.ª edição), agora revisto e atualizado. Ali o empresariado encontrará informações práticas sobre direitos e deveres, na esperança que se torne mais rápido o acesso aos benefícios previstos no Estatuto da Microempresa. Mas o próprio manual faz um alerta: nem todos os problemas burocráticos e fiscais que afetam a vida das empresas podem ser resolvidos através da lei federal, pois vários desses problemas situam-se na esfera de competência exclusiva dos Estados e municípios.
- **CRÉDITO** — Por decisão do Conselho Monetário Nacional, foi reduzido o prazo máximo de financiamento dos bens de consumo duráveis de 36 para 12 meses. Automóveis e eletrodomésticos tiveram sua comercialização mais atingida que as demais. A medida não se



aplica à compra de máquinas, equipamentos, tratores, caminhões, ônibus e barcos de pesca profissionais, desde que de origem nacional. O CMN também aprovou a extensão do prazo de validade dos preços mínimos da safra 1985/86 por mais dois meses, de abril para junho do próximo ano. E MAIS: Governo e iniciativa privada receberam autorização para importarem arroz, carne, milho e batata.

• **TRIBUTAÇÃO** — Parecer Normativo CST n.º 12, de 07 de outubro do corrente ano, concluiu que as gratificações por diferença de caixa pagas a empregados, enquanto manipularem efetivamente valores, até o limite de 10 por cento de sua remuneração, não serão computadas para efeito de tributação, quer na fonte, quer na declaração anual de rendimentos. O valor que exceder ao resultante do percentual referido será considerado como rendimento tributável na fonte e na declaração.

• **IMPOSTO DE RENDA** — O assalariado que ganha até Cr\$ 10 milhões mensais pagará menos Imposto de Renda na Fonte. Em compensação, aqueles que estão na faixa entre Cr\$ 30 e 40 milhões serão enquadrados em alíquotas maiores. Como já acontece com o setor financeiro, as empresas pagarão Imposto de Renda semestral. É o pacote tributário.

• **AÇÕES** — Será no dia 18 de novembro corrente a venda do lote gigante de 5 bilhões de ações da Petrobrás, através de 10 mil agências bancárias.

• **POUPANÇA TRIMESTRAL** — Já está com o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro, a proposta do BNH e respectivos agentes financeiros da habitação, de abatimento de 20 por cento do saldo médio sobre a renda bruta nas declarações de renda, quando do surgimento das Cadernetas de Poupança com rendimento trimestral, a serem criadas no próximo ano.



O TALENTO AO SEU ALCANCE.

— Além de Processamento de Dados, **SISTEMA** lhe oferece, agora, Cursos de Treinamento em **DBASE**, **VISICALC** e outros aplicativos de alta utilidade gerencial.
— Oferece ainda hora blocada em micro, com impressora.

— **INFORME-SE: 231-4215 — 231-4890**

SISTEMA
O talento faz a diferença

Durante o regime militar a **Bienal Internacional de São Paulo**, uma das três maiores mostras no gênero, passou por diversas crises que deixaram bem claro o descontentamento de artistas, críticos e países em face de uma realidade política bem conhecida por todos.

Recursos extremos foram utilizados com o objetivo de salvaguardar o acalentado sonho de Cicilo Matarazzo, criador da Bienal e até o seu falecimento, em 1977, seu principal animador. Com a abertura política, porém, a Bienal reconquistou espaços e, coincidindo com a Nova República, readquiriu um prestígio que pode ser contado pelo expressivo número de artistas e representações nacionais, totalizando 2.400 obras de 400 artistas de 46 países, além dos Eventos Paralelos — conferências, cinema, performances e a instigante presença de um músico genial como John Cage, considerado pela crítica a grande estrela desta Bienal, de butiques e de uma afluência de público que se distribui diariamente pelos três pavilhões do prédio situado no Ibirapuera, de terça a domingo, das 13 às 23 horas, num testemunho incontestável de que a nova diretoria da Bienal está realmente trilhando o caminho certo.

1. **Grandiloquente, irônico, dando à pintura um tratamento literário**, o peruano Herman Braun-Vega (Lima, 1933), atraiu a simpatia do público jovem. Braun-Vega insere-se numa corrente de arte contemporânea

hiperrealista que retoma, a partir de um enfoque bem humorado, toda uma tradição da chamada pintura erudita. Assim vemos na sua obra a releitura de mestres como Picasso, Rembrandt, Velazquez, Ingres, La Tour, Manet e Monet, "aculturados" em obras de grande efeito visual. Sua revisão do célebre Rembrandt "Lição de Anatomia" refere-se ao morticínio praticado pela polícia política contra se-

dante de sua pintura eclética, somos levados a pensar não sobre pintores propriamente, mas sobre o escritor argentino Jorge Luis Borges e o seu mundo circular. Em Braun-Vega o detalhe é importantíssimo e determina todo o resto.

2. As instalações são um capítulo à parte e ocupam uma grande área da Bienal. Mas as grandes estrelas são um brasileiro (Alex Vallauri) e um norueguês (BJor-

sado" e do seu palácio onde o consumismo e o kitsch criam situações jogosas bem características. Bjorlo, por sua vez, trabalha um ambiente sombrio que apela diretamente ao olfato e ao tato do espectador. Sua caverna, forrada de minúsculas tiras de borracha, contém uma série de lineogravuras produzidas nos últimos três anos.

3. A melhor representação nacional, do ponto de vista didático, reúne artistas neerlandeses. Por outro lado, fica o registro de uma produção de alto nível artístico e a preocupação do comissariado holandês no sentido de nos proporcionar uma visão abrangente do processo criador que engloba a obra de um precursor como Ouborg, falecido em 1956, e a nova geração, composta por artistas jovens como An-suya Blom, Marlene Dumas, Gea Kalksma; Rob Scholte e Emo Verkerk, todos com menos de trinta anos. A figuração neerlandesa recente destaca-se, inclusive pelo artesanato, por uma pesquisa extremamente pictórica, textualizada, embora a linha e a perspectiva sejam preocupações e práticas relevantes, por exemplo, num artista como Rob Scholte (nascido em 1958), cujos quadros situam-se num extremo que vai de Escher ao hiperrealismo de caráter mais europeu que norte-americano. São notáveis os retratos de Emo Verkerk que, pelo seu virtuoso modelado, lembram dramáticas esculturas pintadas.

4. Os alemães da nova geração (Salomé, Ella Santarossa) mereceram



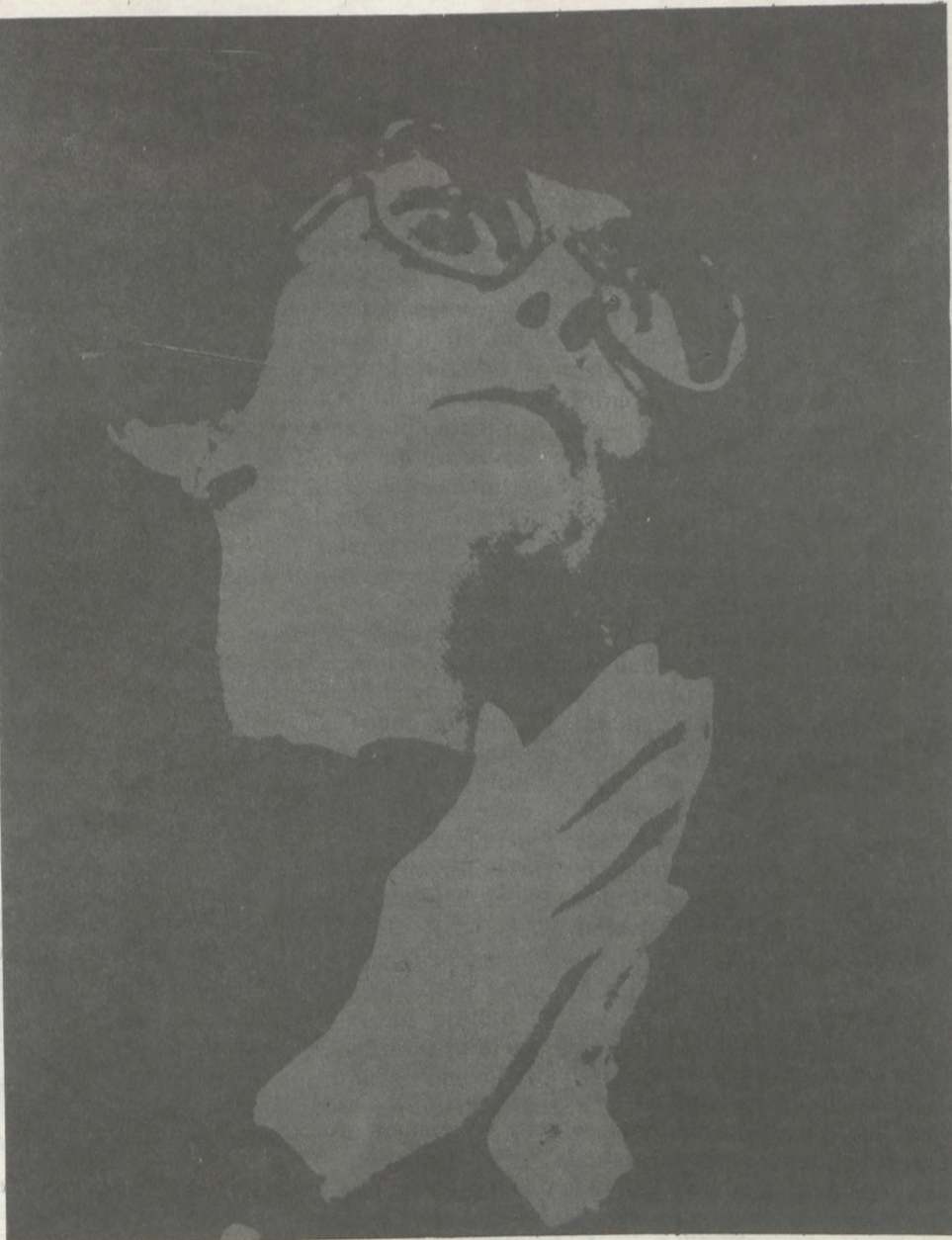
res humanos insatisfeitos com o autoritarismo, por exemplo, latino-americano representado pela figura condecorada. Na verdade Braun-Vega faz a paródia da pintura universal, mas,

lo). O primeiro, célebre grafiteiro de prestígio internacional, deu-nos uma divertida ambientação que recoloca a questão do novo-riquismo, encarnado na figura da "Rainha do Frango As-

um grande destaque por parte da crítica. Eles fazem a pintura descartável, destituída de glamour, instintiva, praticada com maior competência por artistas brasileiros da chamada Geração 80. Os alemães, aliás, são os cearenses das artes plásticas contemporâneas.

5. A maior representação, classificada não por países mas por tendência, foi também a que mereceu as mais duras críticas. Trata-se de um amplo painel denominado "A Grande Tela" ou, para alguns espectadores, uma versão artística do "corredor polonês". Realmente, somos massacrados por uma avalanche de telas de grande formato nas quais o gestual parecia ser a tendência dominante. O expressionismo esteve presente em quase todos os departamentos da Bienal, a começar pela retrospectiva, no terceiro andar, do expressionismo brasileiro — uma das mais completas amostras, no gênero, realizadas até hoje no Brasil.

6. A pintura contemporânea está voltada para a auto-satisfação. O narcisismo, não importa sob que forma se apresenta, especialmente nos artistas jovens (e esta foi uma Bienal marcadamente jovem), transformou-se em tema pictórico que vai do hedonismo até a neurose ainda não diagnosticada. O nonsense neo-surrealista manifesta-se especialmente na pintura de um modo geral e em algumas instalações (voltamos sempre a Vallauri). Sem falar, é claro, nas



Tancredinho mon amour: instalação de Alfredo Jaar

performances, entre as quais a de Guto Lacaz.

7. Entre a Ciência e a Ficção, ponto alto da Bienal, seria também a mostra de maior impacto sobre todos os visitantes. O divórcio entre a ciência e a arte, que remonta à época de Leonardo da Vinci, culminando no século XVI com a pregação de Francis Bacon, que aconselhava aos cientistas evitarem

“o aprendizado delicado das artes e a se concentrarem em objetivos científicos, como a conquista da natureza”, embora, desde a antiguidade, arte e tecnologia (techne, em grego, significa tanto arte como técnica) fizessem parte de uma mesma realidade. Vídeos, objetos cinéticos que tiveram no brasileiro Abraham Palatnik (nascido em Natal) um precursor, anteriormen-

te premiado na Bienal Internacional de São Paulo, nome conhecido e respeitado no mundo da arte, propostas conceituais, som e cores, tudo isto contribuiu para o grande sucesso desta mostra que coloca a tecnologia e a criação a serviço da fantasia.

FRANKLIN JORGE

Abobrinhas, que vocês merecem

ADRIANO DE SOUZA

Em Natal, mesmo os torcedores de futebol são imbecilizados. Jamais irão além da mediocridade, enquanto senso crítico. O escândalo prossegue — políticos, máfia —, à imprensa pouco se nos dá a tarefa de elucidá-lo — devolvendo, assim, parte do preço do ingresso — e o massacre continua.

Os rádios continuam ligados, os jornais ainda chegam às bancas e a credulidade dita a moda para o verão. Nós, os primitivos, jornalistas de mãos sedosas, continuamos afagando a delicadeza dos ratos. Somos como fomas, larvas do deus mítico que fede...

★ ★ ★

Futebol está se transformando em coisa inóspita. Nem mesmo o sentido lúdico enxergado por Rubens Gershman e Portinari, o gume passional poetizado pelo Corvo de Itabira ou o cerebralismo mitológico celebrado pelo Cão sem Plumaz evitam os bocejos aos quinze minutos do primeiro tempo.

★ ★ ★

Alberi merecia um circo mais festivo para o seu jogo de despedida. Futebol é festa, rito bárbaro. Por isso mesmo a tragédia pede passagem, vazequando. Queima bandeiras, infarta, violenta. Traz saliva e sangue ao baile, assaltando a quietude dos contentes, que teimam em ver a banda passar mesmo quando é hora do baile das feras. Precisamos de um cristão para ser jogado aos leões.

Por ser um símbolo, Alberi merece mais que o círculo branco da memória. Por tudo o que representa. Sobretudo o fim de uma época em que a genialidade calçava chuteiras e emprestava magia ao marasmo, trocando a mecânica da realidade pelo caos de qualquer delírio.

Patético. Um grande adjetivo para uma grande farsa. Exibir as chuteiras e o modo demoníaco de usar o corpo para o concreto armado e a penumbra. As latas de cerveja. Os vendedores de cachorro-quente. Os gandulas enfastiados. Os coleguinhas que coaxam no brejo.

Ele. Correndo em círculos, no epicentro do vazio. Sem consciência de que a glória dura o átimo de uma página de jornal.

Eles. Arturo Bandini. Garrincha. Malte Laurids Brigge. Miss Corações Solitários. Heleno de Freitas.

Seymour. Veludo. Tod Hacket. Vera Rivken. Jim Morrison. William Carlos Williams. Esses animais que não se acostumaram.

É mais que uma questão de saudosismo. É como ouvir jazz.

★ ★ ★

Comentário do velho canalha Perry White, de camisa verde, ajeitando as lentes escuras, ao volante do seu Ford Del-Rey:

— As redações estão infestadas de acólitos, datilógrafos e poetas. O último jornalista morreu antes do futuro.

★ ★ ★

Rádios. Tevês.

goooooooooooooooooooooooooooooooooooool!

(O domingo é um cachorro escondido debaixo da cama.) Quintana

★ ★ ★

esse jeito
de meia-armador
(cerebral
distante)
é pra disfarçar
a vontade
de ser
goleador
poeta
centro-avante
(Régis Bonvicino)

★ ★ ★

Não, não que eu me pretenda diferente; mas estaria sendo arrogante se me quisesse igualar a eles. Não sou. Não tenho nem sua força nem sua grandeza. Eu me alimento, e de refeição em refeição existo sem mistério algum; mas eles sobrevivem quase como se fosse eternos. Postam-se nas suas esquinas cotidianas, mesmo em novembro, e o frio não os faz gritar. O nevoeiro chega, deixa-os indistintos, e incertos, e ainda assim eles são.

★ ★ ★

O resto é literatura. Em caso de dúvida, use o xis. Ou o cifrão (Rilke).

A CHAVE DO TESOURO ESTÁ NO ELDORADO, O CONSÓRCIO NATALENSE.



O Consórcio Eldorado é o caminho que leva você do sonho à realidade do carro novo ou usado, de todas as marcas. Motos também. A álcool ou a gasolina. Parece um sonho mas não é. Afinal, o Consórcio Eldorado trabalha com duas maravilhas da vida moderna: o automóvel e a moto. Em três anos de atuação o Consórcio Eldorado já entregou a seus consorciados 862 veículos novos. O pioneirismo também faz parte do Eldorado. Pois, foi o primeiro Consórcio a criar grupos de carros usados, e o sucesso já é tanto, que em menos de 90 dias já lançou um terceiro grupo desta categoria. Além do mais o Eldorado é o único Consórcio local, que trabalha com todas as marcas, sem burocracias



e sem perda de tempo. As muitas solicitações já comprovam o sucesso. O Eldorado, nesses três anos, já formulou 18 grupos de consorciados, sendo 11 para carros novos, 3 para veículos usados, e 4 de motos, com aproximadamente 1.700 associados. Venha ao Eldorado. Fique à vontade em suas novas instalações com amplo estacionamento e exposição de veículos de todas as marcas, para sua maior comodidade. Quem compara fica com o Eldorado. Pois além de todas as vantagens oferecidas, o Consórcio estendeu aos seus clientes, a promoção da VW não aumentando o preço dos veículos dessa marca, durante o mês de março.



ELDORADO ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIO LTDA.

Av. Prudente de Moraes, 1108 — Tel.: 222-9246 — Tirol — Natal-RN.



SENIOR LEVEL SERVICE GALLERY

Participation in the Worldwide General Motors Service Development System requires a commitment to providing the highest standards of customer satisfaction. The following dealerships are recognized for successful completion of six Service Development System Modules. In achieving this level of performance, they join the Worldwide General Motors Gallery of Senior Status SDS Dealerships.



BRAZIL				AUSTRALIA
ABC - Irmãos Garcia Veics. e Peças S.A. Uberlândia - MG	Cicat S.A. Ind. e Com. Goiânia - GO	Servibras - Serv. e Veics. Bras. Ltda. Casias do Sul - RS		
Agreste Veics. Ltda. Caruaru - PE	Copave Com. Parauto de Veics. S.A. São Sebastião do Paraíso - MG	Silmar-Mercanti de Veics. Ltda. Campinas - SP	NEW ZEALAND	
Auto Canela S.A. - ACASA Canela - RS	Graciano R. Alfonso S.A. Veics. Aracaju - AL	Trans-Am Veics. e Serv. Ltda. São Paulo - SP		PHILIPPINES
Autofrancia Veics., Peças e Serv. Ltda. Franca - SP	Guapore Veics. e Auto Peças S.A. São Paulo - SP	Trauer & Cia. Ltda. S. Lus Gonzaga - RS		
Auto Imperial S.A. Petrópolis - RJ	Interlagos Veics. Ltda. Marcelino Cândido Romão - PR	Veibrás S.A. Imp. e Com. S. José dos Campos - SP	SOUTH AFRICA	
Automec - Ind. e Com. Ltda. Sorocaba - SP	J. Dionísio S.A. Aracatuba - SP	Visual Com. e Importadora Ltda. Borretos - SP		PORTUGAL
Auto Passos S.A. Passos - MG	J. L. Lira Brasil S.A. Auto Peças João Pessoa - PB	Via - José Spínchado & Cia. Ltda. Erechim - RS		
Barali - Com. de Veics. Ltda. S. Bernardo do Campo - SP	Johann S.A. Veics. Automot. Imp. e Com. Brasília - DF	Waldemar Koentopp Veics. Ltda. Joinville - SC	CHILE	
Brazauto - Veics. e Peças Ltda. Canoas - RS	Josias S. Veics. Automot. Imp. e Com. Goiânia - GO		LATIN AMERICA	
Burlinaque S.A. Com. e Imp. Passo Fundo - RS	Kristop Veics. e Peças Ltda. Fortaleza - CE			
Casa Artur Hebe Com. e Ind. Ltda. Belo Horizonte - MG	Lider Com. e Ind. Ltda. Minas - MG		MEXICO	
CCV - Com. Curitibaana de Veics. Ltda. Curitiba - PR	Maes Minas Autom. e Lanhoes Ltda. Colfagem - MG			MID-EAST AFRICA
Cia. Comercial de Automoveis Anapolis - GO	Maíra Veics. Ltda. Marfria - SP		VENEZUELA	
Cia. Comercial de Automoveis Brasília - DF	Marinang & Filhas Ltda. Poxeiras Unidas - MG			SAUDI ARABIA
Cia. Geral de Acessórios Pelotas - RS	Marzola S.A. Veics. e Peças Uberaba - MG			
Cia. Geral de Acessórios Porto Alegre - RS	Mesla Veics. Ltda. São Paulo - SP			
Com. de Veics. F. Bittencourt Ltda. Bage - RS	Moto-Rio Cia. Rio Preto de Automot. S. José do Rio Preto - SP			
Com. de Veics. S.A. - Sinoscoi Novo Hamburgo - RS	Natal Veics. e Peças S.A. Natal - RN			
Coatex Com. de Veics. Ltda. Cianorte - PR	P.A. Veics. Ltda. São Paulo - SP			
	Reco Com. de Veics. Ltda. Palotina - PR			

Natal Veics. e Peças S.A.
Natal - RN

NATAL VEÍCULOS GRAVA SEU NOME NA TERRA DO AUTOMÓVEL

Natal Veículos foi premiada em DETROIT, nos Estados Unidos, no grau de "CONCESSIONÁRIA DE QUALIDADE SUPERIOR EM SERVIÇO", pela General Motors Corporation, graças a uma elevada técnica e o especial atendimento que presta a seus clientes.

Das mais de 400 concessionárias espalhadas pelo Brasil, somente 47 conseguiram tal feito. Desta forma, além de estar sempre na lembrança de sua clientela, pela eficiência e categoria, Natal Veículos grava agora seu nome também na terra do automóvel. Questão de competência.



NATAL VEÍCULOS



Br. 101 - Neópolis - Natal - RN